

Absolvido de acusação de pedofilia, Felipe Heiderich diz: "Vivo cheio de cicatrizes"

Inocentado de acusações Felipe Heiderich lança autobiografia e história vai parar no cinema

Felipe Heiderich foi o convidado do "Na lata" de Antônio Formentelli da última segunda-feira (10), pela terceira vez.

Algemado nos pés e mãos prisão de Felipe Heiderich foi registrada e publicada na rede social

6'4"

MUNDO CRISTÃO

Justiça absolve Felipe Heiderich de todas as acusações

Publicado 3 anos atrás em 9 de abril de 2019

6'0"

A INCRÍVEL HISTÓRIA DE ALGUÉM QUE FOI JOGADO NO SUBMUNDO DA MALDADE HUMANA E SOBREVIVEU.

Após ser preso por pedofilia, pastor Felipe Heiderich prova sua inocência

Ministério Público pediu a absolvição de Felipe

SOB OS LAÇOS DA MALDADE

FELIPE HEIDERICH

TODOS SÃO CULPADOS, ATÉ QUE SE PROVE O CONTRÁRIO

EDITORA
ARCADIA

Justiça inocenta Felipe Heiderich de acusação de pedofilia

EVIDÊNCIAS



Absolvido de acusação de pedofilia, Felipe Heiderich diz: "Vivo cheio de cicatrizes"

Inocentado de acusações Felipe Heiderich lança autobiografia e história vai parar no cinema

Felipe Heiderich foi o convidado do "Na lata" de Antônio Fontenelle da última segunda-feira (05), pela terceira vez

Algemado nos pés e mãos prisão de Felipe Heiderich foi registrada e publicada na rede social

6'4"

MUNDO CRISTÃO

Justiça absolve Felipe Heiderich de todas as acusações

Publicado 3 anos atrás em 9 de abril de 2019

6'0"

A INCRÍVEL HISTÓRIA DE ALGUÉM QUE FOI JOGADO NO SUBMUNDO DA MALDADE HUMANA E SOBREVIVEU.

Após ser preso por pedofilia, pastor Felipe Heiderich prova sua inocência

Ministério Público pediu a absolvição de Felipe

SOB OS LAÇOS DA MALDADE
FELIPE HEIDERICH

TODOS SÃO CULPADOS, ATÉ QUE SE PROVE O CONTRÁRIO

EDITORA
ARCADIA

EVIDÊNCIAS

Justiça inocenta Felipe Heiderich de acusação de pedofilia



SOB OS LAÇOS DA MALDADE

FELIPE HEIDERICH



1ª Edição
2022



Copyright © Felipe Heiderich
Copyright © Editora Arcádia, 2022

Todos os direitos de edição e publicação adquiridos pela Editora Arcádia. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão da editora.

Editor executivo

Edivaldo Dias

Produção editorial

Editora Arcádia

Edição

Mari Vieira

Revisão Ortográfica e Gramatical

Rebecca Pessoa

Capa

Joy designer editorial

Diagramação

Editorial Félix

Imagens de capa e miolo

Banco de imagens pessoal e internet

Edição de Vídeos

Max Souza

EDITORA ARCÁDIA.
www.editoraarcadia.com.br

AGRADECIMENTOS

PREFÁCIO

Capítulo 1

E viveram Felizes para Sempre... ou quase...

Capítulo 2

A Loucura de Não Ser Louco

Capítulo 3

O Resgate

Capítulo 4

A Fuga

Capítulo 5

Todos são culpados até que se prove o contrário

Capítulo 6

Bem-vindo a Bangu

Capítulo 7

Ninguém acredita em você!

Capítulo 8

O poder da mentira

Capítulo 9

O Réu e o Santo no mesmo lugar

Capítulo 10

Manchetes de mortes

Capítulo 11

Alma Sofre, Corpo Padece

Capítulo 12

Boa noite, senhor torturador

Capítulo 13

Inocente

Capítulo 14

Vai amanhecer

[LINKS DOS VÍDEOS](#)
[BIOGRAFIA](#)



A incrível história de alguém que foi jogado
no submundo da maldade humana e sobreviveu.

MALDADE

- | | |
|--|--------------------------|
| 1. | 1. |
| qualidade do que é mau; perversidade, malignidade, | crueidade. |
| 2. | 2. |
| o que prejudica ou ofende; atitude má, perversa; | crueidade, desumanidade. |

A primeira vez que você acorda em cativeiro, depois de conseguir dormir pouco, com muita dificuldade, você acha que está livre. Por alguns segundos seu cérebro ainda não processou e você se esqueceu.

Você perde a liberdade, muitas e muitas vezes, dia após dia, até se acostumar que está preso.

À minha mãe, Nerli, a verdadeira heroína desta história.



ANTES DE COMEÇAR, SAIBA

Se você está lendo esse relato, significa que eu sobrevivi.

Contra todas as expectativas, eu sobrevivi.

E mesmo depois de tudo pelo que eu passei, ainda tentaram judicialmente encontrar maneiras e demandas para que nenhuma dessas palavras fossem ditas.

Como não conseguiram tirar minha vida, tentaram calar minha voz.

Então, se você está lendo esse livro neste momento, é porque vencemos, pelo menos por enquanto.

Pode ser que amanhã eu não esteja mais entre vocês ou que alguém consiga calar o meu grito de justiça. Caso isso aconteça, pelo menos sei que mais uma pessoa tomou conhecimento de toda uma rede de maldades por lucro, poder e mídia.

Quando minha voz for calada, sei que a sua gritará por mim.

AGRADECIMENTOS

Apesar de muitas dores, o que faz a vida valer a pena são os relacionamentos que criamos e conservamos. E não há como chegar aqui, neste ponto da vida, sem lembrar de pessoas que mudaram a minha história – e algumas delas cravaram seus nomes com cinzel em meu coração; é impossível retirá-las de lá. São especiais demais.

Quero separar esse primeiro momento para agradecer a dois grupos distintos de pessoas, as quais vou gentilmente definir como bombeiros e médicos.

Bombeiros são os profissionais que chegam quando você corre perigo. Eles enfrentam desastres, inundações, atravessam as chamas para te resgatar. Bombeiros são destemidos, corajosos e, mesmo que por dentro estejam com medo, são naturalmente impulsionados para socorrer. O primeiro grupo de pessoas que quero agradecer são os “bombeiros” que me socorreram. Eles não usavam uniforme ou faziam parte da corporação municipal. Foram pessoas que, quando identificaram a minha ausência, lutaram contra tudo para me localizar e não sossegaram até que eu estivesse resgatado.

A Claudinha e ao Felipe Góes, que contataram minha mãe e meu irmão em Minas e deram os primeiros indícios de que algo estava errado. Eles também nos emprestaram um apartamento para passarmos os primeiros momentos do sufoco. Muito obrigado.

A Carol Nakamura, que sabia da minha paixão por aves e apareceu neste apartamento com uma cama para que eu dormisse, mas também com um casal de calopsitas chamadas Fé e Esperança. Durante muito tempo o som que elas faziam não me deixava sentir sozinho. Obrigado.



Àqueles que juntaram uma oferta e compraram muitos dos meus livros para que eu pudesse ter algum tipo de arrecadação e conseguir me manter nos primeiros meses. Ao Dr. Herdy e Dra. Josy que, mesmo quando eu não era mais vantajoso para o seu consultório ou tinha algo a oferecer, fizeram questão de terminar meu tratamento dentário. Vocês têm uma pureza de alma que poucos possuem. A Erika Kono (in memoriam) que uniu pessoas, lutou, defendeu. Muito obrigado.

Existe um segundo grupo que vou chamar de “médicos”. Bombeiros e médicos são tipos distintos. Um não é melhor que o outro, apenas exercem uma função ou chamado diferente. Depois que os bombeiros saem de cena, os médicos entram em ação, e eles cuidam de você até você ter alta do hospital.

Durante esses três anos de dor – mais de mil dias de sofrimento –, poucas pessoas se dispuseram a chegar, a permanecer, e elas precisam ser honradas. Suportaram críticas, ameaças, dias difíceis e, acima de tudo isso, não desistiram de mim. Sou grato a Deus pela vida de vocês. Quero levá-los comigo para sempre.

À Rodrigo e Adriana Menoli; tenho certeza de que vocês são a definição de tesouro que o sábio Rei Salomão falou sobre quando alguém encontra um amigo. Vocês investiram, estiveram juntos, lutaram, sofreram as minhas dores, compraram as minhas brigas. Vocês se preocuparam e, mesmo mudando para o outro lado do oceano, fizeram questão de ficar por perto. Amo vocês!

À Carla Cheffer, Bruno Rangel, Lilian Osterne, Alexandre Amparo. O que dizer de vocês? Vocês me suportaram em oração. Muitas vezes achei que não iria aguentar, mas as mensagens de vocês me sustentaram – e Carla, obrigado por sempre aparecer com um bolinho no meu aniversário para que ele não passasse em branco. Obrigado.

Ao tio Jason e tia Janice, Karla e Nilio Portela, Leo Souza, Cristiano Gomes e Monik Macedo, simplesmente obrigado por acreditarem em mim.

Em terceiro lugar, e em especial, à minha mãe, Nerli Heiderich, este livro é dedicado a ela. Nunca a vi esmorecer ou reclamar. Vi, durante todo esse processo, seu envelhecimento, suas marcas de expressão e seu emagrecimento aumentarem de maneira vertiginosa, mas nunca saíram dos seus lábios murmúrios e, mesmo nos dias mais difíceis, sempre dizia: *Deus proverá!* E Ele

provia. A senhora é, para mim, símbolo de pessoa de fé. Não saiu do meu lado em nenhum momento, nunca duvidou de mim. Sou abençoado por ser seu filho. Amo-te mãe.

Aos meus irmãos Pedro e Jonas, amo vocês.

PREFÁCIO

Quando eu recebi o pedido para analisar o caso do marido da pastora que havia estuprado seu filho, vi que não seria fácil... Tocar em assuntos polêmicos, tais como religião, sexualidade e estupro é uma tarefa, no mínimo, delicada.

E nesse caso, para piorar, o tribunal da internet já o havia condenado. Antes das novas ondas de cancelamentos que existem e são moda nos dias atuais, ele já havia sido cancelado, e o desejo era que fosse expurgado da sociedade que clamava por sangue.

Mas como sempre: não me envolvo com os personagens que vou analisar no meu canal do Youtube: “NÃO MINTA PRA MIM”

Não me importo se a ‘maioria barulhenta’ já tomou um lado para cancelar, eu vou e faço se acredito que há material a ser estudado e aproveitado não somente pela história em si, mas muitas vezes pelo que podemos tirar de proveito dela! E essa história tinha muito caldo...

Abro o vídeo e encontro um homem careca, magro, com uma cara de “doido” e com um leve jeito delicado. Destruído por dentro e por fora. Um olhar de cachorro que pede para ser adotado.

Pensei: “já perdeu!”.

Mas faço o que tenho que fazer, me abstenho da primeira impressão e começo a análise.

Aos poucos vou percebendo, através da linguagem silenciosa, que ele poderia até ter algum segredo não revelado e compartilhado com aquela audiência evangélica e não evangélica que seguia o caso e queria sangue ou buscava um motivo para o perdão.

Havia um segredo, mas não um estupro!

Neste ponto havia congruência em suas palavras, corpo e olhar: “EU NÃO ESTUPREI!”

Fui buscar o depoimento público da mãe do menino, a pastora do mundo gospel.

Também nela senti muita congruência e ódio quando se referia ao Felipe, mas NÃO quando o assunto era o estupro!

Não tinha mais o que fazer: expus as duas análises e demonstrei NÃO a *minha* OPINIÃO, mas o que eu havia visto e percebido APLICANDO O PROTOCOLO de análise da linguagem silenciosa.

É claro que alguns gostaram da análise, mas a maioria barulhenta me odiou tanto quanto ao Felipe. Li coisas do tipo:

- Não é possível você não ter ganhado nada para fazer essa análise!
- Você não conhece a história da pastora!
- Leva ele para sua casa!
- Isso que você faz não tem valor judicial!

E tudo o que disseram era VERDADE:

- Não ganhei nada;
- Não conhecia a história dela;
- Não conhecia a história dele;
- Análise da linguagem silenciosa não tem o poder de culpar ou absolver ninguém.

Por não os conhecer, tive mais facilidade ainda em não me “contaminar”, e quem julga é a justiça.

Três anos após esta análise, Felipe foi absolvido em primeira estância.

Um ano depois, absolvido em segunda estância.

E um tempo depois assume um novo namoro.

Apenas após todos esses acontecimentos, nos encontramos pela primeira vez, em São Paulo, para um almoço.

Foi estranho, e ao mesmo tempo de muita responsabilidade, abraçá-lo e ver agora um homem atlético, com cabelos e pele cuidados e olhar sereno no saguão de um dos hotéis mais tradicionais da cidade, contrastando com aquele ser magro que passou pelo convívio carcerário com a alcunha de estuprador pedófilo dizendo: “Prazer em conhecê-lo, Ricardo!”.

Foi somente neste dia que eu conheci os detalhes de toda essa trama que realmente daria um livro!

Livro este que você está prestes a ler, e conhecerá de perto trechos angustiantes, doloridos, de verdadeiro sofrimento e livramento que te farão refletir:

“Não julgueis, para que não sejais julgados. Porque da forma que você julgar, você será julgado e com a medida com que você medir você será medido. E por que se preocupar com um cisco no olho dum irmão, quando você tem uma tábua no seu próprio olho? Você diria: 'Amigo, deixe-me ajudar você a tirar esse cisco do seu olho', quando você mesmo nem pode enxergar, com uma tábua em seu próprio olho? Fingido! Livre-se da tábua primeiro, assim você poderá enxergar para ajudar seu irmão.

Peçam, e vocês receberão aquilo que pedirem. Procurem e vocês acharão. Batam, e a porta se abrirá. Pois todo aquele que pede, recebe. Qualquer um que procura, acha. Se vocês apenas baterem, a porta se abrirá”.

Mateus 7.1-8

Ricardo Ventura

Presidente da Sociedade Internacional da Linguagem
Silenciosa – SILS

Capítulo 1

E viveram Felizes para Sempre... ou quase...

A chuva cai lá fora.

O silêncio do quarto me faz escutar cada gota que a nuvem é capaz de libertar.

Estou cansado. Olho pela janela; a neblina cobre as montanhas.

Vou tomar um café.

Viajei algumas horas até chegar aqui. Estou no meio do nada. Preciso me isolar. Sem barulhos, pessoas, celulares. Apenas eu, Deus, a natureza e o silêncio.

Silêncio esse que em muitos momentos me pareceu ensurdecedor, mas que hoje se faz necessário.

Só assim serei capaz de conseguir relembrar tudo o que passei, sofrer as dores e enfim conseguir narrar toda a história.

Eu sobrevivi, mas foi por pouco. Talvez mais um dia, ou apenas algumas horas, e eu não estaria aqui.

Preciso de mais café, só assim conseguirei, mesmo que embargado pelas lágrimas, contar tudo...

Como narrar tudo o que me aconteceu?

Bom, vou começar pelo começo.

O INÍCIO DO FIM

Há uma movimentação estranha no quarto. Bem cedo começaram a me desamarrar. Depois de oito dias amarrado nesta cama, me mover parece algo bem inusitado. Não aplicaram nenhum sedativo – minhas veias agradecem. Têm hematomas no meu braço, meu corpo dói. Disseram que posso sair da cama e tomar um pouco de café numa mesa colocada do lado de fora. “Hoje você vai ver o médico”, disseram, “fica logo após o jardim”. Minha visão está um pouco turva.

Nossa, não tinha visto o jardim, que lugar lindo, deve ser essa a impressão que as pessoas têm quando entram aqui. Ainda estou um pouco zozinho, mas nada de mais – sem as injeções, consegui forças para fingir que estava engolindo os comprimidos, mas não o fiz e quando viraram as costas tirei-os da boca e coloquei no bolso. Achei que iriam ficar esperando para ver se eu os havia engolido, mas eles se distraíram. Quero saber o que está acontecendo.

Onde estou? Será que estou aqui mesmo? Tenho a impressão de que fui sequestrado, mas tudo ainda está muito embaçado na minha mente.

Tem muitas pessoas lá fora, elas parecem fazer algum tipo de recreação.

Uma mulher de baixa estatura vem ao meu encontro e diz que devo ir com ela ao médico. Ela me parece conhecida, mas não consigo lembrar direito. É tão bom ver o sol, estava com tanto frio. Nós caminhamos um pouco, estou feliz em sair do quarto, espero que o médico me diga o que está acontecendo. Escuto a mulher

baixinha dizendo: “Estou levando o *monstro* para a reunião”. Que *monstro*? Eu tento imaginar. *Ela está falando de mim?* Com muita dificuldade, consigo ler o crachá dela: Ângela.

UMA VISITA INESPERADA

Caminhamos um pouco mais pela trilha. O lugar é realmente lindo: muitas árvores, pessoas sorrindo, parece um hotel. Por que eu estava amarrado num quarto nos fundos cheio de grades?

Logo avistamos um pequeno chalé, ali seria o encontro com o médico.

Quando a porta se abre, vejo, lá dentro, minha esposa, um pastor conhecido e mais um homem que eu não sabia quem era. Minha felicidade foi absoluta; abri um sorriso sincero, estiquei os braços e fui ao encontro dela.

“Meu amor”, falei, “Que bom te ver. O que está acontecendo?”. Antes que pudesse envolvê-la em meus braços, o homem na sala imediatamente me empurrou, me forçando a sentar numa cadeira ao lado. “Você não pode encostar ou falar diretamente com ela.”, foi tudo o que disse.

Um silêncio absurdo se instalou no local; ousou dizer que o silêncio tornou-se ensurdecador. A mulher baixinha de nome angelical, murmurando numa altura suficiente para que apenas eu pudesse ouvir, repetia: “Você é um *monstro*!”.

Ao meu lado, esse senhor que eu não conhecia e um pastor, do outro a minha esposa, minha *adorável* e amada esposa

Ele tira uma folha de papel de um envelope e coloca sobre a mesa. “Esse é um documento, senhor Felipe. Nele o senhor pede a anulação do seu casamento, alegando que não houve conjunção carnal nestes três anos de matrimônio; abre mão de todos os seus bens, alegando que todos foram adquiridos apenas com os recursos vindos de sua esposa. No documento também consta que o senhor fará uma declaração pública dizendo que tomou essa decisão pelo fato de ser celibatário e, para ratificar isso, o senhor não se envolverá afetivamente com mais ninguém. Caso o senhor não concorde com os termos, nós sairemos daqui para uma delegacia para denunciá-lo pelo estupro do seu enteado. Temos provas de que o senhor o tem estuprado durante estes três anos de casado. Caso o senhor aceite os termos, o assunto se encerra aqui e cada um segue a sua vida.”

Eu olhava estarecido. Aos poucos, com a adrenalina subindo, sentia meu corpo estremecer; parecia que a adrenalina lutava em meu corpo contra a quantidade de sedativos à que tinha sido exposto e, mesmo com dificuldades, tentava entender o que estava acontecendo naquela sala.

Essa era a (suposta) consulta médica?

“Meu amor” falo olhando para minha esposa. “O que é isso? Deve haver algum engano. Vamos para casa, vamos conversar, procurar médicos, fazer avaliações, isso não faz sentido.”. Antes que eu pudesse dizer qualquer outra coisa, o homem na sala, que agora se apresentava como advogado, me interrompeu. “O senhor

não pode voltar à sua casa, existe uma ordem de restrição. Nunca mais poderá falar com sua esposa, seu enteado e familiares, ou sequer estar perto de algum dos lugares de frequência comum aos dois.”.

“Ordem de restrição?” Questionei. “Como assim há uma ordem contra mim?”.

Mais uma vez sou interrompido. Dessa vez pelo pastor que os acompanhava. Ele viera a pedido de um casal de pastores conhecidos nos Estados Unidos. Mesmo morando em Palmas, no Tocantins, ele veio ao Rio de Janeiro para essa “reunião”. Esperei que ele trouxesse uma palavra de conforto ou um direcionamento sobre o que estava acontecendo. No entanto, suas palavras foram duras, frias e cruéis.

Tomado por ódio ou ira, com um jeito gélido e completamente indiferente, dos seus lábios saíram: “Eu vim aqui representando toda a classe de pastores para pedir a você que nunca mais suba num altar de igreja e nunca mais fale de Deus. Você é uma vergonha para a igreja e para o evangelho. Tenho isso por escrito, já mandamos para o seu e-mail, mas, de qualquer forma, tenho uma via para você. Caso saia da cadeia, procure outro tipo de atividade, mas nunca mais pise numa igreja.”.



17 de Junho de 2016
Heiderich, Felipe
Anulação de Licença Ministerial

Oi, Felipe:

Eu sei que você está ciente de que temos acompanhado todos os detalhes dos ocorridos nas últimas semanas, desde os primeiros relatórios de um tumor cerebral até a descoberta sobre você estar tendo uma vida de perversidade sexual, incluindo com seu próprio filho. Nossos corações estão despedaçados por todas as vítimas desta série de acontecimentos.

Embora nós continuemos a te amar e orar por você, é impossível mantermos sua licença ministerial com a Kingdom Global Ministries. Se houver arrependimento pleno de sua parte, com nada de seu passado escondido, nós ficaríamos alegres em considerarmos reestabelece-la após terapia, reconciliação, arrependimento e restauração de todas as pessoas envolvidas. No entanto, eu acho ser mais sábio, após aconselhamento adequado, você considerar uma profissão secular ao invés de retornar ao ministério. Neste momento, não vejo o ministério como uma opção.

Larry Titus

Mesmo debilitado, consegui forças para não assinar o documento. Ainda me pego pensando como, em meio a tudo isso, eu consegui resistir. Eu realmente fui mais forte do que um dia imaginei que poderia ser.

“Mesmo que você ainda me mantenha neste lugar”, dizia eu, “vou ficar em oração. Deus vai esclarecer as coisas, você verá que tudo isso é uma grande confusão.”.

“Por amor a você, minha esposa, eu vou lutar.”.

Neste momento sou tirado da sala. A mulher de nome angelical, junto com outro funcionário, me leva de volta para o quarto. *Serei novamente amarrado*, penso eu; não importa, alguém virá em meu socorro.

Enquanto caminhávamos de volta, ouvia da mulher que me acompanhava ameaças que me faziam recordar os dias de tortura sofridos. “Quero ver o que vai acontecer com você assim que avisarmos a todos os internos que você é um estuprador de criancinhas. Os drogados e malucos da sua área vão fazer a festa com você.”. “*Monstro*”, “*Monstro*”, “*Monstro*”, repetia.

Mesmo sem conseguir raciocinar com clareza, os pensamentos ainda desordenados, olho para trás. Lá distante, atrás da cerca, vejo um rosto familiar, *parece minha mãe, mas é impossível, minha mãe mora em outro Estado, como ela iria me achar aqui? Há quanto tempo estou aqui? Espera aí, é ela mesmo, é minha mãe!*

Alguém veio ao meu socorro. Eu não estava mais só!

VOLTANDO NO TEMPO

Preciso voltar no tempo para esclarecer algumas coisas.

Como fui parar em um hospital psiquiátrico? Como fui denunciado por estupro? Por que todos me chamavam de monstro?

Quanto tempo fiquei desaparecido? Como fui encontrado? E por que, mesmo após tantas tentativas de assassinato, eu continuava vivo?

Por isso vou retroceder alguns dias, levantar informações de algumas pessoas que fizeram parte deste momento, inclusive quando eu estava em cárcere privado, para que um contexto seja estabelecido e para entender algumas ações que levaram a tudo isso. Confesso que, mesmo hoje, ainda não entendo muita coisa e porque pessoas que eu amava tanto foram capazes de atitudes tão cruéis, por dinheiro, fama, amante ou outras coisas que talvez eu nunca saiba, mas que hoje não causam mais preocupações.

Volto no tempo, mesmo recheado de dor. Eu sempre me calei enquanto se diziam muitas coisas a meu respeito.

A chuva ainda cai lá fora.

Lembrar de cada fato dói, rasga, tortura, dilacera. Dizem que se abrir e falar ajuda no processo da cura, mas é difícil curar algo que não está apenas ferido: está em pedaços.

Acho que vou repetir essa frase em vários momentos da história: “Eu fui quebrado”.

Sofri tantas torturas físicas e psicológicas, tantas decepções e abandonos, que não fui apenas ferido, fui dilacerado. Comparado a um brinquedo quando se quebra e não se sabe mais como consertar.

Eu fui quebrado, e enquanto recolho alguns pedaços de mim, escrevo, choro, ou simplesmente me perco neste vazio enorme que se tornou a minha mente, onde até mesmo pensar parece doer ou não fazer sentido.

ANTES DO INÍCIO

É uma tarde fria em Campinas, Estado de São Paulo. Passei a noite viajando. Tinha saído de uma conferência para casais no interior e precisava estar em outra palestra antes das 19h. Mesmo tendo preparado um material diferente, enquanto me arrumava, parei um pouco para ler um texto que me veio à mente. Era para ser uma noite festiva, de comemorações, mas o texto desta tarde não saía da minha mente. Resolvi, então, falar sobre esse tema que há muito tempo eu não mencionava: “A vida e o sofrimento de Jó – Por que pessoas boas sofrem?”.



Lembro-me que, quando seminarista, sempre falava que gostaria que em minha lápide fosse gravada a inscrição I.R.T.D. Eu tinha como base que se tivesse cumprido a minha missão baseada nestas letras eu estaria satisfeito.

Naquela noite fria de sábado, véspera do Dia dos Namorados, eu me recordei de I.R.T.D, cujo texto foi baseado no Livro de Jó, capítulo 1, quando, em um determinado momento da história, num encontro inusitado, Deus elogia seu servo Jó para Satanás e declara sobre ele as seguintes características: Íntegro, Reto, Temente e que se Desvia do mal: **I.R.T.D.**

“E disse o Senhor a Satanás: Observaste tu a meu servo Jó? Porque ninguém há na terra semelhante a ele, homem Íntegro e Reto, Temente a Deus, e que se Desvia do mal.” ([Jó 1:8](#))

Lembrei-me de grandes homens da história que também deveriam ser inspiração para uma geração rasa, vazia e melindrosa. Por fim, lembro-me de ter dito: “Eu admiro Jó. Ele perdeu absolutamente tudo o que tinha: bens financeiros, amigos e familiares, e mesmo assim permaneceu fiel. Eu não sei se, caso isso acontecesse comigo, eu permaneceria forte e fiel. Acredito que Jó é um homem a ser imitado, pois eu não conseguiria passar pelo que ele passou.”.

Exatamente três dias após palestrar sobre isso, eu me encontrava sem família, sem nenhum pertence pessoal, sem nenhum acesso a bens, abandonado por todos e preso em um hospício.

Terminada a conferência, conversei um pouco com algumas pessoas do local, jantamos e peguei a estrada novamente. Precisava estar cedo em casa. Era domingo, Dia dos Namorados e aniversário da minha esposa e eu tinha passado a semana preparando uma surpresa.

FELIZ DIA DOS NAMORADOS

Cheguei ao Rio de Janeiro e fui direto para a sede da nossa igreja, a AME^[1]; algumas pessoas já estavam me esperando ali. Tínhamos que preparar os últimos detalhes. Além da festa surpresa, ainda tinha a celebração da manhã com a Santa Ceia e a apresentação e consagração de algumas crianças. Tudo estava programado.

Começamos a programação e com um pouco de atraso minha esposa chegou. Eu já estava preocupado; sabia que ela sempre se atrasava, mas eu gostaria que tudo fosse perfeito. Sempre fui muito bobo em relação ao amor. Gostava de dar flores, levar chocolate, escrever bilhetes e esconder em diversos lugares – nunca se sabe quando você pode estar desmotivado ou chateado com alguma coisa e, de repente, pega o sapato ou um livro e lá dentro encontra um bilhetezinho dizendo o quanto você é importante.

Ela enfim chegou, veio acompanhada de duas amigas de fora da cidade. Tudo normal, afinal, era seu aniversário.

A programação ocorreu naturalmente, inclusive com comemorações da data festiva. Crianças cantaram, fizeram preces e muitas fotos. Era um dia alegre. Contudo, a festa pós-culto fora desmarcada.

Minha esposa alegou que tinha diversas reuniões com essas duas amigas e que seria necessário adiá-la, e foi o que fizemos.

Após o evento, almocei com algumas pessoas da igreja, depois fui para casa. Minha esposa prolongou as reuniões e quando chegou em casa à noite, eu já estava dormindo; nem a vi chegando ao quarto.

Foram dois dias de viagens palestrando em cidades diferentes e passando noites sem dormir para chegar em casa no domingo e poder comemorar com o amor da minha vida. Imprevistos acontecem; se não pudemos comemorar hoje, amanhã será um novo dia.

UMA SEGUNDA-FEIRA NORMAL

Experimente passar alguns dias longe do trabalho que você verá que mal o dia amanhece e o seu telefone já está tocando... Acordei apressado e fui direto para o escritório.

Estranhei o fato de o meu enteado ainda estar dormindo; sempre tomamos café juntos. Minha esposa sempre dorme até tarde. Eu acordo enquanto a babá dá banho nele e o arruma para a escola, então me apronto e nos encontramos no café da manhã.

É sagrado. Todo dia tomamos café da manhã juntos, conversamos e conferimos se tem algum exercício da escola para entregar. Além disso, temos um acordo: como a escola dele é ao lado do meu escritório, um dia eu o levo para à escola e no outro dia ele me leva para o escritório; é uma forma dele se sentir responsável. Claro que é o motorista quem nos leva, mas um dia eu fico primeiro no escritório e no outro ele fica primeiro na escola.

Nesta vida agitada do século XXI, entre congressos, empresa, casamento, redes sociais, problemas, é raro você ter tempo de qualidade com seus filhos. Qualquer momento que puder aproveitar,

faça! Mesmo que se atrase um pouco. São lembranças que o tempo não leva embora.

A TERÇA-FEIRA DA DOR

O dia parecia normal, exceto pelo fato de ter acordado e minha esposa não estar ao meu lado. Quando fui tomar café, descobri que ela tinha dormido na sala. Estranhamente, aquelas duas amigas que vieram para o seu aniversário ainda estavam hospedadas na nossa casa. Era uma situação incomum, já que eu não sabia que elas iriam ficar ali.

Notei que alguns porta-retratos com fotos minhas não estavam na estante da sala, mas achei que alguém tinha pegado ou que era simplesmente redecoração dela.

Meu enteado não estava à mesa para tomar café da manhã novamente. Indaguei a empregada, mas ela disse que as amigas de minha esposa tinham tomado café com ele e estavam brincando no quintal. Eu estava tão atrasado para alguns compromissos que optei por falar sobre isso depois, mais tarde, com mais tempo.

Infelizmente, eu não sabia que não tinha mais tempo.

Foi a última vez que vi meu enteado.

No fim do dia, chego em casa. Ela está deserta. Apenas a esposa sentada no sofá. Me aproximo para beijá-la, era vira o rosto. Isso era tão normal que eu não me assustava. Ela sempre virava o rosto, desde sempre. Fosse porque estava maquiada ou porque

precisava escrever alguma coisa no *Instagram*, ou falar no telefone ou qualquer outra coisa.

Sentei no sofá e perguntei se estava tudo bem, e, neste momento, meu chão foi arrancado de mim.

Com toda frieza que alguém é capaz de carregar, sem expressar a mínima alteração no humor ou na voz, sem gritar, espernear ou chorar, ela disse que meu enteado havia sido estuprado e que além do ato em si, o estuprador havia praticado coisas tão horríveis que, por respeito a criança, não ousou mencionar.

Eu entrei em desespero.

Comecei a chamar por ele na casa, perguntei se ele estava no hospital, quem tinha feito isso e como tudo tinha acontecido. A dor de saber disso, junto com a raiva do fato se confundia dentro de mim. Eu queria ir atrás da pessoa, mas queria ficar com meu “filho”. Mas a situação não era simples assim. Com a maior calma do mundo, de alguém que nunca derrama uma lágrima, exceto nas pregações ou em frente às câmeras, ela disse que quem tinha estuprado meu enteado era eu.

— EU?

— Você!

Então comecei a rir. É claro que se tratava de uma brincadeira. Tentei observar se tinha alguma câmera no local para filmar minha reação – além das câmeras de segurança – e depois postar na internet, mesmo sendo algo tão macabro, mas a casa estava deserta. Foi então que ela continuou:

— Eu descobri — disse ela — que você é gay, satanista e estuprou o meu filho.

— Como assim? Você está falando sério? — perguntei sem entender.

— Sim, e estou saindo de casa, vou para um lugar com minhas amigas e volto na sexta-feira para decidir se peço o divórcio.

Eu entrei em pânico. Não sabia se ela estava realmente falando a verdade. Não me interessava a parte da homossexualidade ou do satanismo. Eu só queria saber se meu enteado estava bem.

Entrei em contato com um casal de pastores do Texas-EUA, que eram mentores dela, para conversar com eles e saber se eles poderiam auxiliar, mas inacreditavelmente eles se abstiveram. Disseram que não queriam falar sobre isso comigo. *Como assim?*, pensava eu. *Estou falando do estupro de uma criança!* Nada fazia o menor sentido.

Era terça-feira, como podia esperar até sexta? E por que esperar?

Não queria ligar para outras pessoas, chamar os médicos ou a polícia, porque, afinal de contas, se tudo não passasse de um engano ou um equívoco, minha esposa e meu enteado seriam envolvidos numa fofoca desnecessária; quis poupá-los.

Foram esses pastores dos EUA que se recusaram a conversar comigo sobre isso, que enviaram o pastor do Tocantins que eu citei no início, pedindo que eu nunca mais entrasse em uma igreja e dizendo que eu era uma vergonha para o Evangelho.

Até então eu não fazia ideia de que as amigas, os pastores do Texas e os empregados estavam todos juntos nisso, planejando há meses uma forma de se livrar de mim.

Fui para o quarto, orar, chorar, ler a Bíblia e conversar com Deus. *Hoje é terça, o que eu vou fazer até sexta-feira? É tempo demais para esperar, quero resolver tudo isso logo.* Olhei para a mesinha de cabeceira da minha esposa, tinha um vidro de calmante. *Talvez isso me ajude a dormir. Ela sempre usa muitos calmantes e não fazem mal, eu preciso dormir um pouco. Preciso dormir, é só um pesadelo, quando acordar tudo vai se encaixar.*

Para evitar que os funcionários ou até mesmo ela voltasse para casa e me visse dormindo pesado, para que ninguém se preocupasse, escrevi um bilhete em duas partes. Uma para os funcionários e outra para ela:

Escrevi muitas vezes na vida, mas
JAMÁS fizê algo assim.
É contra quem sou, quem se-
diz e quem amo.
Não permitirei que você sofra.
Amo Você
FH

Debora e Márcio,
Não se preocupem, tomei um remédio e estou
descansando.

FH

Meu amor e filhote,

*Jamais faria algo assim, é contra quem sou,
quem acredito e quem amo.*

Não permitirei que vocês sofram.

Amo vocês,

FH

Tristemente, excluíram a primeira parte do bilhete e usaram a segunda para dizer que era um bilhete suicida.

Mas ainda tenho muitas coisas a dizer. Eu e minhas manias de escrever bilhetes.

Adormeci.

A AMBULÂNCIA ESTÁ CHEGANDO

Está um falatório no quarto. Ainda muito sonolento, abro os olhos. Tem vários homens dentro do meu quarto. Eles me pegam pelos braços e me levam para fora da casa. Ainda estou muito dopado pelo calmante que tinha tomado. Estou com frio. Peço a empregada meu casaco; ela pega qualquer um, mas peço que traga um preto com listra branca, cujo tecido macio lembra lã e é bem quentinho e confortável, e sim, mesmo sonolento e cheio de gente na casa, eu ainda parei para escolher roupa – não deveria estar tão *grogue* assim, mas olho em volta e tem muitas luzes piscando.

Sou colocado dentro de uma ambulância. Meu motorista está comigo, é um rosto conhecido, então está tudo bem. Sou levado para um hospital no bairro vizinho. Entro no hospital, informam que não é necessária a internação, apenas um soro na veia para diluir mais rapidamente o remédio. Vejo meu motorista usando o meu polegar para destravar meu celular, mas ainda estou com muito sono. Ele fica me acordando, pedindo para eu falar com alguém no telefone... em vão. Neste momento, ele pede para eu gravar uma mensagem. Não lembro muito bem o que dizia... lembro que ele falava e pedia para eu repetir.

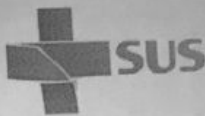
O soro começa a fazer efeito e eu peço a ele para chamar um táxi para me levar para um hospital que eu conheço ou então para casa. Pego meu celular de volta, mas não observo se ele fez alguma coisa.

O táxi demora muito e eu começo a questionar. Meia hora de soro e já estou bem acordado. Recebo alta do hospital com um laudo de total recuperação e informo ao médico que apenas tomei um calmante para dormir e que, inclusive, tinha avisado aos funcionários. Ele, vendo que não havia mais nenhum motivo de preocupação e estando eu completamente lúcido, confirmou minha alta. Quero ir para um hospital conhecido, se necessário, ou então para casa.



**Coordenação de Emergência Regional
da Barra da Tijuca**

AV LUIZ CARLOS PRESTES, 55 - BARRA DA TIJUCA
CNES: 6716938 - Tel.:



30/

20

2/

Paciente: ELIPE GARCIA HAEIDERICH SEGUNDO

Sexo: Masculino

Endereço: DO PONTAL, 3820 - CS 34

CNS

Telefone de Contato: (21) 966108935

Bairro: RECREIO DOS BANDEIRANTES

Data de nascimento: 11/09/1960

Mãe: NAO INF

Município: RIO DE JANEIRO

UF: RJ

Data/Hora Atendimento: 15/06/2016 19:15:40

BAE 357420	Data/Hora Entrada 15/06/2016 13:21:41	Idade 35	Prontuário [Redacted]	Situação IMPRESSA
Acidente	Motivo		Profissional	Nº Cons. Regional 52010353557

Anamnese

PACIENTE TRAZIDO PELO BOMBEIRO APOS USAR INTERAGINDO COM EXAMINADOR. ALEGA DOR TORACICA, NEGA OUTROS SINTOMAS. HPP: NEGA ALERGIA; NEGA EXAME FISICO: RCR 2 T BNF AR. MVUA S/RA ABD. PERISTALTICO FLACIDO. INDOLOR A PALPACAO CONDUTA: HIDRATAÇÃO + FLUMAZENIL ECG REFAÇO NOVA DOSE DE FLUMAZENIL + HIDRATAÇÃO PACIENTE NO MOMENTO EM BEG TEVE ALTA HOSPITALAR SENDO TRANSFERIDO PARA CLINICA PARTICULAR POR MEIOS PRÓPRIOS

NO MOMENTO SONOLENTO POREM COOPERATIVO.

Conduta médica

A

De repente chega outra ambulância; o motorista me avisa que é uma precaução, já que eu vim de ambulância, deveria voltar em uma também. Eu pergunto o porquê, ele diz que minha esposa tinha exigido que fosse assim por cuidado. Não questiono, afinal, ele é um funcionário que trabalha para mim há quase um ano, e ele e sua esposa, que também trabalha em nossa casa, são amigos pessoais da minha esposa há mais de 20 anos.

Entro na ambulância. Por questões de segurança, sou colocado em uma maca e amarrado. Tudo, segundo eles, fazia parte do processo normal para se transportar algum paciente. O trajeto do

local até o hospital conhecido levaria cinco minutos, mas passa muito tempo, com muitas curvas e muitos buracos na estrada, que me fazem estranhar. Começo a questionar o que está acontecendo, mas ninguém fala nada. Como insisto no assunto e tento me levantar, vejo um dos homens da ambulância pegar uma seringa e preparar uma injeção, e então não vejo mais nada.

Acordo horas depois, seminu, com frio, amarrado – não mais na maca da ambulância – numa cama em um local que, futuramente, eu descobriria que era um hospício, ou uma clínica psiquiátrica, para não deixar você, leitor, tão horrorizado.

Mas acredite, o horror estava apenas começando.

Bem-vindo ao caos!

Capítulo 2

A Loucura de Não Ser Louco

A CLÍNICA

Acordo pela manhã, olho para um lado e para o outro; estou amarrado. Estou sonolento, minha visão está turva; *eu fui sequestrado!*

Essa foi a primeira coisa que pensei, visto que já tinha passado por algumas tentativas de sequestro antes, então não era estranho que essa fosse a primeira coisa que me viesse à cabeça. *Mantenha a calma Felipe, vai dar tudo certo.* Mas espera aí, têm outras pessoas no quarto, outras camas, ouço vozes lá fora.

Onde estou? O que está acontecendo?

Neste momento o pavor aumenta.

O que seria isso?

— Senhor, senhor, pode, por favor, me ajudar? — Vejo um homem uniformizado e peço ajuda. Ele vem com um kit nas mãos, aplica uma injeção em mim e, quando acordo de novo, parece ser noite. Está escuro, algumas pessoas estão deitadas. Olho para um lado, olho para o outro; não consigo me mexer. Meus braços estão doloridos, meu corpo está mole. Alguns homens estão gritando dentro do quarto, parece algum tipo de surto. Outro está defecando e jogando as fezes para cima, e urinando em todo lugar; o cheiro é

horrível. Não dá para saber muito bem se é dia ou noite. Está muito frio.

O quarto é pequeno, todo pintado de branco. Estou numa cama velha de ferro, como aquelas que se vê em filmes de hospitais abandonados. O colchão é de plástico azul-escuro, parece hospitalar, do tipo encapado com plástico de piscinas infantis. Viro a cabeça um pouco e consigo ver que o travesseiro é um colchonete de academia cortado. Tiraram as minhas roupas, estou coberto com um tipo de cobertor de lã, fininho e rasgado, mas não consigo me mover.

De um lado, o senhor que urinava nas paredes parece reclamar que a família o colocou ali porque ele bebe muito. Não entendo muito bem. Do outro lado, um rapaz que parece estar sofrendo de abstinência de drogas. Ele está muito agitado, grita muito e soca a parede, se contorce no chão. Tem outras sete camas no quarto.

Entram e saem muitas pessoas; várias vezes alguém vem e aplica alguma coisa em mim, e eu durmo.

Deve ser apenas um sonho. Um sonho não, um pesadelo.

— Senhor, senhor, pode me ajudar, por favor? Não consigo me mexer — exclamo ao ver alguém de uniforme; um clamor em vão.

As portas batem, as camas rangem, as pessoas gritam. O cheiro de urina e fezes é muito forte. Noto que estou com uma pulseirinha no braço que diz: Clínica Psiquiátrica Jorge Jaber. *Esse é o novo nome de um manicômio? O que está acontecendo?*

— Senhor, senhor, pode me ajudar, por favor?

Mais uma vez alguns funcionários se aproximam de mim; eu os vejo tirando meu sangue, mas estou muito sonolento para reagir; eles pedem para eu assinar um papel, seguram minha mão, pois eu não conseguia me mover de maneira ordenada; me lembro vagamente de ter assinado alguma coisa... sim, parece que eu assino, mas não sei o quê.

Estou com medo, estou com frio, estou com sono, estou sozinho... estou dormindo...

POR QUE ESTOU AQUI?

Novamente acordo, acho que é de manhã. Não sei há quantos dias estou aqui. Ouço pessoas brincando, parece que ensaiam algum tipo de cantiga de roda, como as de Festas Juninas.

Um funcionário me desamarra; como um pedaço de pão com queijo e presunto e um copo de suco. Preciso ir ao banheiro; ele me leva até lá e enfim posso tomar um banho – eu estava sujo, fedendo, nojento; devo ter feito as necessidades deitado, enquanto estava sedado. A porta permanece aberta; eles ficam vigiando. Pergunto por que estou ali, e escuto como resposta “Você sabe, sua própria esposa te trouxe pra cá.”. “Mas senhor, deve haver algum engano, é que...”. O papo se encerra ali.

Sou colocado de novo na cama; junto com um copo de água me dão muitos comprimidos amassados, misturados, e avisam: “Se não beber, vamos aplicar por injeção.”.

Por que gritam tanto comigo? Por que estão com tanta raiva de mim? Eu me recuso a beber, e eles não estavam brincando: mais uma injeção e boa noite.

O QUE FIZERAM COMIGO?

Não sei há quanto tempo estou aqui, mas hoje uma mulher aparece; logo pela manhã eu a vejo no quarto.

— Senhora, pode me ajudar? — pergunto. — Deve haver algum engano. Por favor, ligue para o meu secretário, na empresa, para minha esposa ou minha mãe, eles vão confirmar.

A senhora baixinha de nome angelical chega mais perto e começa a conversar.

— Você não tem secretário, você não tem empresa. Quem você pensa que é? Nós te tiramos da rua e você está aqui porque temos pena de você e estamos salvando a sua vida.

— Não, senhora, é uma confusão. Olha só, meu nome é Felipe Heiderich, pode pesquisar na internet. Sou empresário, pastor, tenho alguns livros lançados, basta um telefonema e tudo se esclarece.

— Você é muito prepotente — esbravejou ela. — Mas me avisaram que você tem surtos de estrelismo. Isso é uma doença séria, mas não se preocupe, nós vamos tratar você. Você não tem funcionário, não tem empresa, não tem família. Você é sozinho e se não fosse por nós, você estaria morto na rua.

Lembro com muita dor deste momento, um dos piores da minha vida.

Ser dopado e ter alguém do seu lado dizendo continuamente que você não é você, pode parecer simples. Mas experimente passar dias assim... Drogas pesadas, frio, gritos, uma televisão velha chiando ligada no máximo e uma pessoa dizendo que você não é você.

Oito dias depois eu já estava quebrado. Não oferecia mais resistência. Já não sabia mais se eu realmente era o Felipe ou se isso era invenção da minha cabeça; fazia mais sentido acreditar na mulher e em todos à minha volta. Se ninguém procurou por mim, se não houve nenhuma ligação, Felipe devia ser fruto da minha imaginação e eu realmente deveria ser aquela pessoa que morava nas ruas, como eles tanto falavam. Não havia espelhos no local, eu não sabia qual era a minha aparência.

Durante todo o tempo que eu passei lá, essas palavras foram repetidas incansavelmente para mim. E mesmo que eu insistisse que não fazia sentido, eu era abruptamente corrigido; eles alegavam que meus ataques de alucinação criavam isso, era tudo fruto da minha imaginação e não faziam sentido com a realidade. Fui induzido a crer que toda a minha vida era, na realidade, fantasia da minha mente, e que eu era um morador de rua e um criminoso perigoso.

Eu não sei você, querido leitor, mas passar oito dias amarrado em uma cama, recebendo altas doses de medicamentos – que não faço ideia do que eram –, ouvindo a todo instante que eu tinha criado um mundo paralelo na minha cabeça esquizofrênica, que eu nunca tinha sido escritor ou casado ou tido uma família, bom, era difícil não começar a acreditar. Você não sabe mais o que é real ou o que é imaginação.

Depois de oito dias de torturas psicológicas e coquetéis de remédios pesados, eu não era mais eu. Eu acreditei que minha vida inteira era fruto da minha imaginação.

Aquela senhora baixinha, de nome angelical, conseguiu me quebrar. Ângela era o seu nome; seu crachá sempre à mostra ficou gravado na minha memória. Fico revivendo instante após instante, incansavelmente, esses momentos, como um ciclo que não se encerra. Lembro de cada detalhe do seu rosto, posso ouvir até hoje nitidamente o tom e o timbre da sua voz; suas expressões e intimidações ainda me dão pesadelos e calafrios.

Hoje sei, pesquisando e com ajuda de profissionais da área médica, que eu fui submetido a um tipo de lavagem cerebral chamado *Gaslighting*^[2].

Cada vez que ouço um barulho que me recordo do chiado da televisão daquele lugar, eu começo a suar frio. E a cena, que parece de filme, difícil de acreditar que possa acontecer no mundo real, fazia parte de toda essa tortura.

Você consegue imaginar essa cena?

Amarrado, seminu, em uma maca de ferro velha, sentindo frio; pessoas gritando sem parar, uma televisão antiga ligada no volume

máximo apenas com a tela cinza e um chiado tenebroso e, ao seu lado, pessoas se revezando, dizendo em seu ouvido que você não era quem dizia ser, além de drogas sendo injetadas.

Oito dias depois, eu não era mais o Felipe

Amarrado, drogado, sofrendo uma lavagem cerebral. De anjo aquela pequena senhora não tinha nada.

Quando isso aconteceu comigo, em 2016, ninguém acreditava que esse tipo de internação compulsória e tortura ainda acontecia. Foi necessário que muitos outros casos viessem à tona para que a história fosse levada a sério. Infelizmente, parece que retornamos à Idade Média.

E isso não está distante de nenhum de nós. Psicopatas ou sociopatas usam muito essa técnica, eles descumprem as leis e exploram os outros, mas geralmente também são mentirosos, charmosos e convincentes ao negar as irregularidades que praticam. Assim, algumas pessoas que foram vítimas de sociopatas podem duvidar de suas próprias percepções.

E basta fazer uma breve pesquisa na internet para ver que *gaslighting* também é usado entre pacientes e funcionários de unidades de internamento psiquiátrico.

NAS MADRUGADAS, OS SALMOS

Eu tive a oportunidade de nascer e crescer em um lar cristão. A igreja no interior das Minas Gerais, que frequentei desde minha infância até a fase adulta, quando me mudei para o Rio de Janeiro, era extremamente dedicada ao ensino, e como sempre gostei de estudar, uma das coisas que mais estudei na vida foi a Bíblia.

Eu decorei muitos textos ao longo da vida, gostava de recitar – de poesias à salmos.

Talvez você nunca tenha ficado internado num hospício, mas provavelmente já deve ter ficado em um hospital. Por causa da medicação e da falta de atividade, seu relógio interno desregula. Muitas vezes você tem muito sono durante o dia e passa as noites acordado, como se tivessem injetado café nas suas veias.

As madrugadas eram cruéis. A pouca roupa e o pequeno cobertor rasgado não eram suficientes para me proteger do frio. E este não era o maior dos problemas. As outras pessoas no quarto gritavam, urinavam e brigavam o tempo todo. Era um ambiente de caos e terror.

Dentro de mim, mesmo que preso àquela cama, ressoava uma voz que me ajudava a não enlouquecer. Mesmo sem saber a essa altura o que era real ou imaginário, mesmo não tendo acesso a nenhum veículo de informação ou livro, uma coisa me fez companhia nas noites sombrias da loucura de não ser louco. Eu ficava recitando mentalmente todos os textos que eu sabia de cor.

Muitas vezes me pegava pensando: *se eu sei tantas coisas de cor, é possível que eu esteja certo e que eu realmente seja o Felipe que tinha estudado tanto*, mas o nível de tortura mental era tão alto que, mesmo após pensar assim, como não tinha ninguém para conferir se o que eu dizia era realmente citação de algum autor conhecido, eu acabava acreditando que tudo aquilo que eu pensava, de poesias à salmos, também eram fruto da minha imaginação.

Se todos dizem que você não é você, se ninguém reclama sua ausência, então qualquer coisa que venha a passar na sua cabeça pode não ser real.

Quando você passa a não mais acreditar na sua memória, na sua história, na sua vida, o objetivo do torturador foi alcançado. Você não representa mais perigo.

Você agora é o que eles dizem que você é. Não oferece resistência. Não oferece perigo.

Você é só saco um vazio. Você não existe mais.

Ainda bem que eu sobrevivi e puder ter acesso a muitas coisas para reavivar minha memória e saber que eu não era um personagem fabricado durante a lavagem cerebral. Um dos textos que eu ficava recitando, eu quero compartilhar com vocês:

*“Levanto os meus olhos para os montes e pergunto: De onde
me vem o socorro?*

*O meu socorro vem do Senhor, que fez os céus e a terra.
Ele não permitirá que você tropece; o seu protetor se manterá
alerta,*

sim, o protetor de Israel não dormirá, ele está sempre alerta!

*O Senhor é o seu protetor; como sombra que o protege, ele
está à sua direita.*

De dia o sol não o ferirá, nem a lua, de noite.

O Senhor o protegerá de todo o mal, protegerá a sua vida.

*O Senhor protegerá a sua saída e a sua chegada, desde agora
e para sempre.”*

([Salmos 121:1-8](#))

SIMPLESMENTE ACEITE

Mais um dia se passa neste lugar de caos.

Hoje eu recebi de um dos internos aqui do quarto um sábio conselho. Parece que essa não é a primeira vez que ele está aqui – pelo que me lembro, ele disse que já passou por aqui 16 vezes; como a Clínica aceita o plano de saúde dele, eles o liberam para que possam dar entrada de novo após uma recaída, então podem cobrar do plano de saúde outra vez.

Não sei se é verdade – na realidade, tudo aqui parece irreal –, até então esse tipo de local, para mim, nem sequer existia mais, era apenas cenário de filmes irreais de suspense e terror, mas o sábio conselho daquele rapaz fez com que o inferno que eu estava vivendo aliviasse um pouco, ele disse: “Simplesmente aceite. Faça o que eles te mandam, diga o que eles querem que você diga, finja que está grato por eles “salvarem” a sua vida e que essa internação está sendo a melhor coisa que já te aconteceu, porque se você não fizer isso, eles vão te manter sedado e amarrado até o fim.”.

Infelizmente eu não lembro do nome do rapaz que melhorou os meus dias, mas seu conselho fez todo sentido para mim. A partir daquele momento eu não era mais alguém que queria contato com algum familiar ou que vivia pedindo ajuda. Eu era, como aqueles carrascos diziam: Bipolar, hostil, borderline, esquizofrênico e pedófilo.

Quero parar um pouco neste momento e te convidar a pensar comigo. Eu era uma pessoa pública, tinha acesso à mídia, mas os laços da maldade são tão abrangentes que as pessoas achavam que podiam cometer todo tipo de barbárie e nada nunca iria lhes acontecer. Eles devem ter a certeza de que nunca serão descobertos em seus crimes e simplesmente agem como deuses na terra.

Consegue imaginar o quão louco isso parece nos dias de hoje? E o pior, como ainda é real, a ponto de, quando se conta uma

história como essa, as pessoas duvidam. Parece “conto da carochinha”, mas, infelizmente, é só mais um dia normal na vida de pessoas que têm qualquer coisa dentro de si, menos uma alma.

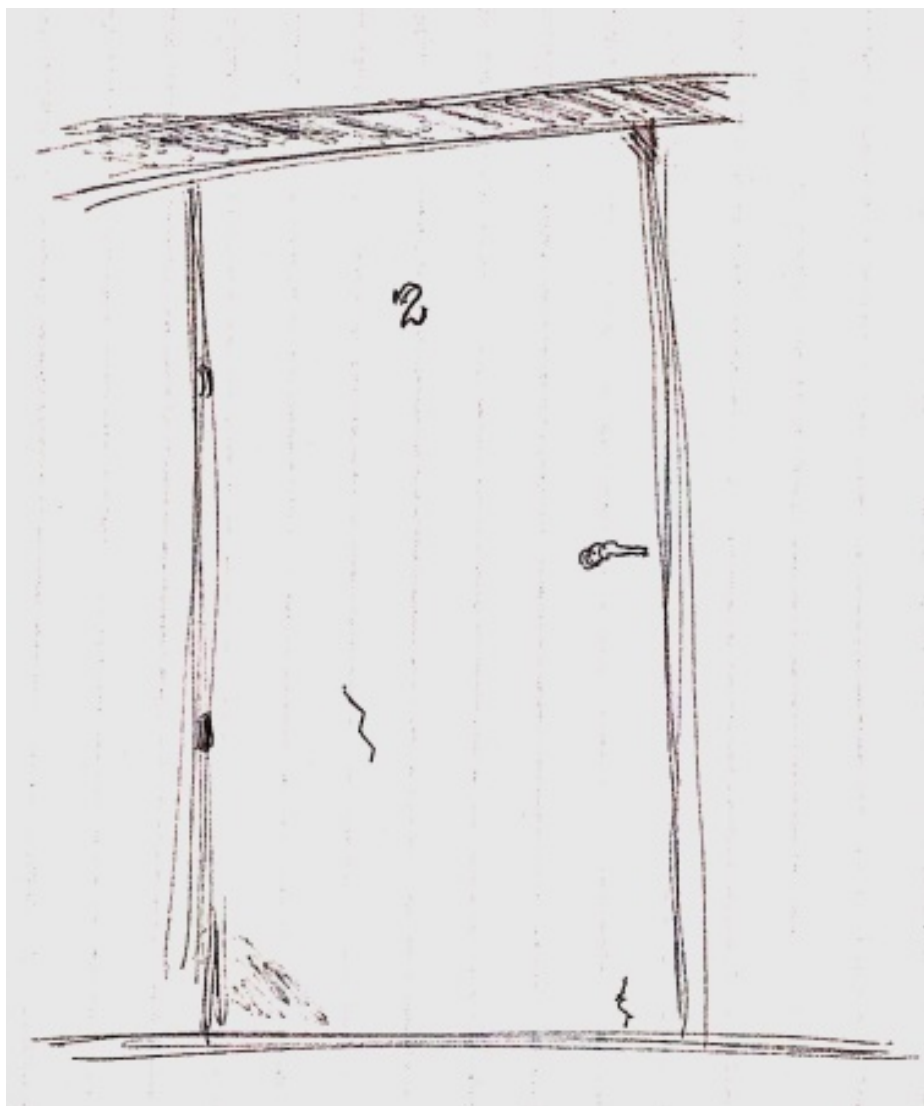
Alguns meses depois, através da justiça, eu pude ter acesso ao meu prontuário, onde dizia que eu era extremamente hostil, pouco cooperativo, com tentativas de autoextermínio e listado nos CID's das doenças F31 (Transtorno Bipolar) e F65.4 (Pedófilo).

Sim. Mesmo sem nenhuma avaliação psiquiátrica, médica, atendimento, absolutamente nada, eles colocaram no meu prontuário essas informações, e se por algum acaso eu morresse lá dentro, ou fosse morto, não faria diferença, pois, segundo as anotações deles, eu estava ali porque havia tentado me matar.

Mas, lembra do conselho que recebi? Passei então a aceitar a medicação e ser totalmente cooperativo. Como prêmio, fui desamarrado e pude andar pelo pequeno e gélido quarto; as grades nas janelas ainda me lembravam que eu estava preso, mas pelo menos estava de pé.

Não sou desenhista, pelo contrário, sou terrível com desenhos, mas aquela porta de acesso ao meu cárcere ficou marcada em minha memória. Vou tentar desenhar para vocês, essa imagem ainda me assombra.

O quarto de número 2:



Estou trancado em um quarto, quatro anos depois, para tentar colocar tudo isso no papel.

Cada vez que falo sobre isso, não é como se tivesse acontecido há muito tempo, como algo passado. Eu revivo como se eu ainda estivesse lá, como se ainda estivesse preso naquele quarto. Tudo está presente.

Não estou me sentindo bem.

Relembrar tudo isso é muito difícil. Meu corpo começa a tremer, suar. Qualquer barulho me faz entrar em pânico.

Mesmo isolado, ouvi um carro passar e buzinar para alguém ou alguma coisa: foi o suficiente para que eu começasse a sentir falta de ar e a reviver o terror daquele lugar macabro, sombrio, demoníaco, que alguns insistem em chamar de Clínica Psiquiátrica. No entanto, talvez o melhor nome fosse: Centro de Tortura do Inferno.

Vou parar por algum tempo. Preciso tomar um ar, beber um café... Reunir forças para continuar narrando tudo o que suportei simplesmente por ser vítima dos laços da maldade e ambição humana.

O ARMÁRIO Nº 7

Descobri que cada um dos que estavam “internados” ali comigo tinham direito a um armário. Na realidade, era um armário como aqueles escolares, dos filmes adolescentes, com uma prateleira para colocar os livros, só que você poderia colocar suas roupas e pertences enquanto estivesse internado. Eles não eram bonitos como nos filmes, eram empenados, enferrujados. Tinham baratas dentro e não tinha cadeado ou chave. Apenas uma portinha para cobrir a prateleira.

Só que eu não estava internado. Eu estava sendo mantido em cárcere privado. Sim, eu era refém, prisioneiro, e isso não é drama. Apenas muito tempo depois, descobri que uma pessoa pode ser internada por um familiar por um período de 72h, caso ela

represente um risco para si ou para outros, mas mesmo assim é necessário que se tenha passado por um hospital, ficado em observação por 24h e depois, com um encaminhamento médico, finalmente pode haver a internação, mas somente por 72h. Passado esse período, se faz necessário avisar ao ministério público, ou que outro membro da família ateste esse fim, para que não se ocorra crime de cárcere.

Isso não aconteceu.

O laudo médico do hospital onde fui tomar soro dizia que eu estava plenamente bem e apto a voltar para casa. Além disso, ninguém da minha família fazia ideia de onde eu estava. Eu passei oito dias preso, sem acesso ao mundo externo, telefone, contato nenhum; amarrado, torturado e tratado como animal.

Eu não estava internado recebendo cuidados médicos. Eu estava refém de uma organização criminosa.

Veja o que diz a **Lei 10.216/2001 sobre internações psiquiátricas:**

Art.2

*II - ser tratada com **HUMANIDADE E RESPEITO** e no interesse exclusivo de beneficiar sua saúde, visando alcançar sua recuperação pela inserção na família, no trabalho e na comunidade;*

*III - ser protegida contra qualquer forma de **ABUSO** e exploração;*

*VI - ter **LIVRE ACESSO AOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO** disponíveis;*

VII - receber o maior número de **INFORMAÇÕES** a respeito de sua doença e de seu tratamento;

Art. 4o A internação, em qualquer de suas modalidades, só será indicada quando os recursos **EXTRA-HOSPITALARES** se mostrarem insuficientes.

Art. 6o A internação psiquiátrica somente será realizada mediante **LAUDO MÉDICO** circunstanciado que caracterize os seus motivos.

III - internação compulsória: aquela determinada pela Justiça.

Art. 8o

§ 1o A internação psiquiátrica involuntária deverá, no prazo de **SETENTA E DUAS HORAS**, ser **COMUNICADA** ao Ministério Público Estadual pelo responsável técnico do estabelecimento no qual tenha ocorrido, devendo esse mesmo procedimento ser adotado quando da respectiva alta.

Absolutamente nada disso foi feito.

Com contatos e muito dinheiro pago, eu fui mantido refém, torturado e quebrado naquele lugar, quebrado em tantos pedaços que só os que convivem diariamente comigo sabem a minha luta para tentar colar cada fragmento meu.

Mas voltando ao meu armário. Vi muitos dos que estavam ali abrindo os seus e pegando um chinelo ou escova de dentes ou até

mesmo um pente para o cabelo. Todos tinham recebido de seus familiares os objetos para terem um mínimo de humanidade, para não dizer dignidade, naquele lugar.

Não foi assim comigo.

Quando caí na besteira de perguntar por que meu armário estava vazio, nos últimos dias da internação, quando já começava a ficar mais lúcido e colaborativo, a resposta gelou minha alma. Aliás, ainda gela: “Está vazio porque sua esposa não trouxe nada para você. Você é um *monstro*, e *monstro* não merece nada!”.

Eu sei, você pode questionar: “Mas eles não disseram que você era sozinho e não tinha esposa? Como agora alegam que ela não trouxe nada para você? Como diziam que você foi pego na rua, mas também te acusavam de ser pedófilo?”. Muitas informações eram contraditórias, é verdade.

Num momento de plenas faculdades mentais, sentado no seu sofá, assistindo seu filme ou almoçando no trabalho, você pode rapidamente identificar todas essas incongruências. Mas dentro de um manicômio, com muitos sedativos e usando todas as suas forças para se manter são, esses deslizos passam despercebidos. E eles sabem disso, e usam isso para te confundir e te quebrar cada vez mais.

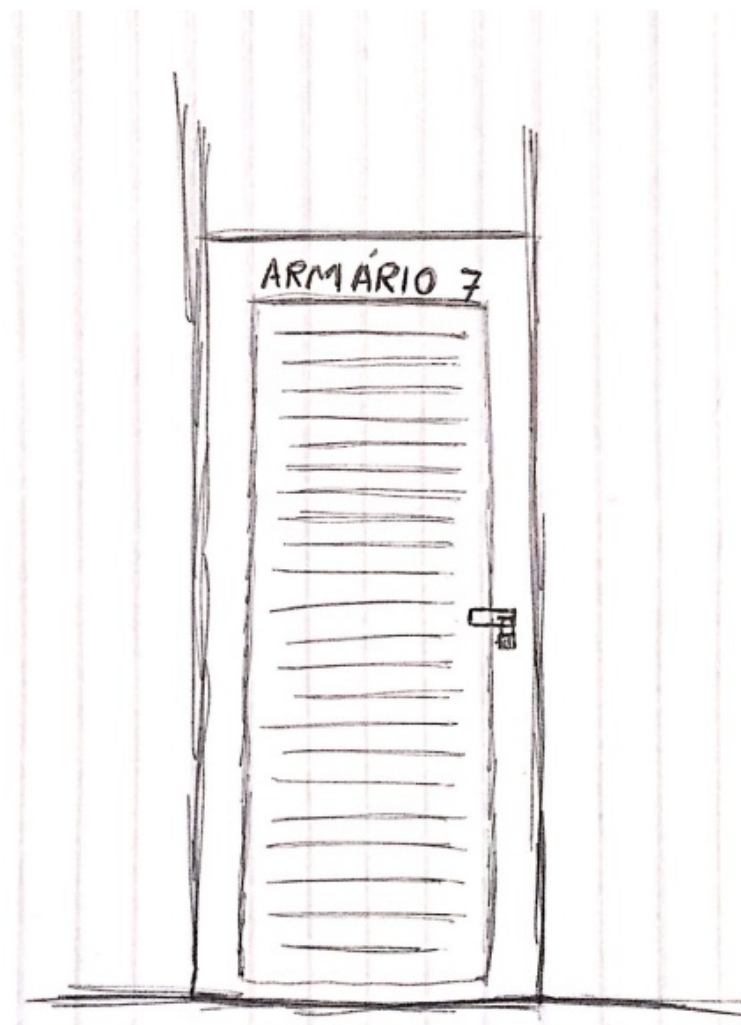
Enquanto todos buscavam suas coisas em seus armários, eu ficava apenas olhando. Pode parecer algo insignificante, pequeno diante de tudo que estava acontecendo, mesmo assim eu me recusava a acreditar que minha esposa fazia parte disso. Eu tinha certeza de que ela tinha sido enganada, que estava fazendo o máximo por mim e eles, na “clínica”, estavam desviando todos os

objetos. *Minha esposa é a melhor pessoa do mundo, ela jamais faria algo assim.*

Mas fez.

Levei quase um ano depois disso para me convencer de quem de fato ela era. Foi preciso a ajuda de alguns profissionais para que eu pudesse enxergar a verdade que estava estampada aos quatro cantos, pois mesmo diante das maiores acusações que ela fazia contra mim, eu ainda era o seu maior defensor. E ela dizia muitas coisas.

Mas vamos voltar ao manicômio; a única coisa que eu tinha do armário era a sua porta e o seu número. O armário de número 7.



ESQUECENDO DE QUEM SOU

O medo de esquecer-me de quem eu era ou não sobreviver àqueles dias era tanto que eu fiz amizade com um senhor. Ele reunia alguns homens para ficar recitando os passos dos Alcoólicos Anônimos – decorei cada um daqueles dez passos em um dia para ganhar a confiança dele e convencê-lo a me arrumar um pedaço de papel e uma caneta. Ele tinha “acesso” ao mundo externo, que

depois fui descobrir que era o pátio e a administração da “Clínica”, mas ele tinha algo de que eu precisava. Eu precisava escrever para manter a sanidade e não esquecer quem eu era e o que estava acontecendo comigo.

Quão inocente eu fui... Mesmo tendo visto tantos filmes de ação entre policiais e bandidos, ou até mesmo de suspense, eu achei mesmo, em minha inocência, que eu conseguiria escrever e esconder algo dos meus algozes.

Fato é que consegui papel e uma caneta. Fato também é que no final do mesmo dia eles vasculharam o quarto, encontraram e recolheram minhas anotações.

Fui interrogado sobre tudo o que eu havia escrito ali. A forma como era tratado, os nomes das pessoas que eu ouvia falar, as sessões de tortura com a televisão ligada no máximo, os gritos de outras pessoas quase que continuamente. Tudo!

Como punição, perdi minha “liberdade” dentro do quarto e fui novamente sedado e amarrado à cama.

Geralmente eu lido muito bem com momentos de pressão, mas ali não era pressão, era desespero. A essa altura eu tinha certeza de que não sairia daquele lugar com vida. Não haveria mundo externo para mim. Eu não sabia onde estava e ninguém sabia do meu paradeiro, exceto aqueles que ali haviam me colocado, e estes, enfim... desejavam o meu fim.

Minha esperança era a de que alguém, mesmo depois da minha morte, encontrasse os meus bilhetes e pudesse esclarecer algumas das perguntas que eu mesmo me fazia ali.

Tempos depois, em um dos julgamentos sobre esse caso – onde, aliás, ela me acusou de pedofilia e fomos aos tribunais por isso –, duas funcionárias disseram, diante do juiz, que ouviram da minha esposa que eu morreria ali. Que Deus tinha revelado a ela que dali eu não sairia vivo. Bom, não sei de qual deus ela falava.

Eu queria pelo menos deixar algum recado, orava para que Deus guardasse esse bilhete (eu e meus bilhetes) e que de alguma forma ele chegasse aos meus familiares dizendo que eu era inocente e que, mesmo em meio a grandes dores e torturas, a minha fé não tinha se abalado nem um milímetro. Eu lembro de terminar o bilhete dizendo:

“Mãe, irmãos, Família,

Mantenham-se firmes. Eu amo muito vocês. No momento não consigo ver nem ouvir Deus aqui, mas sei que Ele está me vendo e ouvindo, e mesmo que seja depois da minha morte, será provado que sou inocente. Minha fé está forte. Eu não estou sozinho, Ele está comigo, mesmo que temporariamente eu não veja.

FH

Eu ainda teimava em achar que era vítima de algum tipo de sequestro. Estava em negação total.

Capítulo 3

O Resgate

É A MINHA MÃE?

Voltando ao momento em que comecei a escrever. Logo após encontrar minha esposa naquele chalé, ao invés do médico, e ter sido quase obrigado a assinar a anulação do casamento mediante queixa de estupro, fui novamente conduzido para o local de confinamento.

Enquanto caminhávamos de volta, só ouvia da mulher que me acompanhava: “Quero ver o que vai acontecer com você assim que avisarmos a todos os internos hoje que você é um estuprador de criancinhas, que você planejava sacrificar seu enteado à satanás. Os drogados e malucos da sua área vão fazer a festa com você. Monstro, monstro, monstro.”. Ela repetia incansavelmente.

Mesmo sem conseguir pensar direito, olho para trás. Lá distante, atrás da cerca, vejo um rosto familiar, *parece minha mãe, mas é impossível, minha mãe mora em outro Estado, como ela iria me achar aqui? Há quanto tempo estou aqui? Espera aí, é ela mesmo, é minha mãe!*

Alguém veio ao meu socorro!

Sou levado de volta para o quarto. Eu orava, chorava, repetia às vezes as mesmas palavras. Algumas vezes elas pareciam ficar

presas na garganta e eu apenas suspirava. Suplicava a Deus que a verdade viesse à tona, porque tal barbaridade era impossível de se crer. Como minha esposa tinha pensado algo tão terrível contra mim, e como ela tinha convencido outras pessoas do mesmo?

Poucas horas depois, recebo a informação de que deveria tomar um banho, me barbear e vestir uma roupa, pois receberia visitas. E o comando era dado a todos os que estavam no local. Precisávamos estar “apresentáveis”. Foi-me dado um barbeador amarelo, daqueles que arrancam a pele junto com os pelos. Eu só ficava olhando para ele sem saber o que fazer.

Me levaram para o banheiro e tiraram a minha roupa – sim, eu estava vestido neste dia, pois era o dia do encontro com “o médico” no chalé. O banheiro não tinha porta. As paredes brancas, gélidas e mofadas tinham acima um cano de água onde deveria ficar o chuveiro, mas não havia. Um vaso sanitário ficava ao lado, sujo, fedorento.

Debaixo da água gelada em meio ao inverno, alguém segurava meu braço com brutalidade enquanto me esfregava. Eu não tinha reação; parecia que não havia mais vida em mim. Me esfregaram de qualquer jeito, me ajudaram a fazer a barba, pentearam meu cabelo e me devolveram as roupas para vestir.

Lembro-me de sair do quarto, junto com todas as pessoas, e ser colocado em um salão onde estavam vários funcionários. Provavelmente era um dia de visitas coletivas, mas eu não recebia nenhuma informação, então não sabia de nenhum passo.

Ao me aproximar do salão, vi minha mãe e meu irmão Pedro se aproximando. Como uma criança que se perdeu que se solta da

mão de um adulto para correr ao encontro do pai ou da mãe, assim eu o fiz.

Desesperado, correndo e cambaleando pelo pátio, eu só me lembro de gritar: “Mãe, mãe!” E correr de encontro àqueles braços acolhedores. Minha mãe tentou se manter forte, mas também desabou a chorar.

Até hoje ela não consegue falar sobre o assunto. E não fala, por mais que eu insista. Eu não sei o que ela passou ali, não sei a quantidade de humilhação que sofreu para conseguir ter acesso a mim e talvez nunca venha a saber. Quando toco no assunto, ela para a conversa e sai do ambiente. Essa foi a forma que encontrou de lidar com toda essa loucura. Apenas uma vez ela mencionou que essa cena, me ver correndo e gritando seu nome, dilacerou sua alma. Me disse que estava desde às cinco horas da manhã no local, insistindo para me ver ou me tirar dali, mas que fora impedida por todos os funcionários. Meu irmão estava angustiadamente quieto e olhava para todos os lados sem parar.

Eu estava há oito dias desaparecido.

Começou a chover; eu abraçava minha mãe, tentava entender o que estava acontecendo ali, nada fazia sentido.

Quando me levaram à sala para ver minha esposa, novamente eu tive a noção de que eu era Felipe, e não um morador de rua, só que naquela hora você não pensa em questionar a tortura, você só quer encontrar alívio, sair dali.

Ver minha mãe me dava segurança, mas parecia que essa sensação era temporária. Ela me abraçava, mas dizia que já tinha tentado de tudo para me tirar dali e os funcionários não permitiam;

até acionar um juiz e conseguir a ordem de liberação, eu poderia morrer ali dentro.

Meu irmão filmou todas as conversas, brigas, respostas e absolutamente tudo o que pôde do local. Tudo escondido. Muito do que eu me lembro hoje, e sei que não foi coisa da minha cabeça, veio dessas filmagens que, inclusive, foram entregues ao juiz para reforçar o crime do qual fui vítima: sequestro, tortura e cárcere.

APERTEM OS CINTOS, ELE SUMIU.

Eu sempre fui uma pessoa que fazia muitas coisas ao mesmo tempo. Mesmo com as viagens, empresa, família e igreja, meus amigos e funcionários sabiam que eu sempre os respondia por mensagem em um curto período, mesmo que fosse apenas para informar que estava ocupado e que retornaria em outro momento.

Durante dois dias, a secretária da minha esposa, que ficava trabalhando no escritório ao lado do meu, tentou contato comigo para tirar algumas dúvidas sobre a empresa, mas não obteve sucesso. Como ela me conhecia muito bem, começou a questionar se eu estava bem, já que não a respondia de nenhuma forma. Minha esposa reforçava que eu estava bem, apenas optando por não falar com ninguém.

Após cinco dias sem contato, e muito preocupada, ela conseguiu o número do meu irmão em Minas Gerais e avisou que algo estranho estava acontecendo. Em suas palavras, ela dizia:

“Mesmo o pastor estando viajando ou até mesmo doente, sempre recebemos informações dele, mas tem cinco dias que ele não atende o telefone, não aparece na empresa e nem se manifesta nas redes sociais. Tem algo estranho, e a esposa dele, minha chefe, não quer dizer.”.

Hoje sabemos que aquela inquietação que ela estava sentindo, na realidade, era gerada por Deus. Nunca tínhamos tido intimidade para ela sair me procurando ou entrar em contato com a minha família em Minas Gerais, mas algo dentro dela a incomodava e ela resolveu ouvir essa voz. Graças a Deus ela ouviu. Por causa dela, minha família foi alertada e começou uma saga de investigação junto com algumas pessoas da igreja. Visitaram hospitais, IML, delegacias, ligaram para amigos, todos à minha procura, até que me localizaram nesta clínica, conseguindo chegar até mim antes que fosse tarde demais.

Obrigado, Claudia. Nunca saberei como agradecer o suficiente.

COM A ROUPA DO CORPO E UMA GARRAFA DE CAFÉ.

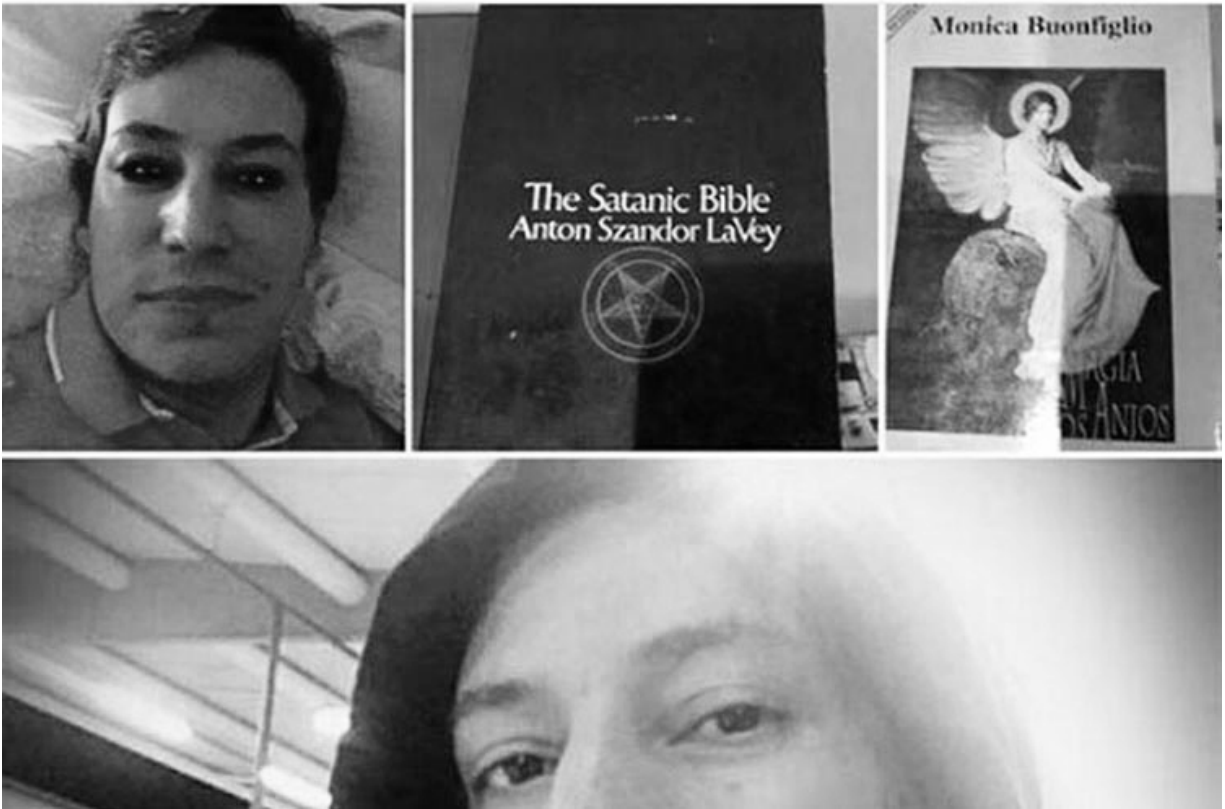
Meu irmão Pedro conversou com minha mãe sobre o assunto. Ligaram e enviaram inúmeras mensagens para minha esposa perguntando sobre mim, mas em vão. Ela não respondia ou dizia onde eu estava. No meu telefone, as mensagens eram lidas e não respondidas e as chamadas ignoradas.

Minha mãe começou uma verdadeira saga ligando para saber se havia alguma informação sobre mim, mas era tempo perdido. O que teria acontecido que ninguém falava nada?

O contato com meus amigos não levava a lugar nenhum. Ninguém tinha informações sobre mim, e não havia resposta a nenhuma tentativa de contato.

De repente, algo inusitado começa a acontecer; fotos das minhas redes sociais são modificadas, textos estranhos são publicados, comentários horríveis são escritos e conversas de cunho sexual são iniciadas com meus funcionários e amigos, tudo através do meu telefone e das minhas redes sociais. Ninguém sabia, mas enquanto eu estava preso no manicômio, minha esposa, que sempre teve todas as minhas senhas, usou meu telefone e minhas mídias sociais para convencer meus amigos e seguidores de que eu era louco, homossexual e satanista. Enviava fotos editadas digitalmente com meu rosto maquiado e os olhos pretos (foto), pedia *nudes* e se declarava para alguns amigos, alegando que sempre fora apaixonado por eles. Respondia com palavrões alguns funcionários e pedia que me deixassem em paz.

Essa estratégia convenceu muitas pessoas, mas aos mais próximos teve efeito contrário, eles começaram a achar que eu havia sido assassinado e que o assassino usava meu telefone para despistar qualquer tipo de alerta.



Foi quando minha mãe teve a certeza de que minha esposa estava por trás disso. E como ela não parava de insistir, conseguiu arrancar dela que eu tinha sido internado porque tinha estuprado o seu filho e, após isso, tentado me suicidar. Foi o suficiente para minha mãe entrar no carro com a roupa do corpo, junto com meu irmão e uma garrafa de café, e pegar a estrada em direção ao Rio de Janeiro.

“Vamos procurar em cada clínica, manicômio ou hospício até encontrar ele.”.

Às cinco horas da manhã do dia 23 de junho de 2016, minha mãe e meu irmão Pedro já estavam de plantão no portão da Clínica Jorge Jaber tentando me resgatar, conversando com todos os funcionários e sendo ignorados e ofendidos por todos eles,

alegando que somente uma ordem judicial poderia me tirar dali. Felizmente, meu irmão gravou todas as conversas e filmou muitas cenas. Esse material rico em detalhes foi posteriormente entregue a polícia ainda em 2016 e todas as forças e influências têm sido usadas para que o processo contra uma das mais poderosas clínicas do Brasil não dê continuidade e o crime possa prescrever.

Hoje, enquanto escrevo essas linhas, cinco anos depois, o processo pouco se movimentou, e é preciso registrar uma ocorrência na Corregedoria da Polícia Militar para que algo possa ser feito. São muitas pessoas poderosas envolvidas, uma rede da maldade cujo objetivo de me eliminar não faz o menor sentido para mim.

Que perigo eu represento para pessoas tão poderosas? Quem sou eu para causar ameaça a senadores, ministros da república e pastores celebridades a ponto de precisar ser exterminado? Muitas vezes me faço essas perguntas, mas nunca encontrei resposta; uma das poucas coisas que parecem fazer sentido é que, como eu sobrevivi, me tornei um calo nos pés daqueles que estavam envolvidos e para que a verdade não prevaleça, eu preciso, a qualquer preço, ser calado.

Por isso disse no início: se você está lendo este livro, significa que eu sobrevivi, mas se algo acontecer comigo, você será a minha voz.

CORRA SEM OLHAR PARA TRÁS

Após minha esposa, junto com o Pastor do Tocantins e seu advogado saírem da clínica e terminar o horário de visitas em que encontrei com meu irmão e mãe, incrivelmente os funcionários informaram a minha mãe que, se ela ainda quisesse, bastava preencher um formulário que eu poderia ir para casa com eles.

Sabemos hoje que, como eu não quis assinar o acordo de anulação do casamento, ela, o pastor e seu advogado foram para a delegacia prestar queixa de estupro. Era, portanto, mais vantajoso que eu estivesse livre para ser achado e preso pela polícia, pois se permanecesse no manicômio a prisão poderia ser evitada pelo fato de eu estar “louco”.

Em questão de segundos, toda a resistência que tinha durado horas e toda a impossibilidade da minha saída dali foi reduzida à uma simples assinatura para a minha liberdade. Imediatamente minha mãe pediu o formulário.

Dentro do quarto, distante de tudo e de todos, pela primeira vez uma médica veio falar comigo. Ela informou que minha mãe estava pedindo a minha liberação, mas que, para isso, eu precisava escrever uma carta de próprio punho dizendo o quanto a instituição era boa, que fora bem tratado e que agora iria procurar atendimento especializado fora daqui para tratar todos os meus distúrbios.

Eu escrevi. É claro que eu escrevi. Se dissessem que para sair dali eu teria que escrever que o meu nome era Matheus ou Rodrigo, eu escreveria; eu só queria sair dali e restaurar o meu casamento.

Pois é, eu ainda pensava em restaurar meu casamento.

Instantaneamente após assinar, os portões foram abertos; foi tempo suficiente para que eu pegasse minha roupa, o bilhete que eu

tinha escrito, que estava em cima da mesa da médica, e saísse correndo pelo pátio sem olhar para trás ou ver quem ficava no caminho. Ao avistar meu irmão, comecei a gritar: “Entra no carro! Liga o carro!”. Mal cheguei perto e disse: “Acelera. Vamos sair daqui, vamos sair daqui!”.

“Para onde?”, perguntou ele.

“Não sei, só vamos sair daqui.”.

A CAMINHO DE LUGAR NENHUM

Minha mãe conseguiu emprestado, de uma das pessoas que estavam ajudando na minha procura, um apartamento com alguns móveis para que eu pudesse passar alguns dias. Como existia uma Ordem de Restrição emitida pela delegada Cristiana Bento da DECAV – (Delegacia da Criança e do Adolescente Vítima) contra mim, eu não pude voltar para casa sequer para pegar uma peça de roupa.

Cheguei no apartamento emprestado, tomei um banho e me agachei no canto do quarto. Disseram que eu fiquei ali, imóvel, por mais de um dia. Eu não lembro no que eu estava pensando. Acho que simplesmente encontrei um vazio e entrei nele. Durante esse tempo eu não me levantei, não falei com ninguém, não fui ao banheiro; simplesmente virei uma estátua.

Às vezes tinha a impressão de que alguém puxava algum assunto ou se aproximava – nestes momentos eu me recordava das

horas de tortura ou do que estava sendo acusado, e então voltava para o meu nada. Esse vazio fez com que o meu organismo recuperasse as energias e eu conseguisse entender um pouco do que se passava. Serviu, mesmo que de maneira precária, para que eu pensasse um pouco.

Eu estava protegido. Mesmo com os flashes da ambulância, das injeções, da pequena mulher, das amarras e dos gritos, eu tentava me convencer de que eu estava protegido, eu estava seguro.

Não há muito o que dizer sobre esse dia. Para o nada eu olhava, no nada eu estava, o nada era eu...

VOCÊ SERÁ APAGADO DA HISTÓRIA

Eu não pude voltar à minha casa para buscar absolutamente nada. Eu não tinha documentos, cartões, acesso ao banco, celular, roupas ou carro. Nem minhas aves de estimação eu pude pegar.

Imagine que você colocou toda a sua vida dentro de uma casa. Nela você guarda todas as recordações de infância, brinquedos que marcaram, fotos, livros, lembranças de família, objetos pessoais e absolutamente tudo que você possa ter juntado durante a sua caminhada na terra. Coloque lá seus diplomas, amores e recordações. Consegue imaginar isso? Tudo o que diz respeito à você está lá.

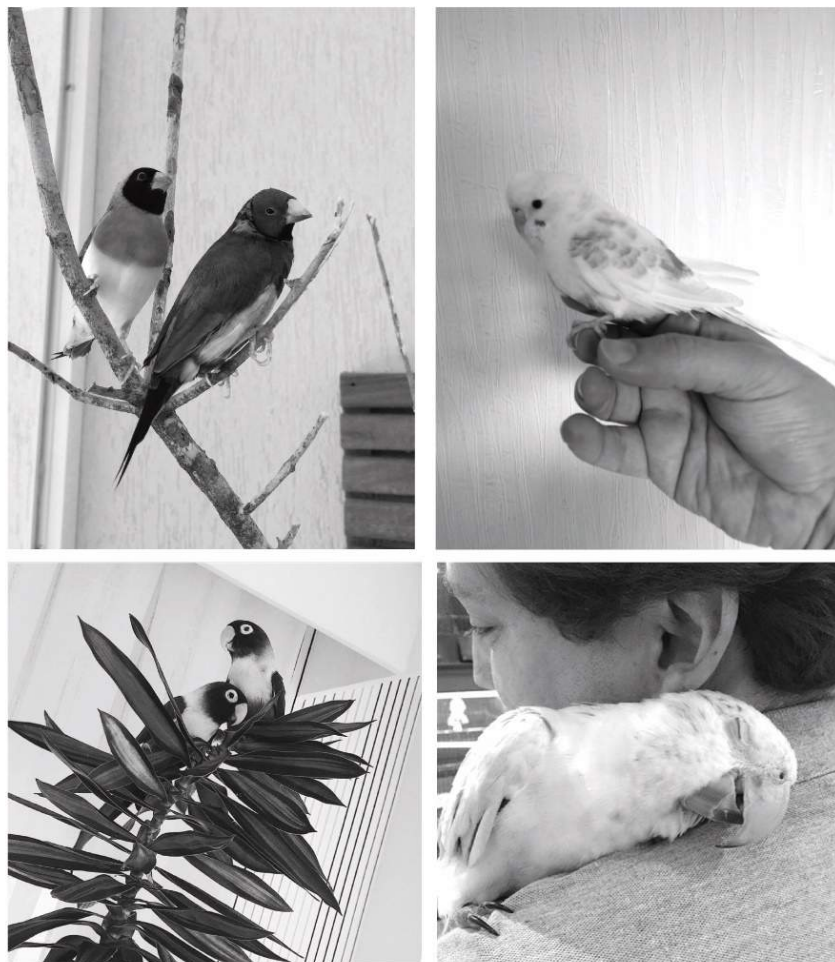
Agora imagine que houve um incêndio e você perdeu absolutamente tudo. Você sequer consegue provar que você é você. Tudo o que comprovava isso estava naquela casa.

Foi isso o que me aconteceu. Só que o incêndio não foi real – talvez doeria bem menos se tivesse sido.

Lembro-me que uma pessoa disse: “*Ela quer te apagar da história*”. Eu não acreditava nisso.

Quando me mudei de Minas para o Rio, trouxe todas as minhas lembranças e objetos e coloquei nesta casa. Nesta casa também tinha um escritório interno, além do da empresa, onde ficavam heranças de família, todas as minhas certificações, meus livros, documentos, contratos e fotos.

Neste escritório ficavam ainda os meus armários de roupas e o acesso ao viveiro onde mantinha aproximadamente 40 espécies de aves registradas, que haviam nascido e crescido ali. A maioria delas ficava solta em casa e eram tão mansas que viviam nas mãos até mesmo dos amigos que nos visitavam. Tinha Ararajuba, mandarins, *diamants golds*, *sparrows*, calopsitas, *rings necks*, periquitos e muitos outros.



Eu perdi absolutamente tudo. Não apenas o que o dinheiro comprou, mas as lembranças pessoais que não se pode voltar no tempo para refazer. Fotos e cartas de amigos e familiares já mortos e certificações de entidades que já não existem mais.

Com muita negociação, meu irmão conseguiu reaver minha identidade, passaporte e meu celular, o resto, até onde sei, foi destruído.

Recebi uma mensagem da síndica do condomínio informando que os vizinhos haviam denunciado que as minhas aves estavam sendo mortas por alguém da minha casa; aparentemente, alguém

estava matando os pássaros e jogando do terceiro andar (da minha casa). Tentamos alertar um órgão de proteção aos animais, mas eles foram barrados na portaria do condomínio.

Eu não sei se você tem algum animal de estimação. Para mim, eles não são apenas bichos, são uma extensão da família, são tratados com carinho e amor e deles só recebemos carinho e amor. Saber que as minhas aves, muitas das quais nasceram nas minhas mãos quando seus ovos eclodiram, estavam sendo assassinadas dilacerou meu coração. É tenebroso imaginar que alguém é capaz de fazer algo assim com vidas indefesas –, mas aí eu me lembro da maldade que habita dentro dos seres humanos.

Com as contas do banco zeradas, sem acesso as aplicações, sem roupas e cercado do vazio, eu sentia falta do canto dos pássaros, mas estava grato a Deus por estar vivo.

Olhei ao meu redor e, em meio ao quarto vazio, estavam ali minha mãe e meu irmão, sorrindo.

Mesmo em meio ao nada, a vida sorria de volta para mim.

TODOS OS POR QUÊS

Eu não sei você, mas a pergunta que mais me fiz nestes últimos dias foi “Por quê?”.

Desde criança eu fui ensinado a, diante dos desafios da vida, nunca perguntar o porquê, mas sim o “para quê”. Qual a finalidade

de aquilo estar acontecendo comigo e o que devo aprender com aquela situação para que a mesma não se repita; qual a lição ou qual a moral da história?

Nestes dias eu não queria saber o para quê. Eu queria saber o porquê de tudo isso. Nada fazia sentido. Não havia ensinamentos teológicos, *coaching* ou lições de psicologia que se aplicassem que sarasse a ferida que sangrava.

Por que uma pessoa se prestaria a isso?

Eu sei que ter tido algum tipo de experiência com o divino não necessariamente muda seu caráter. Mas por quê? Por que envolver uma criança que eu ajudei a cuidar? Que ser humano expõe uma criança dessa forma sem pensar no seu futuro? Não é justiça, não é dor, é busca por holofote. Se já tinha um amante ou outra pessoa na sua vida, por que não sentar, conversar e pedir o divórcio? Se queria ficar com todos os bens, era só pedir.

Durante todo o tempo de casado eu passei tudo para o nome dela e todo investimento era depositado em contas nominais a ela. O meu amor por eles fazia de tudo para vê-los felizes.

Por quê?

Minha ficha não caiu. A todo momento eu achava que o telefone da minha mãe ou do meu irmão iria tocar, já que o meu ainda estava em posse dela, com ela se desculpando pelo erro e que tudo voltaria ao normal. Teria sido um equívoco; mesmo o sequestro, a tortura e o cárcere poderiam ser consertados. Pessoas fazem loucuras por amor e eu, infelizmente, amava demais, tanto que não conseguia identificar os laços da maldade que me cercavam.

Como um adolescente deslumbrado pelo primeiro amor, assim era eu por ela. E isso era notório aos olhos de todos que viam nossas fotos, vídeos e programas de TV.

Um amor puro, protetor, mas unilateral

Não tem como desamar assim.

Eu fiquei sabendo, com o passar do tempo, que menos de seis meses após o ocorrido ela já estava com outro namorado dentro de casa, e em menos de um ano e meio ela já tinha se casado com outro homem.

Algumas pessoas questionavam o fato de uma mulher que acusou o ex-marido de ter estuprado o próprio filho conseguir colocar um homem estranho dentro de casa em menos de seis meses. E, em um ano e meio, colocar outro para ser o padrasto. Seria, no mínimo, estranho. Se fosse verdade, onde estava a cautela? Como fica a cabeça da criança?

Mas eu não pensava nisso. Mesmo com o passar dos anos, e mesmo depois do divórcio, eu não me sentia pronto para abrir meu coração. Havia passado por um trauma muito grande, não dava para, simplesmente, colocar outra pessoa no lugar, pelo menos era o que eu imaginava, principalmente alguém que alegava ter sido vítima de um crime tão hediondo.

Creio que vamos falar sobre isso mais tarde, mas carrego comigo um ensinamento de Pitágoras:

*“Purifica o teu coração antes de permitires que o amor entre
nele,
pois até o mel mais doce azeda num recipiente sujo.”*

Não se tira facilmente alguém da sua vida e substitui por outra, como um produto. Envolve sentimentos, envolve vidas. Pessoas não são coisas, ou, pelo menos, não deveriam ser. Fato é que não excludo ninguém assim. Não tem como acordar amando ou desamando – a não ser, é claro, que você tenha algum distúrbio que lhe prive de ter sentimentos.

Uma coisa eu sei: eu tive a oportunidade de viver todos os dias o que eu preguei durante anos de ministério. E vivi cada um dos detalhes do Livro “cas**AM**ento”, atualmente republicado como “Hagar” pela Editora Arcádia, que eu tinha escrito anos atrás. Todas as direções que eu dava para os casais baseadas em ensinamentos bíblicos eu apliquei à minha vida. Posso afirmar, com clareza e honestidade, que sempre fui fiel ao que preguei: amei incondicionalmente àquela que escolhi para dividir a vida.

Mas como todos sabem, só o meu amor não bastou, não é mesmo?

UM SACO DE ROUPAS E UM RAIO-X

Eu sempre digo que a comédia é o último estágio da dor.

A maioria dos comediantes elaboram piadas justamente sobre os traumas sofridos.

Geralmente, quando estou muito nervoso ou sofrendo muito, os músculos da minha face se contraem e fico como um sorriso amarelo – o que chamam de “rir de nervoso”.

Consegui fazer com que alguns amigos fossem ao meu escritório da empresa para buscar as coisas que estavam lá. Um dos conhecidos de um escritório vizinho havia me alertado que uma mulher tinha ido até lá, deixado alguma coisa e pego outras, e ele ouvira dizer que tudo que estava ali era para ser jogado fora e queimado.

Com essa informação, meus amigos foram ao local e conseguiram entrar e pegar as coisas que estavam ali. Alguns livros, algumas malas de roupas – eu tinha mania de chegar de viagem e deixar a mala no escritório, já que geralmente viajaria no dia seguinte e já deixava tudo pronto; só trocava uma mala por outra. Uma vez por semana, recolhia tudo e colocava para lavar, ou fazia inventário dos livros e DVDs vendidos nas conferências.

Graças a Deus por isso! Foi por isso que ainda recuperei alguns livros (não os mais raros, que ficavam em casa) e algumas peças de roupa.

Mas uma coisa me chamou muito a atenção.

Entre os objetos havia um raio-x do pulmão em um envelope da clínica onde eu fora mantido em cárcere datando do dia 10 de junho de 2016, mas neste dia eu estava fazendo uma conferência em Sorocaba (interior de São Paulo) e no dia 11 estava em

Campinas/SP; só no dia 12 estaria de volta à minha casa e só no dia 15 eu seria internado na clínica.

De quem era esse raio-x? Por que ele estava num envelope da clínica dentro do meu escritório? E por que havia um papel colado nele com meu nome escrito? Quem o colocara ali?

Enquanto eu estava viajando, a trama era construída. Foi descuido esquecerem esse exame ali ou fora proposital? Caso eu morresse e houvesse alguma investigação sobre minha morte, ele serviria para alguma coisa? Perguntas que até hoje me faço e continuo sem resposta.

E não sei se algum dia elas serão esclarecidas...

MACHUCADO QUE NÃO SARA

Tenho a impressão de que aquele machucado que demora mais a curar, com o tempo fica mais dolorido, mais sensível.

Se pararmos para pensar, sempre que nos ferimos em algum lugar a impressão que temos é de que toda a parte ao redor se torna mais suscetível a dor. Já bateu o dedinho do pé na quina de um móvel? Dedinhos dos pés e móveis de casa parecem ter uma atração irresistível um pelo outro... Mas o fato é que, a partir daquele momento, todos que se aproximam de você pisam exatamente naquele dedinho; quando você tem um hematoma no braço ou um problema de coluna, toda saudação que você ganha ou

sempre que alguém te abraça, encosta exatamente em cima do lugar que está ferido.

E quando você se machuca em cima do machucado?

Já teve algum corte ou alguma ferida que, quando estava prestes a cicatrizar, acabou machucando exatamente em cima? A dor é maior, parece que a ferida se abre com mais rapidez. Em alguns casos, a infecção que parecia ter ido embora novamente começa a brotar.

A ferida que não sara.

Quando estamos com algum problema que demora demais a curar, os dias não atenuam a dor.

A esperança demorada enfraquece o coração, já dizia o sábio Rei Salomão.

Durante toda a minha vida, ouvi que o tempo cura tudo. A verdade é que o tempo não cura nada, ele esconde.

Quando você vivencia alguma parte da sua vida parecida, ou exatamente igual, àquela que te feriu lá atrás, a dor volta instantaneamente em uma físgada aguda, crônica. Ela não começa de levinho; ela vem na sua maior intensidade, como alguém que já sabia exatamente onde dói.

A sua memória da dor não passa, ela fica escondida.

Hoje eu me sinto exatamente assim. Depois de quase dois anos e meio de mágoas, traições e de dores que não passam, os

dias parecem maiores, as dores parecem mais penetrantes. Falta o ar, o aperto no peito parece só aumentar.

Você pode salientar que depois de dois anos as coisas aliviam. Não, as coisas só aliviam quando há uma conclusão, quando Deus põe a mão. Tirando isso, ela continua lá, como um vírus cujo organismo não tem anticorpos suficiente para combater.

A dor continua doendo, e outra: continua doendo cada dia mais.

É assim a dor de quem perde um ente querido, ou quem tem alguém sequestrado e não consegue dar uma conclusão ao assunto. Alguém que nunca encontrou o corpo, por um naufrágio, incêndio, rapto, que não pode dar uma finalização. Que se viu vítima de uma injustiça. A dor não diminui. Você aprende a superá-la no sentido de conviver com ela, mas as cores não são mais as mesmas, o brilho não é mais tão intenso, e tudo aquilo que antes poderia ter um vibrante colorido agora tem um tom de cinza opaco.

Não diga que com o tempo tudo se ajeita. Não se ajeita, a não ser que o Senhor do Tempo intervenha.

Quando lembro que me tiraram tudo: casa, documentos, objetos, uma família... Não adianta argumentar que me casei com uma mulher com algum suposto transtorno mental.

Você só esquece e se cura rápido se você nunca amou verdadeiramente.

A dor não diminui simplesmente porque você descobriu que a outra pessoa era má ou que nunca te amou. O seu sentimento é seu, a sua dor é sua, independente de qual seja o tamanho dela. Nunca diga que o seu problema é mais importante do que o de

alguém, ou que a sua dor é maior do que a do outro. A dor não deixa de doer porque o dia passou.

Apenas não desista.

Parece papo de autoajuda, eu sei, mas acredite, eu repito isso para mim todos os dias.

A dor continua aqui. Tem dias que ela se faz mais presente do que em outros, mas eu escolhi não desistir.

O MANDADO DE PRISÃO.

Eu estava vivendo uma semana macabra desde que fora resgatado daquele lugar infernal pela minha mãe. Minha ausência das redes sociais e a falta em alguns compromissos agendados começou a gerar muita inquietação. Eu não podia me manifestar – na realidade, eu não queria me manifestar. Não conseguia conceber a ideia de ir a público denunciar toda essa barbaridade e acabar com a reputação da minha esposa. Para preservá-la, eu optei pelo silêncio.

Sabia, de várias fontes, que havia pessoas tentando me matar, mas até aquele momento preferia acreditar que era muito mais um discurso inflamado de alguém com raiva do que realmente a verdade dos fatos.

Ainda sem os objetos pessoais ou qualquer recurso, coube ao meu irmão tentar negociar com a minha esposa para que ele ao menos fosse buscar o meu carro. Ela aceitou, mas impôs uma

condição: eu precisaria ir pessoalmente buscar o carro em um local estipulado. Eu queria ir, mas minha mãe e irmão, desconfiados com tudo o que tínhamos vivido, impediram, e como não estavam dispostos a me deixar ir, ela não entregou o veículo.

Logo após, no mesmo dia, um irmão, membro da igreja que eu pastoreava, me ligou dizendo que ele pesquisou em um aplicativo da polícia e descobriu que existia um mandado de prisão para mim.

Era inacreditável! Ela tinha cumprido a promessa de que, se eu não assinasse a anulação do casamento iria me denunciar. Só que na minha mente isso era impossível. Fazer um boletim de ocorrência qualquer um pode fazer, mas como ela conseguiu convencer a delegada de que havia acontecido um estupro sem provas? Sem laudos médicos, sem avaliação dos peritos policiais ou mesmo sem pedir um depoimento meu? No mínimo, ela poderia ver o meu histórico: nunca sequer tinha levado uma multa ou recebido algum processo.

Eu tinha uma agenda pública, residência fixa e nunca havia tido nenhum problema judicial, mas acredite: ela conseguiu. E mesmo com os psicólogos peritos da delegacia informando que se tratava de uma fraude, a delegada me descreveu como altamente perigoso e que necessitava de prisão imediata.

Pode acreditar nisso: “altamente perigoso”. Vou falar detalhadamente sobre isso mais adiante, porque não se pode deixar que algo tão sério assim passe de forma tão rasa.

Sem saber muito bem o que fazer, entrei em contato com o meu antigo advogado, Dr. Carlos. Ele me conhecia há alguns anos e, claro, imediatamente pediu para me ver. Eu estava

completamente em choque. Ao chegar em seu escritório, mal conseguia segurar um copo de água, de tanto que tremia. Precisei de ajuda para beber água.

Essa cena não sai da minha cabeça... Eu sentado em uma cadeira, tentando segurar um copo d'água e tremendo tanto que o líquido derramava sobre mim. Não conseguia fazer o básico: levar um copo de água até a boca. Qualquer barulho e eu começava a gritar, achando que iriam me colocar novamente no manicômio. Eu estava em pânico.

Com paciência ele ouviu a história. Ele me conhecia, sabia do meu caráter, mas não podia aceitar o caso porque tinha advogado uma causa pela minha esposa há menos de um ano e, por ética profissional, ficava impedido.

Mais um golpe.

Como conseguir um profissional que acreditasse na minha história, sendo que sobre mim pairava uns dos mais hediondos crimes que se pode cometer na história: Estupro de Criança. E mais: eu estava sem nenhum bem ou remuneração, como conseguiria alguém que aceitasse o caso para pagamento futuro?

Acredite, Deus colocou a mão e não me desamparou.

Por indicação do Dr. Carlos, o advogado Dr. Leandro aceitou o caso para pagar quando tudo terminasse. Era inacreditável! Ele não me conhecia, como poderia fazer isso? A realidade? Ainda existem pessoas boas na terra. Eu estava com dificuldade para encontrá-las, mas ainda existiam, e quando se encontra uma delas, isso se chama favor de Deus.

Reunião marcada. E agora, o que fazer?

Capítulo 4

A Fuga

Voltei para casa.

Acredito que, por defesa, meu cérebro apagou muitas das coisas que eu vivenciei. Acredito que até o fim da vida, aos poucos, à medida que for me fortalecendo, lembrarei de outras coisas.

Mas não lembro como cheguei ao escritório do advogado e tampouco como voltei para casa. Mas a cena do copo de água ficou gravada na mente.

Poucas horas depois, o advogado chegou ao apartamento em que eu estava. Eu não sabia por onde começar. Como criminalista, acredito que ele já estava acostumado a lidar com todo tipo de acusações, e que nem sempre seus clientes são inocentes – o que não lhes tira o acesso a uma boa defesa. Mas como esclarecer que eu realmente era inocente, e não um culpado que se declara inocente, como vemos em todos os filmes, séries e na vida real?

Eu era *realmente* inocente, como fazê-lo acreditar em mim?

Comecei a contar um pouco da minha história, mas como um bom criminalista, parece que eles “sentem” quando a pessoa realmente é culpada ou finge ser. Não precisei de muitos detalhes. Em menos de trinta minutos ele sabia que valia a pena me defender. Viu meu caráter e confiou tanto em mim que deixou o pagamento para depois.

Espero um dia conseguir pagar essa dívida, ou ser perdoado dela. Não com dinheiro, mas com toda gratidão também.

CORRA SEM OLHAR PARA TRÁS, DE NOVO

Dr. Leandro entrou em contato com a delegacia para negociar a minha entrega, contudo, era sexta-feira à noite, e se eu me entregasse não teria direito a um depoimento, a dar a minha versão dos fatos; seria preso sem acesso a nada. Ele então informou que eu o faria na primeira hora da segunda-feira. O detetive aceitou, mas informou um detalhe que nos deixou preocupados: “Olha, a delegada colocou toda a força policial disponível atrás dele, já o caçamos em todos os endereços conhecidos e possíveis, inclusive comerciais e familiares”; eu não sabia de nada disso.

Agora entendo por que minha esposa aceitou entregar o carro desde que eu fosse pessoalmente: era uma armadilha. O detetive confirmou que existiam vários policiais no local prontos para me prender.

Eu seria preso sem direito a defesa.

O telefone tocou: o local que eu estava não era mais seguro. A pessoa que me emprestara o apartamento por aqueles dias fora ameaçada pela minha esposa com a ajuda da delegada; ela a convocou ao escritório da empresa, tentou tomar seu celular e coagi-la a dizer onde eu estava.

Como ela não sabia do mandado de prisão, assim como eu, a força que teve eu só posso acreditar ter sido proveniente de Deus; mesmo apavorada, ela conseguiu deixar o local sem me entregar, não sem antes ouvir da minha esposa: “Não se preocupe, eu vou achá-lo e ele vai morrer. Sobreviveu ao hospício, mas não sobreviverá a cadeia.”. Essa declaração foi confirmada na frente do juiz, em juízo.

Não havia mais segurança para mim ali. Mesmo se a polícia respeitasse o prazo da negociação, não sabia mais quem fora colocado para me encontrar ou tirar a minha vida. Foi o tempo de pegar uma escova de dentes, uma cueca, e sair sem rumo e sem direção.

Onde ficar até segunda-feira de manhã? Não posso colocar ninguém em risco.

Era sexta-feira à noite.

UM ESCONDERIJO NO MOTEL

É sábado de manhã. A noite foi péssima. Depois de muita dificuldade, consegui pegar dinheiro emprestado – não sei quando vou conseguir pagar – para passar a noite em um motel dentro de uma comunidade. Acho que aqui deve ser o local mais seguro no momento. Mas foi muito difícil conseguir dormir.

Eu nunca tinha entrado em um motel assim... eles são bem... peculiares. Um cheiro que mistura sexo, cigarro e poeira, aliados a

madeira velha e mofada. E, para piorar a situação, parece que os traficantes da comunidade resolveram fazer uma festa num dos andares do motel que durou toda a noite. Era muito barulho, gritaria, tiros e sons que não devem ser mencionados.

Eu não sabia o que fazer, apenas pedia a Deus para que não houvesse uma ‘batida policial’ no local ou que alguma das pessoas na festa morresse. Já estava imaginando a notícia nos jornais no dia seguinte: “Pastor fugitivo, acusado de abuso sexual, é encontrado numa orgia com traficantes dentro de comunidade.” Literalmente eu estava no local errado e na hora errada. Eu apenas clamava a Deus para que o pior não acontecesse.

Graças a Deus não houve maiores tragédias naquela noite. Pelo menos não que eu viesse a tomar conhecimento.

Lembrei de quantas vezes na Bíblia pessoas estiveram em locais em que não gostariam de estar devido as circunstâncias. Lembrei do Rei Davi fugindo de Saul e se escondendo na Caverna de Adulão junto com os indesejados das cidades. De Elias se escondendo de Acabe ou do Apostolo Paulo fugindo tantas vezes, ora dos Judeus, ora do Império Romano. Isso confortou meu coração. Consegui orar, consegui falar com Deus, de dentro do motel.

Eu ainda ficava revivendo momentos e lembranças do que tinha acontecido enquanto estava preso no hospício. Esses momentos não melhoravam, se tornavam mais fortes e mais intensos com todas essas novas situações.

Cada dia é um desafio. Você nunca acha que vai aguentar ou conseguir sobreviver, até que surge um novo dia e, da mesma

forma, você acha que não sobrevive a ele. E assim se passa a vida. Somos mais fortes do que aparentamos ser ou do que imaginamos. Somos todos sobreviventes.

Enquanto conversava com Deus, escrevi o bilhete abaixo:

Ele fez, faz e fará

Ele era, é e sempre será

Ele é a história de toda história

A eternidade nasceu dEle

E antes que ela fosse Ele já existia

É o Semeador a semear

É a terra a desabrochar

A árvore que vida dá

A esperança quando ainda não há

A ESPERANÇA QUE AINDA NÃO HÁ

É domingo. Passar mais um dia no motel está ficando estranho. Ainda bem que os funcionários não fazem perguntas, mas um homem sozinho, no segundo dia, saindo do quarto apenas para pedir algo para comer é, no mínimo, suspeito – e a comida não

parece ser muito limpa ou higiênica, mas sou grato por ter o que comer.

Amanhã vou me entregar a polícia. Não sei o que esperar. A informação de que eu não sobreviveria não sai da minha mente.

Tento ocupar meus pensamentos refletindo sobre o texto de Jó:

“Se tão somente pudessem pesar a minha aflição e pôr na balança a minha desgraça! Veriam que o seu peso é maior que o da areia dos mares. Por isso as minhas palavras são tão impetuosas.

Que esperança posso ter, se já não tenho forças? Como posso ter paciência, se não tenho futuro? Acaso tenho a força da pedra? Acaso a minha carne é de bronze?”

“Mas agora, tenham a bondade de olhar para mim. Será que eu mentiria na frente de vocês? Reconsiderem a questão, não sejam injustos; tornem a analisá-la, pois a minha integridade está em jogo. Há alguma iniquidade em meus lábios? Será que a minha boca não consegue discernir a maldade?”

“Por isso não me calo; na aflição do meu espírito desabafarei, na amargura da minha alma farei as minhas queixas.”

“Se eu disser: Vou esquecer a minha queixa, vou mudar o meu semblante e sorrir, ainda assim me apavoro com todos os meus sofrimentos, pois sei que não me considerarás inocente. Uma vez

*que já fui considerado culpado, por que deveria eu lutar em vão?” Jó
6 e 7 e 9*

Ao meditar nisso, rascunho alguma coisa e escrevo a canção:

Dias de Jó – Tua Paz

Me ajuda a confiar

E descansar em ti

Sabendo que tens escolhido

O melhor pra mim

Quando estou em Tua presença

O medo se esvai

A esperança se renova

Provo tua paz

Pois os dias são maus

As dores são reais

Os profetas se venderam

Não suporto mais

A esperança está com medo

E o medo estremeceu

*Se não for a Tua presença
O amanhã já pereceu*

*Quando estou em tua presença
O medo se esvai
A esperança se renova
Provo tua paz*

É hora de tentar dormir. O amanhã trará consigo os medos que já me dominam hoje.

04 DE JULHO DE 2016

É HORA DE ME ENTREGAR

Parece que o medo não pode alcançar níveis superiores àqueles que você já vivenciou. Ledo engano. A vida, como num jogo de videogame, consegue preparar níveis e fases cada vez mais difíceis e insuportáveis logo que você se livra da anterior.

Eu achei que estava preparado para esse momento. Não estava. Eu achei que seria forte. Não era. Não sei o que me espera. Depois de ser sequestrado, torturado, acusado e incriminado sem sequer ter o direito de ser ouvido, não sei o que pode me esperar. O pior, com certeza. Mas quanto pior? Acho realmente que não vou sobreviver.

Meu advogado chegou. Ele vai me levar a DECAV - Delegacia da Criança e do Adolescente Vítima, onde a denúncia foi feita e de onde a delegada Cristiana Bento ordenava minha caçada pelo Rio de Janeiro como um sujeito de alta periculosidade.

A dor desse caminho, do motel até a delegacia, ficou gravada na minha mente. Consigo me lembrar com riqueza de detalhes o trânsito, os bairros. Eu realmente achei que seria meu último dia. Se sobreviver, quero refazer esse caminho vendo por um novo ângulo. Criando uma nova memória para sarar a antiga. Quero traçá-lo não mais como alguém considerado um monstro, mas como um vencedor. Espero conseguir. Espero. Afinal, Fé é a certeza de que algo vai acontecer e Esperança é a convicção de que a fé vai se cumprir.

— Bom dia, senhora delegada!

Capítulo 5

Todos são culpados até que se prove o contrário

Chego à delegacia. Mal consigo erguer a cabeça. Acho que, mesmo que tivesse forças para isso, eu não iria querer. Eu era culpado? Não! Estava envergonhado? Completamente!

Você passa uma vida inteira fazendo o possível para ser alguém de quem seus pais se orgulhariam, de quem seus filhos se orgulhariam; alguém que você pudesse olhar diante do espelho sem se envergonhar e de repente você é considerado um monstro, um criminoso.

“Mas você não é”, você pode argumentar. “Levante a cabeça!”.

Na vida real, essas palavras motivacionais nem sempre funcionam.

Eu estava quebrado, lembram? Gastava toda a minha energia para me manter são e continuar afirmando que eu não era um monstro. O resto? Era resto, no momento.

Fui levado para uma sala para conversar com os detetives enquanto esperava a delegada. Eles estavam com meu computador em mãos – minha esposa tinha entregado para eles para que, junto com meu celular, que eu havia recuperado, pudessem provar algo contra mim. Mesmo eles já tendo feito toda a varredura no

equipamento, fiz questão de dar todas as senhas; eu não tinha nada a esconder, não tinha mesmo.

Eles periciaram tudo e não acharam absolutamente nada contra mim. Sequer algo de conteúdo sexual. No telefone acharam muita coisa, mas foi durante o tempo em que eu estava preso no hospício, o que acabou sendo provado que não fui eu quem usou durante esse período e que essas conversas, imagens e vídeos foram plantados para me incriminar.

De nada adiantou.

Para a delegada, eu era um monstro.

Terminei de dar o meu depoimento. Após isso, a delegada me disse: “Das duas uma: ou você é realmente muito ingênuo e inocente ou um grande ator que beira a psicopatia.”, mas já era tarde demais. Ela já tinha me incriminado e pedido minha prisão e o juiz, acreditando na sua argumentação, tinha aceitado. Meu destino? A Prisão!

A equipe de detetives, tanto homens quanto mulheres, me trataram muito bem. Alguns chegaram a dizer que sabiam que eu era inocente pela forma como a denúncia foi feita. Alegaram que, durante todo o tempo, minha esposa não queria saber do fato em si, mas de como ela poderia usar isso para anular o casamento, e, segundo eles, nenhuma mãe que tem o filho estuprado pensa em outra coisa, senão no bem-estar da criança. Mas eles não podiam fazer nada, além de me lançarem um olhar de pena.

Meu advogado conseguiu que eu fosse mantido na cela da delegacia até o dia seguinte, sem ser enviado diretamente para o presídio na esperança de entrar com o habeas corpus e mostrar ao

juiz todo o mal-entendido do processo, ainda assim, já naquele momento eu seria algemado, fichado e colocado na cela da delegacia.

Como a vida pode dar voltas... Há algumas semanas eu estava viajando pelo Brasil e alguns lugares do mundo, falando de Deus, da Bíblia, ajudando em trabalhos sociais, aconselhando pessoas; nas semanas seguintes sendo torturado numa “clínica” e agora preso numa delegacia. Uma grande roda gigante da vida.

Eu não fazia ideia de como uma algema é pesada e de como ela machuca os seus pulsos quando está muito apertada.

Agora eu sei.

O PORQUINHO

Os detetives me colocaram numa cela de uns 3x2m chamada de “porquinho”. Ela tinha um buraco no chão onde você podia fazer suas necessidades e um banco de cimento muito pequeno com uma barra de ferro onde as algemas são presas: uma argola da algema fica no seu braço e outra na barra de ferro, presa à parede ao lado do banco de cimento. Ali eu passei o dia. Gostaria de dizer que aquele foi um dos momentos mais cruéis que eu já vivi, mas não chegou nem perto.

Com certeza posso declarar que os minutos e as horas têm um tempo diferente quando você está algemado, sentado sem conseguir trocar de posição. Mais uma vez estava eu, mesmo que

de outra forma, amarrado. Só que dessa vez não injetavam drogas em mim e eu não conseguia dormir – eu estava bem lúcido e sofrendo cada segundo.

Dr. Carlos, aquele advogado que eu liguei quando fiquei sabendo do mandado de prisão, apareceu na delegacia e trouxe um lanche para mim. Avisou que estavam tentando me libertar, mas não sabia se seria possível antes da transferência para a prisão. Tiraram minhas algemas.

Eu não sabia, mas aquela seria a última refeição decente que eu teria em dias.

O dia terminou e nada aconteceu. A noite chegou.

Por compaixão, aquela turma de detetives resolveu tirar minhas algemas para que eu pudesse dormir ali, naquela cela, naquele quadradinho chamado porquinho. Me deito no chão. Está frio e sujo. Vamos sobreviver, quem sabe o amanhã trará boas notícias, foi o que repeti para mim...

Boa noite.

Mas as boas notícias não vieram.

A TROCA DA EQUIPE.

Acordo com alguém batendo na grade da cela. Ufa, parece que consegui pegar no sono. Mas por que eles estão gritando comigo? Quem são esses aí fora? Onde está a equipe que passou o dia comigo ontem?

Era troca de turno. Esses novos policiais não estavam cientes de tudo o que tinha acontecido e estavam me tratando como um estuprador de criancinhas. Não tiro a razão deles. Eu também teria dificuldade de lidar com alguém tão perverso. Eles, então, que estão acostumados a ver o pior do ser humano, devem ter as almas já maculadas pela maldade.

Mas eu era inocente – e, ao que parece, todos que passavam por ali também, mesmo que não sejam, na realidade, e não adiantava explicar.

Eles retiram meus sapatos e meus óculos. E todas as vezes que precisam me tirar da cela para alguma verificação ou registro eles colocam uma algema especial, para alguém que, segundo o relatório, era de extrema periculosidade. Essa algema ligava meus pulsos e meus pés, dessas que você vê em filmes quando transportam os mais terríveis prisioneiros. É impossível fugir com algo daquele tipo. Eu digo isso porque eu mal conseguia andar. Cada passo, tendo um pé amarrado ao outro além de ambas as mãos, te tira toda coordenação motora.

Mais uma vez sou fotografado, retiram minhas digitais. É a terceira vez que fazem isso. Parece que ou o sistema está falhando ou o funcionário no local não sabe muito bem como ele funciona. Era a terceira vez, e cada vez era mais humilhante do que a anterior.



Não tenho notícias do meu advogado, não tenho, aliás, notícias de nada sobre ninguém. Não sei o que está acontecendo.

Mal termino de fazer todos os procedimentos de ‘fichamento policial’ novamente e chega uma equipe para me levar para o presídio. Quando eles se aproximam, eu escuto uma frase que iria me acompanhar por muito tempo. Uma frase que gela a alma, seca as veias, estremece os ossos, faz o coração parar de bater, uma frase que ainda dói cada vez que eu ouço, assim como doeu na primeira vez:

“Esse é o estuprador?”.

“Você não dura 24h.”.

VOCÊ NÃO DURA 24H

Algemado e com um policial de cada lado, sou levado até o estacionamento da delegacia.

A forma como eu era tratado me fazia pensar que eu seria morto no estacionamento, que algo do tipo “ele tentou fugir e foi alvejado” iria acontecer. Eu era odiado por eles.

Agarrado pelos braços, eles abrem a porta do tão temido “camburão”, o carro preparado para carregar prisioneiros. A porta de trás se abre, pesada como a de um cofre antigo. Num minúsculo espaço, dividido ao meio, já vejo algemados mais outros oito. O espaço seria apropriado para quatro, mas oito pessoas já superlotavam o cofre sobre rodas. Sou empurrado para dentro e a porta se fecha atrás de mim.

Do lado de fora, os homens gritam: “Não fica com saudade, daqui a 24h a gente volta pra buscar seu corpo.”.

A sirene é ligada. Maldita sirene. Como ela causa pânico! Ainda ouço seu som. Acordo muitas vezes com seu barulho na cabeça. Tenho taquicardia e começo a suar frio a cada vez que o mesmo fatídico barulho se faz ouvir por mim.

Rodamos por vários bairros do Rio de Janeiro. Fizeram um *tour* pela cidade do Rio com o som estridente, como que uma passeata para exibir um troféu. Desde o centro da cidade, onde estava a delegacia em que eu estava detido, até o Complexo Prisional de Bangu; passamos por outras delegacias para deixar ou

para pegar mais algum preso. Às vezes o camburão voltava para o mesmo lugar, e nessas horas eu imaginava que poderia ser um bom sinal. Sinal de que o meu habeas corpus tinha sido aceito e eu, enfim, poderia voltar, mas isso só prolongava a minha agonia. Saía e entrava gente. Eu permanecia ali.

Até que fizemos uma parada para uma das humilhações do dia: o exame de corpo de delito. Quero só salientar que a todo momento você é tratado como lixo. Não como animal, pois muitos ainda têm compaixão por um animal, mas como lixo. Você não presta. Você não serve. Você não foi julgado, não foi condenado, mas, no Brasil, todos são culpados até que consigam provar o contrário. Mesmo a constituição dizendo o oposto, na realidade as leis são outras.

Com muita sede, pois estava sem beber água desde o dia anterior, pedi, com muito medo, ao policial que nos acompanhava – a mim e aos outros que faziam o exame – um copo de água. Fomos levados até uma sala escura, com paredes no reboco e fios de energia desencapados pendurados e faiscando. Por uma das paredes escorria um veio de água que mantinha o chão sempre molhado. Cada vez que o interruptor da sala era ligado, eletrocutava a água no chão da sala como forma de tortura. Os fios não estavam ali porque a sala estava em obras. Eu estava na famosa sala de tortura da Polinter que todos negam existir.

Essa água que escorria pela parede foi a água que pudemos beber. Não levei choque ali. Apenas o choque na alma e o peso do lugar que gemia por aqueles que haviam deixado sua vida ali.

De volta ao camburão, sempre algemado, vejo mais uma vez os guardas olharem para mim e dizerem: “Você é o estuprador? Não quero te desanimar não, mas você não dura 24 horas lá!”.

Seguindo pela Avenida Brasil, ao som da sirene excruciante, até o maior complexo prisional do Estado do Rio de Janeiro, o Complexo de Gericinó ou simplesmente Bangu, como é conhecido, em alusão ao bairro que fica localizado. Cruzamos a cidade com uma certeza na mente: eu tinha 24 horas de vida.

Capítulo 6

Bem-vindo a Bangu

Chegamos a Bangu. O local é tão grande que, espalhados pelos seus pavilhões prisionais, estima-se que se tenha em média 50.000 encarcerados. Em alguns pavilhões, 60% desse número sequer foi julgada; foram presos por inúmeros motivos e esquecidos lá.

Existe muita gente cruel lá, mas também existe muita gente inocente e muitos que tiveram que aprender a ser cruéis para sobreviver... eu conheci muitas histórias.

Ao entrar pelos portões, dois homens nos recepcionaram. Foi oficialmente inaugurado o pior dia da minha vida. Imediatamente após entrar, eu levei um soco na nuca. Não sabia o porquê, mas não existe por quês para se apanhar naquele lugar.

Ficamos sentados no chão esperando nossos nomes serem chamados. Quando gritaram o meu, levantei-me e fui até aqueles dois homens. Um deles era branco, alto, usava óculos e tinha o cabelo preto. O outro também era branco e alto, mas o cabelo e a barba eram ruivos. Lembro-me deles como se minha mente tivesse tirado uma foto. Eles não se chamavam pelo nome, usavam uma numeração para se referir um ao outro. Levei mais um soco porque olhei para eles, e depois comecei a apanhar porque me perguntaram qual o artigo da minha prisão.

Eu não fazia ideia do que eles estavam falando. Não conhecia sobre as leis, e quando você pergunta sobre artigo para um escritor tem um sentido completamente diferente de um artigo na lei. Quase quebraram meu rosto por causa disso. Apanhei tanto que tive perda de um lado do queixo e do outro lado no seio da face.

Alguns tempo depois, fiquei sabendo que o artigo que eles queriam era o do código penal registrado no boletim de ocorrência. Mas apanhei para nunca mais esquecer: artigo 217.A – estupro de vulnerável.

Após apanhar, fui obrigado a me despir e ficar de frente a parede para uma inspeção. Neste momento é perguntado se você pertence a alguma facção. Eu não pertencia a nenhuma e então o convite mais estranho eu ouvi naquele momento: “Gostaria de se filiar?”. Eu estava há menos de uma hora em um presídio e já estava sendo assediado pelas facções criminosas, isso tudo ao lado dos agentes penitenciários.

Com a promessa de proteção, a maioria dos que estavam ali optaram por alguma delas: Comando Vermelho, Terceiro Comando ou A.D. A^[3].

Pedi para continuar não filiado e fui considerado NEUTRO. Em toda prisão, parece que apenas cinco dos que estavam presentes tinham optado por tal aparente loucura: ficar desprotegido, ou seja, não entrar para uma facção criminosa.

Muitas pessoas alegam que facções criminosas não dividem o mesmo pavilhão em presídios, mas basta uma simples busca na internet que você verá que em 2016, no pavilhão 10 da Triagem de Bangu, as facções não eram separadas por prédios, apenas por

celas, e no meio delas, para dividir o espaço, ficavam os neutros. Independente de qual lado viesse a rebelião, os neutros eram os escudos humanos, os alvos fáceis. Os primeiros a morrer.

Agarrado pela nuca, ainda nu, fui levado a uma salinha onde raspavam meu cabelo. A máquina para raspar a cabeça, a mesma usada para todos, quase sem corte, não apenas arrancava o cabelo, mas feria o couro cabeludo. Depois, fui conduzido por um pátio e então para as alas onde as celas eram separadas por corredores. Entramos no corredor D onde, ao abrir as grades, os carcereiros me jogaram lá dentro, ainda nu, e gritaram para todos: “Ele é um estuprador de criancinha. Fiquem à vontade!”.

FIQUEM À VONTADE

“Fiquem à vontade”, gritaram.

Os corredores iam do A ao E, onde o A era o melhor e o E onde a escória humana mendigava por pão e água. Fui colocado no D, mas com tratamento de E.

Espancado, nu e jogado no chão dentro de uma cela com o incentivo dos carcereiros, eu apenas vi a sombra dos homens se aproximando, naquele momento, creio que pela primeira vez na vida, eu fiz a oração da cruz: “Pai, nas tuas mãos eu entrego o meu espírito, pois meu corpo morre aqui.” E acrescentei: “Por favor, apenas que eu morra rápido.”.

Escutei a grade da cela bater atrás de mim. Nu e em pânico, me agachei num canto e não sei quanto tempo permaneci ali, quase em posição fetal. Se passaram três minutos ou três horas, eu não sei, mas em algum momento senti alguém encostando no meu ombro; em meio ao surto de pavor, um dos presos me estendeu a mão. Na sua mão havia um short. “Gostaria de vestir?”, perguntou ele. Outro me deu uma camiseta branca que ainda tenho guardada e outro um chinelo preto.

Eu não estava entendendo. Achei que algum golpe tinha sido dado em minha cabeça e eu não tinha sobrevivido, então os anjos estavam me vestindo para me levar ao céu. Mas eu não tinha morrido.

Durante todo o período que permaneci preso, mesmo contrariando todos os pedidos dos agentes penitenciários, nenhum dos presos encostou em mim, pelo contrário, eles geralmente abaixavam a cabeça para falar comigo. Eles não sabiam quem eu era, apenas algum temor se apoderou deles e ali me protegeram. O motivo? Eu nunca vou saber, mas uma certeza eu tenho: foi a mão de Deus me amparando.

Conversei depois que saí com muitos profissionais forenses sobre essa situação, e alguns deles foram irredutíveis em afirmar que nunca viram um caso de alguém ser colocado numa cela como pedófilo, com o incentivo dos carcereiros, e não ser estuprado e até mesmo morto. Que geralmente estupradores ficam separados em outras celas, porque é regra que sejam estuprados e assassinados lá dentro. Coleciono artigos de jornais que são unânimes em mostrar as mais horrendas mortes sofridas por pessoas acusadas de estupros dentro das penitenciárias.

Só há uma explicação: Deus!

Assim como Deus fechou a boca dos leões quando Daniel foi jogado em suas covas pelo Rei da Babilônia ou quando a fornalha não queimou Sadraque, Mesaque e Abede-Nego; da mesma forma, os leões e o fogo em forma de presos não me tocaram.

Isso é um milagre!

“Afinal, o rei assinou a ordem para prenderem Daniel, que assim, foi levado até à cova dos leões. Lá, o rei disse a Daniel: Eu espero que o seu Deus, a quem você sempre serve e adora, o salve dos leões. Então Daniel foi jogado na cova.

Uma pedra foi colocada na entrada da cova e o rei marcou a pedra com o seu anel e com o selo do reino, para ninguém tirar Daniel dali.

Bem cedinho, o rei correu à cova dos leões e cheio, de tristeza, gritou: "Daniel, servo do Deus Vivo, será que o seu Deus, a quem você adora, foi capaz de salvá-lo dos leões?

Foi então que o rei ouviu uma voz: "Majestade, eu lhe desejo uma vida longa e feliz! " Era Daniel!

"O meu Deus mandou o seu anjo, para fechar as bocas dos leões. Eles não me tocaram! Isso porque eu sou inocente diante de Deus: e contra o senhor também, rei Dário, eu não cometi crime algum. " Daniel 6.16-22

Eu estava vivendo um dos textos mais lindos que já havia lido na bíblia. Em meio aos leões, eu fora poupado.

Creio que Deus sabe o limite de cada um de nós. Eu já havia sido torturado de tantas maneiras e perdido tudo. Creio que Ele sabia que eu não suportaria o estupro.

Ele não me livrou do vale da morte. Mas esteve comigo lá.

Eu me levantei, vesti as roupas e me sentei num canto. Não sabia o que dizer. Não sabia o que fazer. Não sabia se deveria dizer alguma coisa. Apenas balancei a cabeça, como quem diz: Obrigado!

Naquele lugar de escuridão e morte, eu descobri que a bondade às vezes vem dos lugares mais inusitados...

É PROIBIDO ORAR

Eu não consigo esquecer o rosto dos agentes penitenciários que me espancaram e pediram aos presos que me estupassem. Sua imagem é nítida na minha memória. Dizem que quem bate esquece, mas quem apanha nunca, e é verdade. Um deles, alto, pele branca, cabelo preto e óculos. O outro, também branco, era bem magro e ruivo.

A eles se juntou um terceiro no segundo dia. Seu propósito de vida era apenas torturar os presos. Ele era mais baixo e negro. Por ter uma voz fina, o apelidavam na cela de Anderson Silva, em referência ao lutador do UFC.

Como leram na minha ficha assim que eu cheguei que era pastor, eu apanhei em advertência para nunca falar da Bíblia, orar ou cantar ali dentro. Caso o fizesse, seria penalizado.

Isso soou muito estranho para mim. Já vi muitos amigos fazerem trabalhos pastorais em presídios, inclusive falando de Deus. Eu mesmo já visitei alguns pelo Brasil afora e sempre havia sido bem recebido, tanto pelos funcionários quanto pelos presos. Mas ali, segundo eles, não havia Deus. E a prova cabal para eles era o fato de eu, um dos “representantes” de Deus, como eles diziam, por ser pastor, estar completamente desamparado por Ele. Se eu me recusasse a obedecer, a punição seria severa. E eles vigiavam de perto. Perto demais.

Tolos. Por acaso há alguma construção fortificada demais que Deus não possa entrar? Existe algum coração duro suficiente que Ele não possa amolecer? Não sei quem eles conheciam, mas com certeza não era o Deus em que eu acreditava.

Estava na hora de calcular quantas surras eu seria capaz de aguentar, mas eu não ficaria ali para sempre calado.

Eu gastei muitas horas em oração, pedindo a Deus ajuda para perdoá-los. Confesso, foi muito difícil e demorou bastante. Mas hoje consigo falar deles sem sentir dor. Se o Estado do Rio de Janeiro vai averiguar essa denúncia, fica a critério da corregedoria. No meu caso, eu sigo em paz.

BEM-VINDO À CELA DO CORREDOR D

Os presos da cela separaram um local para eu dormir. Eles tinham por mim uma compaixão que não era humana. Eles não me conheciam. Estavam ali por tráfico, roubo, assassinato ou uso de drogas em sua maioria. Meu crime era hediondo. Com certeza essa compaixão era favor de Deus.

Durante toda a noite os carcereiros se revezam para bater com algum objeto nas grades das celas, para evitar que você consiga dormir. A privação do sono é um ritual de tortura inimaginável. Você passa bem no primeiro dia; experimente fazer isso por três, quatro ou cinco dias. Dói cada parte do seu corpo, lugares que você nem sabia que poderiam doer.

Numa cela de aproximadamente 9x2m estavam comigo mais seis presos. Além de duas treliches de cimento, tinha um tanque e um buraco no chão onde todos faziam suas necessidades. O local era extremamente imundo. Não havia colchão, lençol, sabonete, absolutamente nada. A água era ligada duas vezes ao dia por 30 segundos. Neste tempo, usava para beber, jogar no buraco das fezes ou se molhar, já que tomar banho era impossível.

Os riscos nas paredes para contar os dias eram fundamentais para se situar no tempo, caso contrário, você não tinha ideia de em qual dia da semana ou do mês você estava.

Pela manhã é servido um café puro com um pão sem manteiga, mas ninguém avisa que não existe copo ou caneca, então como tomar café? A não ser que queira segurar o líquido com as mãos. Eles riam disso o tempo todo: *“Vou colocar na sua ficha que você recusou o café da manhã, depois não reclama”* e gargalhavam.

Poucas ações eram tão desumanas quanto a hora das refeições. Os carcereiros deixavam a minha comida estragar para depois servi-la. Todas as vezes que abri a “quentinha” era quase impossível comer, digo quase, porque chega um momento em que a fome é tamanha, que você come mesmo estando podre. O cheiro de azedo era muito forte e geralmente o arroz ou o feijão já estava com partes verdes devido ao mofo. Não existem talheres. Você come com as mãos, ou com a forma que você inventar – e isso acaba exigindo muita criatividade por parte dos presos para montar alguns tipos rústicos de garfos, a fim de ter um pouco de dignidade na hora do almoço ou jantar.

Vez por outra um preso era levado, como num jogo de roleta russa, apenas para apanhar e voltar para a cela. Sorte sua se não fosse o escolhido da vez. De dentro da cela, você só escutava os socos, pontapés e gritos. Logo depois o preso era devolvido, sujo, muitas vezes cambaleando pela surra que tinha levado.

Quase todo dia tinha algum tipo de rebelião ali dentro. A maioria das vezes por causa da comida. Ninguém de fora da cadeia fica sabendo. A mídia não faz ideia do que acontece lá dentro.

Diversas vezes, o carcereiro apelidado de Anderson Silva colocava minha cabeça a prêmio, assegurando que quem desse cabo de mim ou me estuprasse ficaria livre da roleta russa. Graças a Deus o temor do Senhor sobre mim era maior e ninguém aceitou a proposta dele.

Ainda hoje, escrevendo isso, não consigo acreditar. Toda essa história parece *hollywoodiana* demais, mas essa parte em particular foge às expectativas. É inacreditável.

SERÁ QUE CONSIGO FALAR DE DEUS?

Talvez lendo isso você possa supor, “*Uau*, que homem de fé, que força, que guerreiro”. Na realidade eu não me achava com fé. Eu estava vivendo, ou melhor, sobrevivendo a cada momento. Algumas reações pareciam instintivas; o fato é que eu estava desmoronando.

A essa altura, todos já sabiam que eu era pastor – o carcereiro ruivo fazia questão de zombar sobre isso – e começaram a pedir que eu falasse sobre a Bíblia ou sobre Deus. É incrível como todos ali estão sempre receptíveis à Palavra; muitos usam isso para terem fé para continuar, outros erroneamente usam para citar textos de vingança, mas o fato é que todos querem ouvir sobre Deus. E, naquele momento, eles queriam ouvir de mim. Mas eu não tinha condições.

Eu estava questionando a minha fé, então como falar dela para os outros? Mesmo tendo sido poupado de alguns terrores na cadeia, eu ainda estava na cadeia, ainda era oficialmente acusado de ser um monstro e continuava sendo traído por todos a quem eu amava. Eu estava em conflito. Não queria falar de Deus. Na realidade eu não queria falar de nada. Só queria ficar quieto no meu canto.

Conseguí passar todo o primeiro dia ali assim, em silêncio. No entanto, no segundo dia, já não era mais possível. Havia curiosidade e anseio por esperança dos presos das outras celas. Mas eu não queria falar, não queria que a dúvida que pairava sobre

mim contaminasse os outros corações. Eu estava me sentindo abandonado por Deus e, neste momento, não queria levar esse abandono aos outros. Mas foi inevitável, só pelo fato de eu estar ali, já começaram a cantar e a cavalaria logo chegou.

Não demorou muito e os agentes penitenciários chegaram. Eu infringi a regra deles. Se havia um “culto” ali, a culpa era minha, e ainda havia incitado os presos a cantar. Estava na hora de arcar com as consequências.

ACHO QUE VOU MORRER.

Os carcereiros brigaram, discutiram entre si, e pareceram não chegar a um acordo; xingaram, bateram nas grades, mas por um milagre, após o silêncio reinar, simplesmente foram embora. Ameaçaram sistematicamente que não haveria outra oportunidade e que se alguém falasse de Deus novamente seria punido, contudo, por mais um dia estávamos livres.

Os dias eram sempre iguais. Você não faz absolutamente nada dentro da prisão. No setor em que eu estava, sequer banho de sol havia. Tinha pessoas ali que não saíam das celas há meses. A falta de algo para fazer é um problema que precisa ser tratado com urgência. Você não tem acesso a nenhum tipo de livro – sei que ali a bíblia era proibida, mas deveria haver qualquer livro que fosse para passar o tempo. Nada, absolutamente nada. Você fica o dia todo, semana, meses, anos, sem fazer nada, isso é um convite aos pensamentos ruins que reinam naquele lugar e tempo suficiente

para traçar estratégias maliciosas para seguir governando o mundo externo, mesmo aparentemente presos. O ócio é um convite à marginalidade.

No terceiro dia, um dos presos que estava na mesma cela que eu começou a passar muito mal. Seu nome era Rafael. Ele era sempre muito quieto. Falava pouquíssimo e quase sempre apenas o indispensável. Era notório que ele também não era do “crime”, como se dizia lá dentro. Morador da zona sul do Rio de Janeiro, universitário, noivo e frequentador de academia, ele fugia do estereótipo da maioria. Além de mim, acho que era o único outro que tinha um advogado para lutar por seus direitos. Os demais estavam à mercê do Estado. Sua história se perdia entre ele ter sido preso porque tinha maconha ou se tinham armado para ele e plantado maconha na sua mochila. O fato é que ninguém sabia ao certo e ele pouco falava.

Existia outra regra conhecida dentro da prisão. *Nunca passe mal*. Porque se você passar mal, o remédio que você receberá lhe deixará muito pior.

Geralmente quem passava mal era jogado na solitária, um lugar que conseguia ser ainda mais imundo e escuro do que a cela normal, e você só saía de lá se declarasse que estava curado. Se na cela de chão de cimento, úmida, com fezes e urina, cheia de ratos e baratas e muitos, muitos mosquitos, já era um pesadelo, a solitária parecia a cereja do bolo das torturas de Bangu. Ela não se parece em nada com as cenas dos filmes. É completamente escura, não existe abertura para luz entrar. Não há nem sequer o buraco no chão para as fezes. Você não sabe se é dia ou noite. É frio, úmido e

um convite a todo tipo de dano à saúde – alguns saíam de lá com pus saindo pelos ouvidos e o cheiro era assustador.

Raphael começou a passar muito mal. Ninguém sabia o que ele tinha e nem ele conseguia explicar o que sentia. Ele começou a tremer e se desesperar, não conseguiu se segurar e começou a ter diarreia; quanto mais ele se desesperava, pior ele ficava – temendo chamarem ajuda e ser jogado na solitária.

Eu já tinha visto isso, ele estava tendo um ataque de Pânico.

Se você nunca teve um ou não conhece alguém que teve um, não seja cruel de achar que isso é frescura ou besteira. Ataques de pânico ou ansiedade são transtornos que podem acabar com a vida de uma pessoa. Os sintomas não avisam quando vão aparecer e a pessoa fica vulnerável, com pensamentos insanos, inclusive os de que está morrendo. Alguns enfartam por causa disso, mas piorando ou não, fato é que ele estava entrando em uma crise de pânico e ela só piorava pelo fato de saber que não poderia pedir ajuda.

Acredite se quiser, Raphael estava manifestando todos os sintomas ao mesmo tempo. Os outros presos achavam que ele iria morrer. Com dificuldade, consegui sentá-lo de frente para mim e, olhando nos seus olhos, o convenci a prestar atenção na minha respiração para que pudéssemos sincronizar a respiração dele. Pedi ajuda de outro preso para molhar um pedaço de pano e colocar na nuca dele para refrigerar. Eu sabia que um ataque de pânico dura em média dez minutos. Precisava que ele focasse em mim nesse período, porque depois o corpo dele iria normalizar.

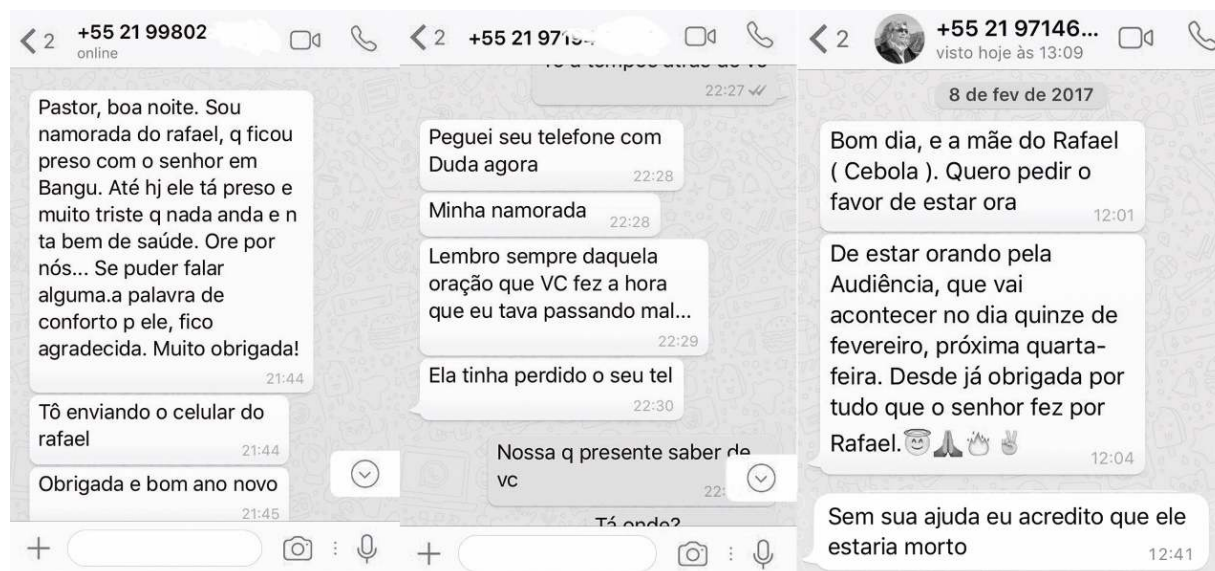
Era difícil conter os gritos de desespero. Conversando com ele, olhando nos olhos dele, pedia que ele repetisse o que eu ia dizendo

junto com algumas palavras motivacionais. Ele precisava se desligar dos sintomas e eu precisava chamar a atenção dele para outra coisa.

Aos poucos ele conseguiu unir a respiração a minha. O pano na nuca era trocado com frequência, pois ele ainda suava muito; cada minuto parecia uma eternidade e todos estávamos com medo de que algum agente viesse até o local.

Seu batimento foi desacelerando. Os dez minutos críticos foram passando e a vida voltava para o seu corpo novamente. Trinta minutos depois era como se ele nunca tivesse tido nada. Os outros detentos estavam assustados; eu expliquei para eles o que era e que agora eles saberiam como lidar com isso, principalmente quando não se pode pedir ajuda médica, que seria o ideal para o caso.

Poucos dias depois que eu saí da prisão, recebi uma mensagem *inbox* no meu *Facebook* da noiva dele e da sua mãe. Elas narravam, felizes, que ele estava solto; tinham provado sua inocência. Elas entravam em contato para agradecer por salvar a sua vida. Diziam que ele era enfático ao falar que, se não fosse minha ajuda, ele teria morrido. Eu sequer lembrava desse caso, nunca imaginei que teria notícias dele depois daqueles dias. Fico grato a Deus por saber que ele está bem, afinal Raphael significa: “Deus cura”!



QUE VIDA É ESSA?

A tortura não pode ser justificada, em hipótese alguma. Ao optar por ela, ao invés de recursos de inteligência, os carrascos se tornam exatamente iguais as pessoas que julgam estarem erradas. O torturador é um ser sem alma cuja única finalidade é se alimentar da alma alheia. Como um demônio sedento por sangue, ele muitas vezes sente prazer em causar dor.

Em nenhum momento quero dizer que os presidiários são anjos indefesos. Não é e nunca será essa a intenção. Existe gente muito cruel ali dentro. Pessoas que fizeram e são capazes de fazer o inominável. Contudo, com uma população carcerária em sua maioria ainda aguardando julgamento, não dá para mensurar quantos ali são inocentes de verdade. O ócio ajuda na propagação da violência e a crueldade à que são submetidos, física e psicologicamente, aumenta o terror.

É impossível, sem a ajuda de Deus, creio eu, alguém sair dessa experiência recuperado ou ainda da mesma forma que entrou. Seja culpado ou inocente, quem tem a malfadada experiência de ser posto no sistema carcerário, da forma como ele se encontra hoje, sairá, inevitavelmente, diferente. De uma forma muito pior. Causará mais danos a si, aos seus familiares e a sociedade. São penas de morte que muitas vezes não matam o físico, mas envenenam a alma.

A todos que são culpados: que a justiça seja feita e eles paguem pelos seus crimes sem benefícios, mas apenas trancá-los sem fazer absolutamente nada que pelo menos os ocupe ou ofereça treinamento é apenas adiar o problema para os anos seguintes, quando eles forem libertados. E tenham certeza, eles sairão muito pior do que entraram.

QUE BARULHO É ESSE?

Está acontecendo algo muito estranho do lado de fora da prisão. Muitos helicópteros estão sobrevoando por perto, podemos ouvir o barulho. Há um corre-corre nos corredores. Sem esperar, um pelotão aparece na porta da minha cela. “Você aí!”, diziam eles. “Venha com a gente. Mãos para trás e cabeça baixa.”. Eu não sabia o que era. Achei que seria fuzilado quando, sem entender, me levam para outra ala da prisão, chamada Corredor B.

Retiraram todos os presos da cela e me colocaram sozinho ali. Em menos de trinta minutos eu tinha colchão, sabonete, lençol, um cobertor áspero e um copo de plástico reutilizado, desses que vem

com suco ao se comprar em supermercado. Nem os presos que eu deixara, tampouco os que me viam entrando na nova cela, estavam entendendo o que se passava.

Neste corredor as celas eram mais limpas, não havia superlotação e, pelo visto, a água era liberada mais vezes ao dia.

“Você é o pastor?”. Eu não sabia o que dizer, então respondi: “Sim, sou.”.

“Você está em todos os canais de TV. Os helicópteros acima são todos de emissoras de TV e jornal, do Brasil e de fora, para falar de você.”, falou um novo carcereiro, um pouco mais cordial e humano. Foi ele quem me emprestou, pela primeira vez desde que eu estava ali, um pouco de creme dental para escovar os dentes com os dedos.

Pelo visto, minha esposa tinha dado uma declaração sobre o ocorrido no dia anterior e havia ganhado o interesse da mídia. Eu era capa dos jornais e o assunto mais falado.

A estranha relação que ela mantinha com o então Senador Magno Malta há mais de vinte anos, fez com que ele usasse a tribuna do Senado para me difamar e pedir pena perpétua para mim. Não apenas isso, o Malta citou pena de morte como objetivo final, mas como em nosso país não seria aceito, decidiu por inflamar o senado numa mudança de lei, para que eu fosse condenado a prisão perpétua.

O Senador alegou ter todas as provas e proferiu a sentença sobre mim. Provas que nunca existiram, como mais tarde o Ministério Público averiguou.

E esse merece uma atenção à parte.

Magno Malta é cristão, pastor e, até então, Senador da República.

Mas mesmo tendo meu telefone, não me ligou como cristão. Mesmo sendo “pastor”, não agiu como tal e, como Senador, usou um dos máximos cargos da república para massacrar, com toda a sua influência, alguém que não tinha como se defender.

Uma multidão se reunia em volta do presídio com cartazes, paus e pedras para o meu linchamento induzido pelo Senador.

Foi um caos dentro da prisão.

O diretor veio até a ala em que eu estava para conferir se eu estava “inteiro”. Pelos corredores se espalhava o pânico, pois o diretor tinha certeza de que eu estaria morto, afinal fui jogado em cela comum como estuprador. Quando descobriu que eu não só estava vivo como intacto, foi que começou a operação “mudança de cela”.

A partir daquele momento minha vida estava sob a proteção dele, pois qualquer coisa que acontecesse comigo sairia nos jornais e seria de sua responsabilidade, e ninguém queria essa publicidade negativa.

Nunca mais apanhei na prisão ou fui ameaçado.

Por outro lado, virei um animal exótico em um zoológico onde todos querem ver. Acordava com os funcionários olhando para dentro da minha cela e comentando entre si. Era constrangedor, mas pelo menos não eram mais tapas e socos.

Lembra dos carcereiros que me espancaram? Acho que eles não imaginavam que eu me lembraria deles. Um deles, o de cabelo

preto e óculos, chegou até a minha cela em determinado momento e pediu para conversar. Contou que seu casamento estava indo muito mal e me pediu uma oração. Eu conversei com ele. E orei por ele. E sangrei por dentro. Eu queria quebrar ele, como ele havia me quebrado, mas orei, não porque sou melhor do que ele, mas porque aprendi com Jesus que não é porque os outros são ruins com você que você deve pagar na mesma moeda. Sempre quis justiça e não vingança.

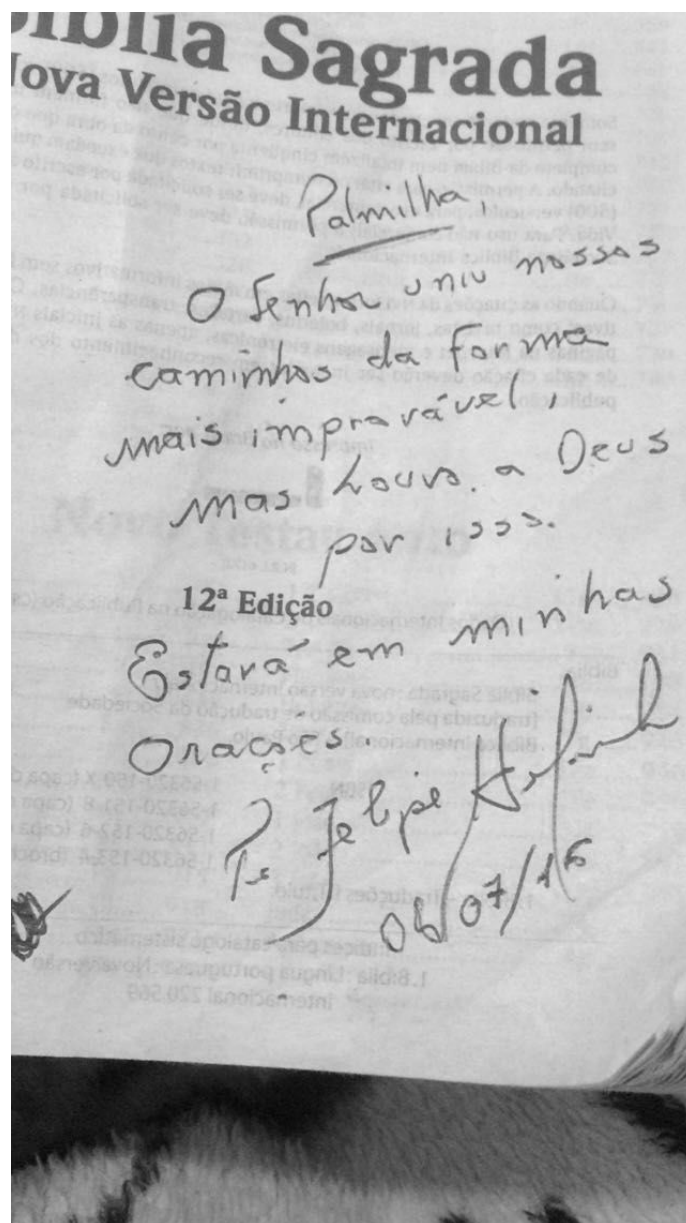
Mas confesso que foi difícil. Talvez nem ele saiba o que fez comigo; talvez sua rotina não o permita lembrar dos rostos e eu era só mais um.

Mas quem apanha não esquece.

A vingança é um desejo pelo sofrimento do outro no tempo e modo determinados por você e que causa prazer ao ver o outro sendo afligido. Justiça é o desejo de ver a lei sendo cumprida, onde as pessoas possam pagar pelos seus crimes, nem menos e nem mais do que a lei determina.

Ali, naquela cela, pude ter acesso a uma Bíblia, mesmo que escondida, que um dos grandes criminosos do Rio tinha em sua posse. A cela dele ficava em frente à minha. Uma vez ao dia ele jogava a bíblia de sua cela para a minha, para que eu pudesse ler um pouco, e depois eu a devolvia. Confesso que melhorei minha coordenação motora com meus arremessos durante aqueles dias.

Antes de ir embora, ele conseguiu uma caneta com um dos carcereiros para que escrevesse na sua bíblia e algum tempo depois, me mandou a foto abaixo:



Aliás, todos os presos que pudessem pagar, poderiam ter um celular. Todos sabem disso. E quem entrega não apenas os celulares, mas qualquer outro objeto, nem sempre são os familiares; em sua maioria, os familiares trazem, mas quem entregava eram os agentes penitenciários.

Sei que essa realidade não pode se generalizada. Não quero ser aqui a régua julgadora ou tampouco um ativista causal, essa situação vai além disso. Existe muita gente honesta espalhada pelo Brasil, em todos os lugares e em todas as profissões. Creio firmemente que elas são a maioria. O bem sempre é maior e mais forte. Creio também que, em outros pavilhões do próprio Complexo de Bangu, possa ser diferente, mas ali, no Pavilhão 10, no local onde eu estava, era exatamente assim que tudo funcionava.

Qualquer bem, alimento, ou o que fosse que você desejasse do lado de fora, se você pudesse pagar, um dos agentes traria para você.

FALTA DA ALIANÇA

Pode parecer muito estranho, mas eu ainda penso muito na minha esposa e no meu enteado. Às vezes me pego passando o dedo pelo lugar onde deveria estar a aliança, procurando por ela. Eu tinha mania de ficar girando a aliança no dedo.

Sempre quis me casar. Construí minha vida para isso e nunca, nem nos meus piores pesadelos, imaginei que um dia iria me divorciar. Aliás, nunca nem pensei sobre isso; é como se essa palavra não existisse. Sinto falta deles.

Relembro tudo pelo que passei e ainda tenho passado por causa de uma mentira dela, mas nada faz sentido. Que seja só um sonho, ou um pesadelo, na realidade, e que a qualquer hora irei

acordar. Talvez um universo paralelo, talvez uma grande pegadinha. Não sei o que achar, só sei que sempre que penso nisso, me vejo tentando girar a aliança no dedo.

Mas ela não está lá.

HABEAS CORPUS

É noite de sábado, estou preso desde segunda, dia 04 de julho.

Um homem bate na grade da minha cela com um papel na mão para eu assinar. Eu acordo assustado, não sei o que está acontecendo. A princípio, não sei se é uma confissão ou qualquer outra coisa, ele não me deixa ler, manda apenas assinar.

Parece que o meu advogado conseguiu junto ao juiz que ele impetrasse um habeas corpus para que eu pudesse responder pela acusação em liberdade, mas ele deixa claro que eu não vou ser libertado. O juiz vinculou minha libertação ao uso da tornozeleira eletrônica e como no Estado do Rio de Janeiro não tem nenhuma disponível, eu permanecerei preso.

“Parece que o juiz aceitou o habeas. Mas só sai com tornozeleira.”

Estranho era o fato de que cada detalhe desse processo era narrado na mídia. Às vezes ficava sabendo de alguma coisa antes mesmo do meu advogado, porque estava sendo noticiado nos jornais e os guardas me contavam. Neste tempo, os guardas eram

todos muito gentis comigo. Até mesmo aqueles que me agrediram e torturaram no início, agora puxavam assunto pela grade da cela. Acho que eles não sabem que eu me lembro nitidamente deles.

Um deles até me deu uma paçoca hoje. É tão estranho... Passar a semana tendo que comer comida estragada para sobreviver, sem água para beber, e agora estou comendo um pedaço de paçoca e tomando um gole de café.

Alguns deles, inclusive aqueles que incentivavam os presos a me estuprarem, vêm me dizer que acreditam plenamente em mim agora. Não sei se é verdade. Não sei se estão com medo, já que o caso tomou uma grande notoriedade, que eu fale o que passei nas mãos deles. Fato é que não tenho benefícios ou privilégios, mas tenho o mínimo de dignidade neste momento. Ainda vem muita gente na minha cela ficar me encarando, como num zoológico – parece que meu rosto não sai dos jornais. Graças a Deus não ficam tirando fotos, ao menos não que eu saiba, já que todos ali têm telefones. Talvez essa seja a minha vida agora.

Quantos inocentes são acusados sem direito a defesa? Eu, pelo menos, tinha um advogado, a maioria ali não tem. Talvez passe meus últimos dias aqui. Ainda me lembro da promessa de que se eu não morresse no hospício, morreria na prisão. Estou vivo, mas até quando?

Vamos dormir. Não há muito o que fazer.

Hoje, pelo menos, tenho colchão.

SAINDO DE BANGU

Tem alguém gritando e batendo na grade da minha cela. Acordo assustado. Não existe outra forma de se acordar na prisão. Estão gritando meu nome. Pela primeira vez gritam o meu nome. Na prisão você não é chamado pelo nome. Existem apelidos que não cabem aqui mencionar.

É de madrugada, sei disso porque ainda está escuro lá fora pela grade da janela e porque os outros presos estão dormindo e agora começam a reclamar do barulho. De repente abrem o cadeado da minha cela e pedem para que eu saia.

Você não tem muito tempo para pensar. Você age ali dentro por instinto ou reflexo, tudo é sempre muito rápido e aos sons de muitos gritos e barulhos. Sou levado para fora da minha cela, para o corredor. Consigo ver todos os outros presos já em pé com as mãos para fora das grades. Não sei o que vai acontecer comigo. Será que enfim a promessa vai se cumprir e esses são meus últimos momentos?

Sou levado para uma sala e lá um oficial explica que o juiz mandou me soltar mesmo sem tornozeleira. Já que o monitoramento é obrigação do Estado e este não tinha como oferecê-lo, eu não poderia pagar pela falta de material. Nem acreditei quando ouvi isso. Há tantos dias sem nenhum tipo de justiça, parece que enfim tenho um vislumbre da mesma.

Eu assino o papel, sou informado de que a partir de agora precisaria comparecer a um cartório do fórum uma vez por mês para mostrar que não fugi do país e que meu passaporte já tinha sido

recolhido. Os presos começam a aplaudir, é um misto de sentimentos e você não consegue ter o controle de nada.

Por volta das 3h da manhã, o grande portão azul por onde eu entrei há seis dias se abre novamente e eu sou colocado para fora da prisão. Está deserto, me informaram que é um grande caminho no meio do nada até sair completamente do complexo penitenciário. Perguntei se podia ligar para meu advogado, eles riram.

Por um caminho de terra, ao lado de um córrego de esgoto, cerca de 15min andando a pé pelo meio da noite, eu seguia em direção a saída final. Dois mendigos também foram libertados, eles eram minha companhia.

Enquanto caminhava pela rua paralela ao grande muro da prisão, podia ver, posicionados lá em cima, atiradores armados, apontando suas armas na nossa direção. Um procedimento mais do que correto, afinal ali estão presas as pessoas mais perigosas da região, mas naquele momento eu só pensava que era mais uma armadilha e eu seria abatido por algum tiro; as notícias que circulariam era a de que eu estava tentando fugir ou faria parte de uma rebelião. Mas, neste caso, eram apenas os meus medos gerindo meus pensamentos.

Depois de uma longa caminhada, com bastante frio, pela madrugada no meio do nada, vejo ao longe uma portaria. Uma multidão está do outro lado com faixas e gritos. Eu só queria um orelhão telefônico para ligar para alguém.

Ao me aproximar, passo pela revista dos guardas e vejo, além do meu advogado, Dr. Leandro, me esperando, muitas câmeras, repórteres e uma multidão que ali estava para fazer meu

linchamento. Todos ali, sem exceção, com cartazes, paus e pedras, estavam ali impelidos a fazer justiça com as próprias mãos. Eu era inocente, mas eles não sabiam, o que sabiam era que eu era um grande monstro que precisava ser exterminado.

Com muita dificuldade e com a ajuda do meu advogado e de um homem que o acompanhava, consegui entrar no carro; a multidão começou a bater nos vidros, balançar o veículo, e as luzes das câmeras tornam tudo ainda mais confuso.

O que todos têm falado de mim? Por que a população se uniu e se voltou contra mim? Qual a proporção do que estão falando? Será que alguém se preocupou em pensar que talvez eu fosse inocente? Parece que não.

A meu ver, a sociedade tinha um novo monstro que precisava ser expurgado. E esse monstro era eu.

O CAMINHO PARA CASA.

Dentro do carro recebi das mãos do advogado o meu celular. Pude mandar uma mensagem para minha mãe dizendo que eu estava chegando. Eu só queria falar com ela. Depois do que vi do lado de fora da prisão, eu não sabia se ela estava bem, se estava em segurança ou se ainda estava no Rio de Janeiro. Minha mãe respondeu dizendo: “Graças a Deus. Venha tranquilo, tem um cafezinho aqui te esperando.”.

Eu chorei.

Nesta semana preso, entre as privações alimentares e a comida podre, eu tinha perdido mais de dez quilos. Isso mesmo, mais de dez quilos em uma semana. Ao todo, durante todo esse processo, eu perdi mais de 25 kg. E isso, para mim, fazia muita diferença.

Quando vimos que não estávamos mais sendo seguidos e já próximos ao bairro que minha mãe estava, paramos num *delivery* 24h e ganhei um sanduíche. Foi uma festa na minha boca; minhas papilas gustativas saltaram de alegria. Há quanto tempo não comia algo agradável e sem estar fedendo ou verde? O único verde ali era da alface. Amo alface! Acho que comi sem mastigar direito. Simplesmente engoli. Estava tão bom! Mas eu queria ir para casa, queria ver minha mãe, queria tomar um banho, beber um café, deitar numa cama...

Mas, mais do que tudo, eu queria um abraço.

Em poucos minutos estava em casa. Minha mãe estava ali, vigilante. Ela também tinha emagrecido bastante, mas nunca deixou transparecer ou reclamou de nada. Com um copo de café nas mãos e os braços estendidos, sou recebido. Ela não pensou na sujeira que eu estava ou nos germes da roupa da cadeia, ela era só sorriso, abraços e café. Essa é a minha mãe.

Tomei um banho quente. Uau, um banho quente! Acho que nunca mais vou tomar banho gelado na minha vida. Pode estar no verão dos trópicos, não quero me lembrar do hospício ou da prisão, não quero mais banho frio. Troquei de roupa. Limpinha, macia, cheirosinha; me despedi do advogado, que conversava com minha mãe, e disse: “Amanhã conversamos, eu quero, enfim, dormir.”.

Deitei na cama, o dia estava começando a clarear e o sol já despontava.

Talvez haja um novo dia.

Capítulo 7

Ninguém acredita em você!

Durante o período em que me entreguei a polícia e fui preso, minha ex-esposa gravou um vídeo e postou em suas redes sociais.

Eu já havia conhecido algumas pessoas ruins ao longo da vida e já tinha visto muitos filmes sobre a crueldade humana, mas nunca imaginava que fosse viver isso.

Ao que tudo indicava, ela, persuasiva como sempre foi, conseguiu arrebatrar os corações do povo narrando com detalhes todo tipo de maldade e mentiras sobre mim. Fora tão convincente, que convenceu quase que a totalidade da população. Pouquíssimos ousaram divergir de sua opinião, e os que o faziam eram criticados e ameaçados.

Eu não vi esse vídeo e nunca quero ver. Não consigo imaginar uma pessoa a quem eu amei, defendi, projetei e dividi um lar, uma cama, a alma, fazendo algo tão cruel. Tudo o que eu soube foi narrado por pessoas que estavam ao meu redor.

Durante os primeiros dias, eu podia contar em uma mão as pessoas que se dispuseram a acreditar em mim. Entre eles estão aqueles grupos de pessoas (bombeiros e médicos) que expliquei no início do livro nos agradecimentos.

Se você não leu, volta lá rapidinho e leia, são pessoas que fizeram a diferença.

LUZ, CÂMERA E AÇÃO

As primeiras pessoas a se manifestarem a meu favor foram Rodrigo e Adriana Menoli. Ela era membro da igreja que eu pastoreava e possui um estúdio de estética. Horas antes de minha esposa gravar o vídeo narrando os abusos que eu supostamente tinha cometido, ela foi ao estúdio de estética e pediu para fazer sobrancelhas, colocar cílios e fazer as unhas. Também marcou maquiagem e uma equipe profissional para gravação do depoimento, para que o jogo de luzes e o som ficassem perfeitos. Enquanto ela fazia isso, narrava para os funcionários o quanto eu era um *monstro*, que além de pedófilo e homossexual também era um satanista que sacrificava crianças aos demônios.

No entanto, o que mais chocou e alertou a todos que estavam ali não era todo o horror que ela estava narrando sobre o seu marido e pastor deles, mas sim o fato de uma mãe, que sabe das supostas atrocidades que seu marido teria feito contra o seu filho, se preocupar tanto em fazer maquiagem, cílios, unhas e ter uma boa produção do vídeo, e não em preservar os cuidados da criança.

Como alguém poderia estar tão bem para gravar algo tão hediondo? E se ela já estava investigando isso, como participava do grupo de um aplicativo de mensagens com os membros da igreja reagendando a festa do seu aniversário até algumas horas atrás?

Esse foi o primeiro alerta que eles narraram. O segundo foi que em nenhum momento ela parecia trise ou chorou e não era

porque estava em choque, era porque falava que com isso ela iria pedir a anulação do casamento para não ter que dividir os bens.

Uma pessoa em choque pode sim, temporariamente, parecer alheia a sentimentos, mas assim como se encontra sem “chão” também não pensa em como lucrar com isso.

Esse foi o segundo alerta.

Eles estavam assustados. A partir daquele momento, mesmo sem falar comigo sobre o ocorrido ou saber como eu estava, eles tinham absoluta certeza da minha inocência e, por causa deles, muitas vezes eu não passei fome. Mesmo no decorrer dos anos eles nunca duvidaram de mim.

Mais tarde ela gravou um vídeo profissional. Além de todas essas acusações, disse que eu havia sido diagnosticado com psicose maníaco-depressiva, neurose grave e múltiplas personalidades, e que estava já com a anulação do casamento em andamento pela minha vida dupla e imoral.

Algun tempo depois, descobri que a equipe que gravou o vídeo nunca mais quis trabalhar com ela. Eles disseram que, durante as gravações, as vezes ela mandava parar por não estar “emocionante” o suficiente, e tudo teria que ser refeito para ter um efeito melhor.

Não sei se é verdade, eu não estava lá, mas foi o que narraram.

ONDE ESTÃO OS MEUS AMIGOS?

Minhas redes sociais viraram um inferno. Em menos de um mês eu tinha recebido mais de cinco mil ameaças de morte e vinte mil xingamentos por foto ou texto. Era impossível navegar ali.

Recebi palavras tão cruéis que, durante muito tempo, eu me questioneei se valia a pena realmente me defender. Havia cartazes com minha foto colados nos postes próximos de onde era a Sede da Igreja e também do meu escritório.

A maior parte das pessoas que me seguiam nas redes sociais e tinham meus contatos eram chamadas cristãs. E, infelizmente, delas eu ouvi as piores coisas. Algumas descreviam para mim desejos de torturas tão absurdas que eu nem sabia que eram possíveis. Outros deixavam claro que, caso se encontrassem comigo, eu seria imediatamente morto. Tudo isso sem sequer ouvirem o meu lado. Eu ainda não tinha falado anda.

Uma mulher, com a ajuda de uma delegada, uma amiga psicóloga e um Senador amigo de mais de vinte anos conseguiram a proeza de colocar uma nação contra mim. Inclusive aqueles que eu achava serem amigos próximos.

Neste momento, as pessoas que me conheciam pessoalmente, dividiam o altar ou frequentavam a minha casa se dividiram em três grupos:

1 – Aqueles que ficaram contra mim e deixaram claro isso;

2 – Aqueles que simplesmente fingiram que nunca me conheceram, me bloqueando nas redes e telefone e apagando qualquer registro que os ligassem a mim;

3 – Aqueles que até acreditaram em mim, mas não se manifestaram por medo de retaliações.

Eu estava sozinho.

Era muito difícil ver pessoas que eram muito queridas por mim até algumas semanas atrás, que me tratavam com respeito, pediam ajuda e conselhos, agora simplesmente agirem como se eu nunca tivesse existido. Foi muito doloroso.

Não houve um contato, uma mão estendida, um oferecimento de ajuda. NADA.

Alguns meses depois eu até liguei para dois deles e falei que eu tinha “inveja” dos amigos de Jó. Eles eram críticos, eles falaram o que não deviam, mas pelo menos eles estavam ao lado de Jó e eu nem isso tinha. Passei por momentos de solidão tão grande que tinha inveja até desse tipo de pessoa.

Como nossa alma carente se submete a isso?

Acreditem, essas pessoas se solidarizaram comigo durante a ligação e prometeram estar mais próximas, mas nunca apareceram. Foi aí, mais uma vez, que eu vi que implorar por amizade não é amizade. Mas quando você não tem ninguém para conversar, para orar, para pedir ajuda, muitas vezes você sucumbe às suas emoções doentes e traumatizadas.

Apenas três amigos pastores apareceram para me visitar durante todo esse processo. E eles só vieram logo após eu deixar a prisão. Vieram orar comigo, mas todos eram unânimes em dizer que meu ministério estava acabado. Que eu jamais me reergueria.

Eles acreditavam na minha inocência. Só não acreditavam que eu, mesmo inocente, poderia retomar minha vida. Era difícil ouvir isso.

Eu nasci para falar das coisas de Deus, faço isso desde pequeno, estudei, me formei, fiz cursos complementares todos sobre temas religiosos. No entanto, mais uma vez, com outras palavras, eu ouvia não apenas uma carta que, supostamente, me proibia de ir à igreja, mas pessoas que eu achava que se importavam comigo afirmarem: “Você deveria procurar outro trabalho para fazer na vida.”.

Um deles até se ofereceu para todo mês me trazer a Santa Ceia em casa, para que eu tivesse um momento de comunhão. Mas nunca mais apareceu.

Essa é uma parte difícil de escrever.

Gostaria de dizer coisas que te incentivassem a ver a mão de Deus sendo glorificada, ou que mesmo no pior momento eu sempre tinha alguém com um “recado de Deus” para mim, mas não houve.

É com muito temor e tristeza que eu digo: eu fui abandonado pela igreja que se diz Igreja de Cristo. Sei que Jesus não tem nada a ver com isso. Sei que o que falaram em nome dEle não foi Ele quem disse.

Não quero simplesmente fazer uma crítica e causar vergonha, longe de mim. Só estou dizendo que precisamos aprender, melhorar, porque eu sei onde minha fé está fincada e nada me separa de Cristo. Mas a dor que me fizeram passar e as decepções que me causaram poderiam, em outros, não ter o mesmo efeito.

Quantas pessoas se afastam por causa daqueles que se dizem agir ou falar em nome de Deus?

O papel da Igreja é ser luz, ser amor. Minha igreja se chamava AME justamente porque eu sempre achei que o papel do juiz não era meu. Meu papel era amar, oferecer a ajuda, independentemente de quem fosse, e o Espírito Santo se encarregaria de convencer a pessoa do pecado, da justiça e do juízo, porque Ele conhece e julga não só os corações, mas também a intenção do coração. Tirando isso, meu papel como igreja era simplesmente estar lá para estender a mão e ajudar a caminhar.

Claro que, quando se trata de um crime, a igreja oferece ajuda e suporte, mas também trabalha com as leis. É indispensável que a pessoa responda pelos seus atos. Contudo, isso não exclui o amor. Não exclui a ajuda. Mesmo que eu fosse culpado, eu gostaria ao menos de uma oração. De alguém que convivia comigo me ligando e dizendo: “Olha, eu abomino o que dizem que você fez, mas vou orar por você.”.

Nem isso eu tive.

Eu sempre amei a Igreja de Cristo de uma forma sobrenatural. E, mesmo tendo recebido dela muitas dores, durante a vida ela também me proporcionou muita alegria ao poder presenciar o agir de Deus. Consegue imaginar agora como doeu e dói receber de tantos uma “proibição” de estar na igreja com meus irmãos? E tudo isso em “nome” de Deus?

Triste é ver pessoas falando em nome de Deus se parecendo cada vez menos com Ele.

Esse foi um texto difícil de escrever.

A verdade nem sempre é doce. Mas necessária.

FLECHAS ENVENENADAS

Eu estou com a alma em frangalhos.

Não há prazer nos meus dias e a depressão deita comigo na cama para me fazer companhia.

Deus virou o rosto para o outro lado.

O que pode aguardar um homem que não encontra graça ou favor de Deus? O que resta ao homem que foi esquecido? Não há misericórdia ou piedade. As orações não são ouvidas, as súplicas não são atendidas, o socorro não chega e todos aqueles que se levantam contra mim são prósperos. Todo mal que intentam contra mim encontram gloriosa vitória.

Onde estão aqueles que ouvem a voz de Deus? Será que eles existem na terra? Será que Deus ainda fala com eles? Pois todos viraram as costas. Eu clamo, mas a minha voz não é ouvida, eu peço ajuda, mas não há nenhuma mão estendida. Eu grito por socorro e apenas o silêncio me acompanha dia após dia.

A dor é minha amiga, a decepção me chama de irmão e a tristeza cobre meu ser.

As boas novas fogem de mim e a vergonha faz morada.

Como permanecer onde não há justiça, onde não há graça, onde não há misericórdia? Como ser fiel se não houve fidelidade para comigo? Como ser justo se não foram justos comigo? Como

amar se tudo o que eu tenho recebido é o ódio, mesmo depois de ser fiel?

Mesmo depois de uma vida inteira fugindo da aparência do mal, a minha colheita foram as flechas envenenadas pela ira do altíssimo.

UM ESPÍRITO DA PARTE DE DEUS

Um texto que li na Bíblia me deu forças para continuar e até entender um pouco esses dias tão cruéis de abandono que eu estava passando.

Lembra da noite em que minha esposa se sentou comigo no sofá e disse que eu era um estuprador? Neste dia, eu disse lá no início do relato, que ela saiu de casa e eu subi para o quarto para chorar, orar e conversar com Deus, pelo fato de nada disso fazer sentido. Tinha sido um golpe tão chocante que eu estava zozinho.

Neste dia eu abri a Bíblia e um texto saltou aos meus olhos. Quero compartilhar esse texto com você:

“Micaías prosseguiu: Ouve, pois, a palavra do SENHOR: Vi o SENHOR assentado no seu trono, e todo o exército do céu estava junto a ele, à sua direita e à sua esquerda.

Perguntou o SENHOR: Quem enganará a Acabe, para que suba e caia em Ramote-Gileade? Um dizia desta maneira, e outro, de outra.

Então, saiu um espírito, e se apresentou diante do SENHOR, e disse: Eu o enganarei. Perguntou-lhe o SENHOR: Com quê?

Respondeu ele: Sairei e serei espírito mentiroso na boca de todos os seus profetas. Disse o SENHOR: Tu o enganarás e ainda prevalecerás; sai e faze-o assim.” (1Reis 22.19-22)

Deixe-me te explicar um pouco sobre esse texto.

Acabe era um rei extremamente mal e cruel. Ele, junto com sua esposa Jezabel, tinha feito todo tipo de abominações e sacrifícios aos falsos deuses. Esse maldoso Rei também foi o mesmo que perseguiu o profeta Elias e causou tanto caos em Israel.

Certo dia, o rei Acabe recebeu a visita de Josafá, que era um bom rei. Israel neste tempo era dividido em dois reinos, Norte e Sul. Acabe governava o Norte e Josafá o Sul de Israel. Eles resolveram se unir para guerrear contra um inimigo em comum. Como era de praxe em Israel, os profetas foram chamados para serem consultados sobre a vontade de Deus.

Existia um profeta que era excluído por Acabe, porque ele nunca falava o que o Rei queria ouvir. Ele não se corrompia para agradá-lo. Durante esse encontro, todos os outros profetas falaram, tanto para Acabe quanto para Josafá, que eles sairiam vencedores nesta guerra. Até que chega o profeta Micaías e esclarece que, na realidade, eles sairiam como perdedores, pois a ira de Deus tinha se voltado contra Acabe e, para que ele perdesse a guerra, confundira todos os profetas, não os permitindo ver a verdade, para que ele fosse para a guerra e fosse derrotado.

Deus queria acabar com o reinado de terror de Acabe.

Como era de se esperar, o Rei não concordou em ouvir a verdade e aprisionou o profeta Micaías.

Quando vejo pessoas que eu considero tementes a Deus e que realmente buscam ao Senhor de coração, até onde podemos notar, e vejo que todas simplesmente ficaram contra mim ou ignoraram a minha dor, mesmo me conhecendo, eu só posso crer que isso foi uma permissão de Deus.

Deus moveu os corações a agirem assim.

É por que eu sou um monstro, como Acabe, e tenho que ser destruído? Creio que não. Até tenho a alegria de dizer que estou com as mãos limpas. Seriam eles então todos falsos profetas? Também creio que não!

Então qual o objetivo disso tudo?

Posso ser extremamente sincero com você? Eu também não sei!

Talvez para trazer à tona toda a sujeira dos bastidores do universo gospel e daqueles que dizem estar em nome de Deus, mas estão apenas em interesses próprios. Mas fato é que ainda não sei. Posso saber um dia. Ou podemos apenas saber juntos no céu, se o Pai quiser revelar. Mas eu sei que tem um propósito.

As pessoas dizem que é para que algumas máscaras venham a cair ou que a igreja, diante de todo esse escândalo, aprenda a amar mais. Eu não sei, e também não sou o mestre das respostas. Eu confio. Mesmo quando não tenho forças para orar ou ler a Bíblia ou apenas questionamentos permanecem em minha mente, eu continuo confiando.

Deus continua sendo senhor da história e permanece no controle do tempo.

Hoje gravei um vídeo pequeno e postei nas redes sociais contando um pouco do meu lado da história. Até então, havia apenas o lado *dela* e minha total ausência – fosse porque eu estava refém no hospício e ela controlava minhas redes e e-mails, fosse porque eu estava preso.

Resolvi apenas ligar o celular e falar. Sem ajustes de advogados ou luzes, apenas eu, Deus e o celular.

Poucos momentos após postar, o vídeo se tornou viral. Todos os canais falavam sobre isso. Fui massacrado de comentários ruins, questionamentos e xingamentos. As pessoas ainda estavam com muito ódio de mim. Uma apresentadora de TV me chamou de psicopata ao vivo. Muitos questionaram o porquê de eu ter falado apenas sobre o caso do estupro e nada mencionar sobre a homossexualidade ou o satanismo.

Confesso que fiquei assustado com esses questionamentos. Eu tinha sido acusado de estuprar meu enteado. Para mim, não havia nada mais hediondo, nojento e abominável do que isso. Estava pouco me importando se criticavam minha sexualidade ou fé. Existia uma criança envolvida! Uma criança que eu ajudei a criar e, naquele momento, só ela era importante! A minha defesa também era a defesa dela.

Ao dizer que eu não tinha feito nada eu também tentava explicar que ela não tinha sido estuprada. Essa terrível e horrorosa violação não tinha acontecido com ela. A dor que me rasgava a alma também se preocupava com a dele.

Nos minutos desta minha única declaração, eu não me importava com todas as outras mentiras ditas sobre mim, mentiras que um dia talvez eu venha a falar sobre, pois são tão absurdas quanto a principal, e eu não queria perder tempo com outra coisa senão frisar o que era importante. Nunca, jamais, em hipótese nenhuma eu faria isso com alguém, pior ainda com uma criança e ainda mais um como filho. Era algo impensável.

Mas infelizmente eu estava sendo acusado disso pela pessoa que eu amava e precisava, de forma muito pontual, sem desmerecê-la, porque eu ainda queria protegê-la, dizer que eu era inocente.

Pela primeira vez, acredito que acendeu alguma luz no fim do túnel. Algumas pessoas saíram em minha defesa. Já não era a totalidade de pessoas que me odiavam. Alguns poucos começaram a questionar como tudo isso não fazia sentido. Eram poucos, no início, é verdade, mas você não consegue imaginar o alívio que é ouvir de alguém que essa pessoa acredita em você.

As ameaças de morte ainda chegavam de todos os lados, mas pela primeira vez em muito tempo, eu vi um lampejo de esperança.

ORAÇÃO.

Minha esposa divulgou meu número de telefone pessoal para alguns blogs. Foi uma enxurrada de ligações e mensagens malignas. Eu não podia desligar o telefone porque era meu único meio de contato com o advogado ou com qualquer pessoa que quisesse me ajudar. Eu não podia aparecer na empresa por causa da ordem de restrição. Então o jeito era deixar o telefone no mudo e ser forte.

E-MAIL:

Não acredito em coincidência. Sempre disse que Aquele que governa o tempo e o espaço, planeja os detalhes. E, neste mesmo dia, vendo alguns e-mails, li um que eu ainda não tinha aberto de seis meses antes de tudo isso acontecer.

Preste atenção no que esse e-mail dizia:

“Paz do Senhor Jesus, Pastor Felipe

Meu nome é Raquel.

Pastor... há seis meses tive um sonho com o senhor e sua esposa. O sonho foi triste e me deu medo. Acordei assustada.

Foi muito real e assustador.

Eu estava num apartamento conversando contigo, Pastor. E o senhor falava para mim que sua esposa queria te matar. E o senhor

me pedia para eu falar para as pessoas que ela queria te matar e para eu avisar alguém, para que isso não acontecesse. Quando eu desci no saguão do prédio, havia umas 7 pessoas ou mais mortas. E uma delas era o senhor... seu rosto estava machucado, ferido... O senhor estava morto no sonho. Mas eu vi o senhor respirar também. Mas todos viam o senhor morto. Logo mais eu vi a sua esposa... tinham muitas câmeras ao lado dela. Ela estava de cabelo preso. E simulava tristeza... Mas no sonho eu sabia que ela havia matado o senhor. E ela me viu... E me disse: Tu sabes ne? Agora, a próxima é você.

Então acordei, muito assustada. Com medo, acordei meu esposo e contei a ele. E contei para minha melhor amiga também.

No outro dia, confesso, eu tinha até medo de ver as fotos no Instagram dela, de tão real o sonho.

Meu esposo e eu oramos e pedimos confirmação para te contar o sonho. Confesso que fiquei com medo dela por te enviar esse e-mail.

Desde criança tenho muitos sonhos. Há 5 anos meu esposo e eu nos convertemos na Assembleia de Deus - RS.

Temos dois meninos lindos.

Eu sempre gostei dela, admirava muito. Mas no sonho ela era o próprio satanás.

Mas pastor, eu fico com o que Deus me falou no sonho.

Não morra pastor... esse sonho é espiritual... não deixe sua espiritualidade morrer. Não deixe ninguém te matar.

E Deus é muito fiel pastor.

Deus te abençoe, te guarde te proteja. E abençoe sua família no nome de Jesus.

Salmos 23 e 37”

Eu sempre fiquei muito ressabiado com pessoas que chegavam com sonhos e visões. Acredito em todas essas manifestações espirituais, mas sei também que muitas pessoas têm a alma carente e forjam muitos dons para aparecer ou se sentirem úteis e especiais. Eu fazia o que a bíblia ordenava: julgava os sonhos e visões, e não a pessoa.

Sempre defendi que a Bíblia é e será a maior fonte de informação sobre Deus e seu modo de agir, e por isso eu agradeço a Deus por não ter lido esse e-mail antes, senão eu teria ignorado ou respondido defendendo veementemente minha esposa, como sempre fazia quando recebia uma denúncia ou reclamação sobre ela.

Eu jamais teria acreditado neste conteúdo.

Agora, seis meses depois, ele serve como uma luva. Eu ainda não consigo enxergar minha esposa assim, mas não há como não pensar que um e-mail de seis meses atrás, sendo tão específico, de alguém que não nos conhece, não seja uma confirmação de Deus. Do mesmo Deus que continua no controle e governa sobre o tempo.

ABSOLVIÇÃO UNÂNIME

Tem sido um mês muito difícil. Hoje estive estudando um pouco sobre as acusações feitas contra mim e comecei a pedir a Deus que, no final disso tudo, a minha sentença seja Absolvição por Unanimidade. Que não somente eu seja inocentado porque não conseguiram provar nada contra mim, mas que seja nítido que eu sou inocente, que o pedido parta do próprio Ministério Público, que é o responsável pela acusação e investigação. Não quero ser alguém que se livrou por falta de provas, mas alguém que foi proclamado inocente por unanimidade.

Eu sei que isso é difícil, mais difícil ainda é que a Promotoria veja minha inocência e relate que, ao invés de algoz, eu seja na realidade a vítima disso tudo. Pode parecer impossível, afinal, qual a probabilidade de o Ministério Público pedir a absolvição de alguém e, mais ainda, dizer que ele é a verdadeira vítima? Mas orações não têm tamanho.

Sua oração não passa na frente de outra por ser mais ou menos impossível. Não existe uma lista de chamada no céu onde se separam orações rápidas das mais complicadas, assim como existem os caixas nos supermercados para pequenas compras separados dos caixas normais. As orações não são assim. Elas não têm limitações. E já que temos essa garantia diante de Deus de que podemos chegar até Ele e conversar, não há por que não pedir que a verdade seja declarada, mesmo que a praxe nem sempre seja essa. Se é para conversar com o Criador do Universo, por que não ser sincero e por que não pedir o impossível? Afinal, essa é ou não a especialidade de Deus?

SOU UM PSICOPATA?

Estou indo uma vez por semana à psicóloga. Meu advogado conseguiu uma profissional forense para me atender. Ela é especialista em transtornos de identidade e psicopatia. Eu queria que fosse alguém assim.

A primeira pergunta que fiz ao chegar no consultório dela foi se eu era um psicopata ou se tinha dupla personalidade.

Eu fui tão massivamente acusado que comecei a questionar se eu não era realmente esse monstro que todos falavam. Pessoas que eu amava, inclusive. A pergunta sobre a dupla personalidade era porque eu não tinha cometido nada daquilo, então talvez eu tivesse uma outra identidade que assumisse o meu ser, como se vê em filmes e séries, mas como não existiam lacunas no tempo, lacunas onde eu poderia ter brancos existenciais para justificar isso, eu ficava confuso. *Eu não fiz, mas todos dizem que eu fiz, será que eu apaguei da minha mente?* Essa era uma das perguntas.

A segunda, sobre psicopatia, era justamente por ser a principal acusação sobre mim, e vi uma apresentadora de TV dizendo isso ao vivo.

Eu sempre fui muito emotivo e sofria muitas vezes por dores que não eram minhas. Eu comprava a briga dos amigos, defendia os que não tinham voz, por isso sempre participava e até liderava alguns projetos sociais. Mas sei lá, será que isso tudo não era apenas um disfarce para ocultar o meu eu maquiavélico?

Acredite, eu duvidava da minha sanidade. Lembra que eu disse que fui quebrado no hospício? Muita coisa ainda estava fora do lugar em mim.

A psicóloga às vezes olhava para mim e sorria.

“Como um psicopata pode se preocupar tanto assim com os sentimentos dos outros?”, dizia ela, que passou uma vida tratando pessoas que o eram.

Junto com ela eu também comecei a me tratar com um psiquiatra. Não apenas um psicólogo; eu queria saber de um profissional que não fosse amigo ou conhecido, alguém fora do meio que eu vivia, que tivesse uma visão externa, se eu era realmente um risco à sociedade como a delegada havia dito antes mesmo de me interrogar.

Foram mais de três meses de avaliações semanais. E mesmo os laudos podendo, segundo eles, sair muito antes disso, eu queria ter certeza de que não representava nenhum mal a ninguém.

Por fim, fui declarado completamente são e sem nenhum tipo de transtorno de saúde mental ou personalidade. Algo que poderia parecer óbvio para muitos, mas necessário para mim.

No entanto, após tudo o que eu passei, fui diagnosticado – e isso foi inserido nos laudos – com um transtorno diferente, algo que eu nunca tinha ouvido falar antes. Algo muito atribuído aos soldados que retornam das guerras: TEPT^[4].

Para a pessoa que sofre com TEPT não existe passado, não adianta dizer que passou e você precisa esquecer e seguir em frente. Você revive de novo e de novo. Não há passado, apenas presente e medo do futuro.

E eu estava revivendo a todo momento os traumas vividos no hospício e na prisão. Qualquer coisa podia desencadear isso. Um som mais forte, o toque do telefone, um susto de alguém próximo, o interfone e, principalmente, barulhos de carros e sirenes na rua. Eu estava em pânico. A todo momento achava que iam invadir meu apartamento, me algemar e me levar de novo, ou para o hospício ou para a prisão. E o fato disso já ter acontecido uma vez – com o sequestro e cárcere e com a prisão sem provas e sem direito a defesa – apenas reforçava que não era necessário nenhuma atitude minha para que a tragédia se manifestasse novamente.

Acordo suado, com pesadelos, sem parar. Dormir assusta. Entro constantemente nas redes sociais para ver se inventaram alguma nova monstruosidade contra mim e cada vez que o interfone toca, eu começo a tremer sem parar.

Desliguei o interfone e a porta vive trancada. Todos os celulares vivem agora no silencioso e decido pedir a minha mãe que acompanhe os processos no meu lugar. Mas nada disso alivia. Tocar no assunto e ter que falar disso também me faz reviver.

E é exatamente assim, como se tudo estivesse acontecendo naquele momento. É como se a tortura não fosse embora. Você revive os sons, as falas, os barulhos, o clima, o cheiro, absolutamente tudo. A mente que muitas vezes lhe faz esquecer até o que você almoçou no dia anterior, neste caso, como num filme, relembra e revive cada momento de novo e de novo. É assustador.

Vi alguns documentários de soldados que voltaram da guerra e não conseguiram se adaptar, acordando muitas vezes achando que ainda estavam em meio ao combate, machucando pessoas

próximas por acidente e, muitas vezes, acabam se suicidando porque o ciclo de estar sempre vivendo a mesma coisa é enlouquecedor.

Viver isso e saber que tem uma pessoa do outro lado que incentiva outros a te ameaçarem, que ela mesmo ainda te ameaça e continua inventando cada vez mais mentiras contra você, te deixa completamente sem chão.

Como se isso não fosse o bastante, ainda tenho alguns sintomas de abstinência. A quantidade de medicamentos que foi injetada em mim enquanto eu estava no hospício foi tão grande e a interrupção imediata, culminando com a saída e a prisão, que fizeram meu corpo ter crises de abstinência.

Eu era uma bomba-relógio.

Não sabia se o que sentia era advindo do trauma, da abstinência ou dos dois.

Só para ter uma ideia da quantidade de remédios que aplicaram em mim no hospício: meu corpo criou manchas escuras nas juntas e depois que eu saí da cadeia, ao invés do meu cabelo crescer, ele caiu. Por causa disso também optei por não tomar mais nenhum comprimido, para que o meu corpo ficasse completamente limpo.

Diferenciar o que é medo, fruto da imaginação e o que é perigo real é muito difícil. Você fica exausto o tempo todo tendo que refletir sobre cada um dos seus sintomas e conversar com profissionais que eu via apenas uma vez por semana para saber o que fazia sentido.

Algumas pessoas dizem: “Vá orar um pouco ou ler a bíblia, ou até mesmo escrever”. É difícil explicar que a mente não funciona direito. Você não consegue concatenar as ideias numa sequência aceitável. Você se perde nas orações e mesmo numa simples leitura.

Eu, que antes tinha por hábito ler mais de um livro ao mesmo tempo para estimular o pensamento, agora mal conseguia chegar no fim de um parágrafo sem me perder.

A mente e o corpo oscilam entre o caos e o silêncio, entre o tudo e o nada. E seu corpo treme como se estivesse com hipotermia e sudorese ao mesmo tempo.

Palavras não fazem jus ao tentar explicar a sensação de morte iminente que uma pessoa com Estresse Pós-traumático vivencia.

Creio que mais do que nunca as palavras de Jó fazem um pouco mais de sentido para mim:

“Contudo, se falo, a minha dor não se alivia; se me calo, ela não desaparece. Sem dúvida, ó Deus, tu me esgotaste as forças; deste fim a toda a minha família. Tu me deixaste deprimido, o que é uma testemunha disso; a minha magreza se levanta e depõe contra mim.

Os homens abrem sua boca contra mim, esmurram meu rosto com zombaria e se unem contra mim. Deus fez-me cair nas mãos dos ímpios e atirou-me nas garras dos maus.

Meu rosto está rubro de tanto eu chorar, e sombras densas circundam os meus olhos, apesar de não haver violência em minhas

mãos e de ser pura a minha oração.

Saibam que agora mesmo a minha testemunha está nos céus; nas alturas está o meu advogado. O meu intercessor é meu amigo, quando diante de Deus correm lágrimas dos meus olhos;” Jó 16:6-8, 10-11, 16-17, 19-20

DENÚNCIA SOBRE O CÁRCERE PRIVADO

Hoje fui a delegacia do Recreio dos Bandeirantes/RJ para dar queixa do sequestro e cárcere privado ao qual fui submetido.

Levei todas as provas para facilitar o trabalho de investigação da polícia. Sei que eles não vão imediatamente prender alguém, porque esse absurdo não é feito assim, a torto e a direito; foi feito apenas comigo, por razões ainda desconhecidas.

Levei o laudo do hospital onde afirmavam que saí dele lúcido. Entreguei a cópia da minha internação na clínica dizendo que entrei lá completamente dopado, assim como o número do cheque pago pela minha esposa à ambulância para me levar para lá.

Entreguei o prontuário dos dias que fiquei na clínica-hospício, assim como todas as conversas gravadas da minha família com os funcionários da mesma dizendo que eu não sairia de lá e as conversas da minha família com minha esposa.

Sempre que uma pessoa é internada por alguém numa clínica psiquiátrica, essa clínica só pode manter a pessoa lá por 72h. Existe

uma lei (10.216/2001) que diz que quando essa internação é involuntária, a clínica deve informar o Ministério Público neste período, a não ser que mais de um familiar insista na sua internação e existam laudos médicos que corroborem isso, caso contrário é necessário solicitar ao MP que a pessoa seja mantida lá.

Nada disso aconteceu.

O delegado não quis me atender; espero que ele não seja corrupto. Um detetive pegou todas as provas e fez um boletim de ocorrência. Ficou de agendar outra data para que eu possa dar meu testemunho mais detalhadamente.

É tão diferente como as coisas estão sendo realizadas. Aliás, acho que essa deve ser a forma correta. Alguém presta uma queixa e a polícia investiga e, inclusive, chama o suposto criminoso para dar a sua versão, só então, após a investigação, se faz o pedido de prisão. Caso a pessoa seja um risco, que se faça uma Ordem de Restrição, ou, se pega em flagrante, então seja presa.

Mas lembre-se: nada disso aconteceu comigo. Com apenas uma conversa, sem laudos oficiais, sem testemunhas, sem me ouvir e sem flagrante eu fui julgado culpado e mandado para uma cela.

Espero que aqui o delegado seja coerente.

Infelizmente não foi.

Vamos falar muito ainda sobre isso.

Capítulo 8

O poder da mentira

Sócrates uma vez disse: “A mentira nunca vive tempo suficiente para envelhecer.”.

Hoje fiz meu segundo pronunciamento nas redes sociais:

“A calúnia tem um poder de destruição tão grande que a própria Palavra de Deus declara veementemente que aqueles que falam mal do seu irmão não herdarão o Reino de Deus (1Co6.10) e também que Deus abomina aquele que planta contendas entre irmãos (Pv 6.19).

Mesmo tendo sido vítima de um plano maquiavélico, quase impossível de ser acreditado, decidi não revidar da mesma forma.

Não foi assim que meus pais me ensinaram e não foi assim que eu aprendi na Bíblia.

Não irei à mídia para contar os podres da outra parte e ela sabe disso, e por isso tem sido tão cruel.

Minha defesa será mostrando minha total e plena inocência em todos os pontos acusados.

Hoje mais um capítulo se desenrola.

Infelizmente apenas o primeiro deles.

Durante oito dias fui mantido em CÁRCERE PRIVADO.

Fui dopado e levado a uma Clínica Psiquiátrica (hospício) e mantido lá, dopado, sofrendo coisas que, só mencionar, angustia a alma.

Quando a justiça foi atrás de mim, eu me entreguei. SIM, EU MESMO ME ENTREGUEI.

Hoje temos provas suficientes de que fui refém, mantido em cárcere e coagido.

A justiça entendeu que a denúncia era grave e tinha provas suficientes para intimar a outra parte, mas, ao contrário de mim, ELA simplesmente resolveu não comparecer à delegacia, mostrando total desrespeito às leis do nosso país, e no dia seguinte viajou para os EUA como se nada devesse a esclarecer.

Coloco aqui o processo, a intimação e a passagem de ida.

O Ministério Público a julgará.

Esse é apenas o primeiro de muitos passos que serão dados.

Não me decepciono com as pessoas que acreditaram na outra versão e me crucificaram.

Muitos ainda acreditam e muita coisa ainda será esclarecida, mas não os culpo, porque eu mesmo acreditei nela durante muito tempo.

Ore ao Senhor, peça a Ele discernimento. Cuide das suas palavras, elas matam tanto ou mais que uma arma.

Que o Senhor nos guie em amor, perdão e da forma mais Bíblica possível, pois acredito que Deus fará justiça. Assim como Ele

também usa a justiça dos homens para manifestar o Seu poder.

E eu creio na manifestação de ambas.

Orem por mim.”

Tornei público o que muitos ainda não sabiam e nem tinham ideia: o sequestro e o cárcere, e que durante todo esse tempo meu celular e as minhas senhas ficaram em poder de minha esposa.

E até o fim deste processo vou manter minha palavra. Não vou a público novamente para desmoralizar ninguém, e, mesmo depois de tudo esclarecido, tem coisas que nunca vou revelar. Tem coisas pessoais que ridicularizam tanto o ser humano que não precisam vir a público. Em nada enriquece o discurso. Em nada te respaldam argumentos que só servem para envergonhar.



GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA DE ESTADO DE SEGURANÇA - SESEG
CHEFIA DA POLÍCIA CIVIL
042a. Delegacia de Polícia
Avenida Teotônio Vilela, s/n, Recreio dos Bandeirantes, Rio
de Janeiro - RJ
2332-8039

CEP: 22795-269, TEL.:

MANDADO DE INTIMAÇÃO

Controle Int.: 000072 /2016

Data: 01/08/2016 às 8:54

Procedimento: 6

2/2016

O Delegado de Polícia lotado nesta Unidade Policial, MANDA ao presente, dirija-se a(o) Estrada ESTRADA DO PONTAL, que em agente M RECREIO DOS BANDEIRANTES - RIO DE JANEIRO onde se localiza cumprimento ao CASA ao DE HEIDERICH e aí ou onde for encontrado, o INTIME A COMPARECER a(ao) 042a. Delegacia de Polícia Avenida Teotônio Vilela s/n Recreio dos Bandeirantes RIO DE JANEIRO no próximo dia 25/08/2016, às 11:00, a fim de prestar declarações, no procedimento investigatório número 0 -0 /2016 iniciado em 19/07/2016, para apurar: O que se cumpra na forma da lei, ficando o intimado advertido de que, não comparecendo no dia e hora determinados, sem justificativa, incorrerá no crime de DESOBEDIÊNCIA, previsto no Artigo 330 do Código penal.

Eu, _____, escrivão nomeado para este ato, matrícula _____, o lavrei e assino.

TRAZER DOCUMENTO DE IDENTIFICAÇÃO. CASO MENOR DE IDADE, VIR ACOMPANHADO(A)

Data da Entrega

Número documento

Recebedor

12ª Impressão

Data da impressão: 02/08/2016

Página 01

Como homem fiel aos ensinamentos que recebi desde criança

Como homem por dos ensinamentos que recebi desde criança, existem coisas que não se devem falar e, mesmo tendo sido vítima de mentiras tão baixas e repugnantes, nunca vou revidar da mesma forma, mesmo que as informações sejam verdadeiras.

Como cristão, entendo que tem coisas que você faz, tem coisas que você pede ajuda, como neste caso a advogados e policiais, e tem coisas que você simplesmente entrega para Deus.

Deus é justo e verdadeiro. Se Ele quiser corrigir a pessoa, Ele o fará, se não quiser, Ele continua sendo Justo e Verdadeiro da mesma forma e não serei eu a trazer informações que apenas servem para envergonhar sem trazer proveito algum.

Prefiro olhar para trás e não ter vergonha das minhas ações do que ganhar uma briga e ficar mal com minha consciência diante de mim e de Deus.

E entenda: por mais que eu revele coisas absurdas e inacreditáveis aqui, existem muitas outras, com provas, vídeos e depoimentos, que pretendo nunca revelar. Existe uma linha que não deve ser ultrapassada, e espero não ter que cruzá-la nunca.

SIRENES

É o mês das Olimpíadas. O apartamento onde estou fica próximo ao local dos testes de treinamento para *táticas* de seguranças. A todo momento, independente do horário, seja manhã, noite ou madrugada, carros e sirenes da polícia e ambulâncias soam para todos os lados. Cada vez que escuto um carro acelerando ou

uma sirene ecoando, eu mais uma vez revivo os traumas e sintomas do *TEPT*.

Graças a Deus esses treinamentos terminam no fim do mês.

Mesmo assim, ainda terei trinta dias de sustos e suplícios.

VAMOS OLHAR O CÉU

Hoje tive forças para descer para o térreo do prédio onde estou. Aproveitei que a noite está escura e fui caminhar dentro do condomínio. O céu está bem estrelado.

Eu cresci no interior, como chamamos: na roça. A pouca iluminação da pequena cidade, advinda das poucas casas nas ruas, nos permitia uma visão quase única do céu. E eu sempre fui apaixonado pelo céu. Lembro-me de inúmeras vezes me sentar na varanda à noite, mesmo com o frio das montanhas, simplesmente para ficar contemplando a linda faixa de estrelas perfeitamente alinhadas na Via Láctea. Apreciar as Três Marias e o Cruzeiro do Sul. Encarar cada uma das fases da Lua e vaguear no pensamento imaginado como Deus era gigantesco em criar tudo o que os olhos podem ver e inclusive tantas outras coisas que não podemos ver e que sequer sabemos que existem.

Quando me mudei para a cidade grande o céu era diferente. O excesso de luzes e a poluição tentam diminuir o seu brilho, mas sempre que podia eu estava lá, sentado em uma varanda ou na calçada, fosse da minha casa ou de algum hotel, apenas olhando para o céu.

Hoje, mesmo com todos os meus medos, eu desci para olhar para cima. E geralmente a vida é assim: você precisa descer para conseguir olhar para cima.

E, por alguns momentos, mesmo com medo e olhando para todos os lados, eu consegui descansar. Meu pensamento encontrou paz. Fez-se silêncio na minha mente.

Eu não entendia o porquê de passar por tudo aquilo. Não entendia porque, ao invés de diminuir, os problemas só aumentavam. Infelizmente as tristezas não chegam em nossas vidas uma de cada vez. Quando algo ruim acontece, parece que o mundo desaba e todo o mal possível resolver se apossar de você ao mesmo tempo. Acho que era isso que o salmista queria dizer quando narrou que:

“Um abismo chama outro abismo, ao ruído das tuas catadupas; todas as tuas ondas e as tuas vagas têm passado sobre mim.”

Salmos 42:7

Fico imaginando um abismo decidindo chegar em você, e ao entrar na sua vida ele liga para todos os outros abismos amigos dele e pede que se juntem a ele para tentar te esmagar. É um abismo chamando o outro.

Falei para Deus que eu era inocente. Era importante para mim dizer isso. Minhas mãos estavam limpas e eu precisava ficar repetindo isso para mim o tempo todo, pois era tanta gente dizendo o contrário que eu lutava para me manter fiel à verdade. E declarar isso a Deus de alma lavada com as mãos erguidas ao limpo e lindo céu, gritando por dentro como quem dizia: “Olhe, olhe para minhas mãos! Vasculhe o meu ser, esquadrinha o meu coração. Veja que sou inocente desse pecado!” (*“Esquadrinhas o meu andar, e o meu deitar, e conheces todos os meus caminhos.” Salmos 139:3*).



Da boca não saía nenhum som, mas meu coração gritava por dentro e as lágrimas rolavam. Já tinha alguns dias que eu não conseguia chorar mais. Parecia que a fonte tinha secado. Eu estava tão magro e tinha chorado tanto, por tantas semanas seguidas, que meus olhos petrificaram. Mas hoje, como um rio, elas rolaram novamente e me lavaram.

Sei que Deus não poupa seus filhos das adversidades da vida, então pedi que Ele pelo menos ficasse comigo durante elas, pois ainda que eu passasse pelo vale de sombras e de morte, eu saberia que Ele estaria comigo.

Enquanto agora, sentado num banco, eu conversava com Deus, uma gota caiu em minha cabeça. Olhei mais uma vez para cima. O lindo céu estrelado agora estava soprando nuvens para todos os lados. Começou a chover.

Acho que Deus me ouviu!

PARABÉNS PARA VOCÊ

Eu sempre gostei de datas comemorativas. Seja Natal, Páscoa, Dia das Mães, dos Namorados, tudo era motivo para celebração. Ter as pessoas queridas ao redor da mesa celebrando, mesmo com todos os conflitos que uma família possa ter nestas datas, era pura alegria para mim. Eu curtia o momento, fosse com as tias perguntando das namoradas, ou algum tio mais velho fazendo alguma brincadeira totalmente sem graça, até as brigas, e essas surgiam do nada e quase sempre por motivo irrelevante, mas no fim todos estavam em volta da mesa comendo. E meu aniversário não poderia ser diferente. Eu gostava de festa!

Só que este ano o vigor dos meus dias tinha sido sugado e nesta data tudo o que eu queria era ser um avestruz e enfiar a cabeça dentro da terra para que não tivesse que falar com ninguém e nem responder a ninguém que perguntasse como eu estava.

Que pergunta cruel de se responder!

Eu estava mal, mas as pessoas não querem saber isso. Se pergunta por perguntar e se espera receber apenas um: “Tudo bem, e você?”. Apenas isso e nada mais.

Só que eu estava dilacerado. Era meu aniversário e eu só queria acordar desse pesadelo. Eu não estava bem. Eu estava triste, desiludido, sem vontade nenhuma de sorrir ou de comemorar. Aliás, não havia o que comemorar. Com certeza, se eu verbalizasse isso

perto de minha mãe ela iria me repreender dizendo: “Sempre temos o que agradecer, seja o sol, a vida, o ar, o alimento.”...

Mas eu não queria agradecer pelo ar. Eu não queria agradecer pela vida. Eu não estava grato por nada. A data que eu tanto amava comemorar, mesmo com todas as piadinhas do 11 de setembro, estava sombria demais para mim.

Aliás, que data fatídica, hein?

Não bastava eu ter nascido no dia 11 de setembro, a hora do meu nascimento foi quase no mesmo horário do choque do avião com as Torres Gêmeas, então a comparação com o caos era inevitável.

E neste dia eu era só escombros. Só poeira. Apenas o terror.

Claudinha e Felipe, os donos do apartamento que eu estava usando emprestado nestes dias, trouxeram um ingresso para assistir as Paraolimpíadas num estádio que era bem próximo daqui.

Eu não queria sair de casa.

Eu tinha medo e havia motivo para ter medo. Mas o convite parecia chegar no momento certo. Se eu estava com defeito, gostaria de ver os campeões que, apesar de serem diferentes da maioria, se tornaram vencedores, vencendo suas dores e renascendo.

Basquete de cadeira de rodas. Foi impossível dizer não.

Disfarçado usando barba, óculos e boné, fomos, junto com minha mãe, para ver uma das partidas mais incríveis do basquete. Infelizmente, mesmo assim, algumas pessoas me reconheceram, mas nenhum problema maior foi causado.

Os céus enviaram anjos que comemoraram o meu aniversário comigo e por mim.

ELOGIO

São poucas as vezes que a Bíblia narra que Deus teceu algum elogio para alguém. As escrituras narram as virtudes e defeitos de todos os seus personagens. Se tem uma coisa que a Bíblia não faz questão de esconder, é a capacidade de mesmo a pessoa mais usada por Deus, cometer erros e ser perdoada. Temos elogios a todo momento voltados a seu povo: a menina dos seus olhos, a sua noiva amada. Mas poucas vezes você vê os céus, através de Deus, declarando elogios pontuais e direcionais a alguém.

No início do diário eu falei sobre o elogio de Deus a Jó: IRTD (Integro, Reto, Temente a Deus e se Desvia do Mal). Essas são iniciais que eu gostaria de ter cravadas na minha lápide. Deus elogiou a Jó duas vezes diante de Satanás.

A outra passagem marcante de elogio é feita a Jesus assim que ele sai das águas, após o batismo realizado por Joao Batista.

Os céus se rasgam, uma pomba desce, e uma voz como de trovão faz ecoar:

“Este é meu filho amado em quem tenho imensa alegria.” Mt 3.17

Hoje, durante meu momento de leitura bíblica, me vi estudando o livro do profeta Sofonias. Esse livro lindo é, por muitas vezes, esquecido de ser lido e estudado, e acredito que a maioria tenha até dificuldade de achar Sofonias dentro da Bíblia. É um livro incrível com muitos ensinamentos, e exatamente no terceiro capítulo, no versículo

dezessete (assim como em Mateus) eu pude me deparar com mais um elogio direcionado:

“O Senhor, o seu Deus, está com você, poderoso para salvar. Ele se regozijará em você, com o seu amor a renovar, ele se regozijará em você com imensa alegria”. Sofonias 3:17

Esse texto falou muito comigo. Era como se o Pai estivesse dizendo que acreditava em mim. Parece loucura, uma vã tentativa de aceitação, contudo fez efeito e eu precisava disso. Me sentia tão mal, tão inútil, tão fracassado. Tudo o que eu tinha ministrado, pregado e escrito tinha sido jogado no lixo e colocado em descrédito nos últimos dias. Tudo o que eu queria era ouvir de Deus que Ele sabia que eu era inocente e acreditava em mim. Era um grito por aceitação de um filho ao Pai e, sabendo que a primeira audiência do caso estava chegando e que os ataques pessoais, assim como as ameaças, aumentariam, ler essas palavras acalentou minha alma naquele dia.

Capítulo 9

O Réu e o Santo no mesmo lugar

PRIMEIRA AUDIÊNCIA

Hoje o dia foi extremamente difícil. Coincidentemente, na data de hoje, no Brasil, é comemorado o dia de Cosme e Damião, os santos protetores das crianças, e eu estou num julgamento acusado de abusar de uma criança.

Ter que ouvir durante horas todas as acusações, perguntas tão cruéis dos advogados de acusação, mentiras de algumas testemunhas e tentar provar a todo momento que eu não era culpado foi quase impossível de suportar. Eu achei que não conseguiria chegar ao fim do dia.

As 9h da manhã já estávamos no local. A audiência duraria todo o dia. Eram sete testemunhas a meu favor e oito pessoas convocadas pelo Ministério Público para depoimento. Além do meu depoimento, da minha esposa e do meu enteado, seriam ouvidas as três babás, nosso motorista, uma psicóloga, um psiquiatra, meu médico, a secretária da minha esposa, uma das líderes da nossa Igreja, meu secretário e os peritos da polícia que fizeram o laudo psicológico na criança.

As testemunhas foram isoladas numa sala e numa parte do corredor ficava eu, com meus advogados, minha mãe e meu tio

Jason, que veio me dar suporte, e na outra extremidade estava ela, com seus advogados e algumas acompanhantes. Estávamos ali, todos no mesmo andar, separados por poucas paredes, esperando o momento de tudo começar.

Você já foi acusado de algo que não fez? Já lutou para provar sua inocência e, mesmo assim, ninguém te deu crédito? Ficar na frente de um juiz, advogados, promotores, todos sempre ríspidos, intransigentes, acostumados a lidar com os piores criminosos e você ser apenas mais um, foi difícil.

Não houve área da minha vida que não fosse questionada ou investigada. Foram horas de interrogatório radicais. Como é difícil uma pessoa provar que é inocente, mesmo quando quem acusa não apresenta prova nenhuma.

Mais uma vez, neste dia, eu descobri que todos são culpados até que se prove o contrário.

O julgamento foi *hollywoodiano*.

Discursos ensaiados, como uma colcha de retalhos finamente ligada.

As babás repetiam sempre a mesma frase, como um texto memorizado, mas cederam diante do questionamento do meu advogado. Começaram a gaguejar e, no final, uma delas até disse ao juiz que gostaria que o pai dela fosse como eu.

A casa tinha circuito interno de monitoramento. O quarto da criança tinha babá eletrônica com câmera e áudio e todos os funcionários tinham acesso ao vídeo do quarto da criança, assim como nós, pelo celular, para verificar qualquer anormalidade. O quarto das babás ficava em frente ao quarto da criança, mas mesmo

ninguém vendo nada, mesmo ninguém notando nada de estranho, mesmo a criança nunca reclamando de nada, eu fui acusado de estuprá-la e fui preso por isso.

Lembra das amigas da minha esposa que estavam no seu aniversário no culto e depois na minha casa? Pois é, inacreditavelmente elas também eram testemunhas. Uma delas tinha, inclusive, todas as senhas das minhas redes sociais, assim como todos os funcionários da minha empresa, e ela criou fakes e montagens que foram apresentados ao juiz para tentar corroborar o discurso de que eu era pedófilo, gay e satanista.

Lembra do meu motorista, que também estava comigo no hospital e ficava usando meu telefone? Ele também foi convidado a depor. Descobrimos o que ele tanto fazia com o meu celular.

Enquanto eu estava *grogue* e ele pedia para eu repetir alguma coisa, parece que uma das falas foi uma gravação dizendo que eu tinha tentado suicídio. Mas na hora de enviar para ele mesmo pelo celular, acabou enviando para outra pessoa que tinha o mesmo nome que ele na minha agenda do telefone. Por questão de segurança, eu nunca salvei um número de telefone como nome e sobrenome, às vezes só o primeiro nome e outras vezes codinomes ou apelidos. Ele não sabia disso. Pensou estar enviando para um e enviou o suposto áudio para outro.

Minha esposa conseguiu essa gravação e jogou na mídia, para justificar minha internação no hospício e minha prisão dizendo que tinha tentado suicídio por ser culpado. A perícia descartou essa gravação. Viram que ela poderia não ser minha e que também

contrastava com o laudo do hospital quando eu saí, dizendo que estava completamente são e não representava perigo.

Um detalhe aqui se faz importante mencionar. Você até pode questionar: “Mas o que tem uma coisa a ver com a outra? Suicídio, pedofilia, homossexualidade, satanismo são coisas distintas, não há uma ligação.”.

Entenda: na teia construída para destruir minha honra e sair como vítima para poder contar mais uma história de superação, era necessário que eu fosse apontado como satanista, para que nenhuma igreja me desse crédito, que eu fosse acusado pelo pior dos pecados para a igreja, que é a homossexualidade, e acredite, sim, a igreja elege pecados como piores ou aceitáveis – e um gay não teria crédito na comunidade religiosa – e também o fato que ela tentou emplacar no início da narrativa dizendo que eu era pedófilo por ser gay, mas como a comunidade gay se levantou contra essa aberração de vincular um crime a uma identidade de gênero, ela desistiu da ideia. Contudo, o suicídio ainda era importante manter, pois, em sua narrativa, ela havia me confrontado, eu teria confessado tudo e, por ter sido pego nos delitos, eu teria tentado me matar. Todas as pontas da trama estavam amarradas.

Ela só não contava que eu fosse sobreviver ao hospício. Depois, que saísse vivo da cadeia, e mesmo sofrendo um linchamento nacional, recolheria os cacos da minha vida e me manteria de pé.

Como um pseudo-suicida passaria por tudo o que eu passei e não tentaria tirar a própria vida novamente? O confronto inicial nada era diante das torturas pelas quais eu iria passar, as privações que

vim a sofrer e o abandono que passei. Uma pessoa com desejos suicidas não precisaria de mais argumentos. Qualquer um diante da minha aflição poderia tirar a vida.

No entanto, eu estava ali, dia após dia, sangrando, sofrendo, lutando para respirar, para me manter vivo.

A gravação foi excluída dos autos e atestada que fora manipulada para tentar me prejudicar.

Era hora de ouvir a psicóloga que havia atestado o estupro.

Eu a conhecia bem. Ela é bispa de uma igreja evangélica bem renomada no Rio de Janeiro. Durante todo o depoimento, ela não conseguiu olhar nos meus olhos. Mesmo assumindo que, durante toda a sua carreira na psicologia, nunca tinha atendido uma criança nem uma vítima de abuso infantil, ela afirmou ser capaz de fazer o laudo, já que a mãe auxiliara a criança a contar a história.

Isso mesmo que você leu: a criança não contou a história do estupro, a mãe a auxiliou, dizendo o que falar, e mesmo assim ela fez o laudo. Foi por esse laudo mais o depoimento da minha esposa que eu fui preso.

O que o Ministério Público e o juiz não sabiam, que foi descoberto depois, é que essa psicóloga era amiga da minha esposa há mais de vinte anos, com inúmeras trocas de amor nas redes sociais e muitas fotos juntas.

Esse laudo foi anulado por parcialidade e foi pedido que peritos isentos avaliassem a criança e o caso.

Enquanto o julgamento prosseguia e as horas avançavam, de repente se ouve barulhos e gritos no corredor: minha esposa havia

invadido a sala de testemunhas para intimidar duas das minhas testemunhas, alegando que, se elas falassem alguma coisa contra ela, seriam lançadas no inferno. A polícia foi acionada; inclusive, o próprio policial declarou diante do juiz que ela estava constrangendo as testemunhas para mudar o discurso.

A promotoria pediu que ela fosse investigada, mas nada foi feito. Mais um crime jogado para debaixo do tapete.

Mas por que ameaçar essas testemunhas? Uma delas era a secretária dela, que tinha acionado a minha família em Minas e tinha ouvido da sua boca que, se eu não morresse no hospício, morreria na cadeia, mas que ela não iria se divorciar para dividir os bens e para não manchar sua reputação diante da igreja. Aliás, duas testemunhas disseram isso diante do juiz, que a ouviram dizer exatamente isso: “Se ele não morrer no hospício, morrerá na cadeia, mas eu não vou me divorciar, dividir os bens e manchar minha reputação.”.

Chega então o ápice da encenação. Ela, que se achava a verdadeira vítima, e não a criança, é chamada a depor.

Com vocês: a mãe sofrida.

Diferente do vídeo gravado para me denunciar, desta vez ela não estava maquiada, com unhas e cílios postiços e equipe de filmagem. Também não estava como a mulher agressiva que entrou na sala de testemunhas para intimidá-las, e tampouco como a mulher que gargalhava nos corredores do fórum, apontando o dedo para a minha mãe, que estava em cacos. E sim, cada gargalhada feria muito.

Agora entra na sala de audiências uma mulher de jeans, camisa branca, sem maquiagem e com o cabelo preso em um rabo de cavalo. Ela fala baixo e segura um lenço junto ao olho, como se lágrimas escorressem insistentemente.

Por quarenta minutos ela falou o quanto foi boa como esposa e como mãe, o quanto amava a criança e o quanto se sentia magoada e estava sofrendo. Durante toda a narrativa que, por sua persuasão, convence até grandes cultos, era notório que a história girava em torno dela e não da criança. Mas isso ficava imperceptível. A trama era tão bem alinhada que, no final, se criava um ódio mortal por mim, não apenas pelo suposto abuso, mas também por decepcionar uma mulher tão incrível e dedicada.

É difícil acreditar que uma mãe que tem seu filho abusado se preocupe mais com a sua imagem e o seu sofrimento do que com a criança, mas foi isso que aconteceu durante todo tempo, inclusive nos anos que se seguiram, enquanto o resultado da sentença não saía.

Ela escreveu livros, deu palestras de como superar dores, mas sempre com o foco nela, nunca a criança era lembrada.

Já é tarde da noite. O juiz suspende a sessão e marca uma segunda audiência. Eu não tenho forças. Eu quero sumir. Estou sem comer faz dias, meu corpo está fraco.

Diante do juiz, meu advogado informa que eu estava em acompanhamento fazendo uma avaliação psicológica e psiquiátrica, pois, entre as acusações, pesava que eu também era uma pessoa extremamente perigosa com múltiplas personalidades.

Nesta época eu já não saía de casa. Além da depressão profunda, o *TEPT* estava me enlouquecendo.

É hora de voltar para casa e esperar a segunda etapa do julgamento.

Que casa? Para a minha casa eu não podia voltar, e agora já sabia que menos de três meses após o ocorrido, outro homem ocupava meu lugar – uma atitude muito estranha para uma mãe que disse ter o filho estuprado.

SEGUNDA AUDIÊNCIA.

Os dias passam. A cada amanhecer eu permaneço com medo, em alerta, achando que o apartamento será invadido a qualquer momento. Passei a temer e odiar o amanhecer.

A noite era sombria. Havia medo de dormir, os pesadelos me torturavam. Não havia um momento de paz.

De uma forma muito surpreendente, a segunda audiência também caiu em uma data especial: no dia do aniversário da criança envolvida nesta história toda.

Dessa vez seriam ouvidos os peritos da Delegacia da Criança e do Adolescente Vítima . Dois policiais, treinados e que lidam

exclusivamente com crianças e adolescentes abusados há mais de trinta anos, foram designados para fazer a avaliação. E hoje eles estavam ali para depor.

Os dois foram categóricos: a criança foi sugestionada a mentir!

“Pronto, acabou, estou livre!”, você pode pensar. Eu também pensei.

Nada disso.

O laudo que eles fizeram narrando isso foi feito antes de eu ser preso, e mesmo assim eu fui preso. Foi apresentado logo em seguida nos autos do processo, e mesmo assim eu continuei com todas as restrições das medidas cautelares. Mesmo com todas as provas mostrando que *eu* era a vítima de uma trama cruel, o processo ainda demoraria longos anos até ser concluído, e enquanto isso eu ainda seria apontado por todos os lugares e pessoas como monstro.

Quer um detalhe extremamente cruel? Não houve inquérito!

Sempre que você faz um boletim de ocorrência numa delegacia, a primeira coisa a ser feita é uma investigação. Essa investigação, onde se ouve pessoas e colhe provas, se chama INQUÉRITO policial.

No meu caso não houve isso! A quantidade de crimes que cometeram contra mim só aumenta.

Logo após à denúncia, sem laudo, sem testemunhas, sem ouvir a criança, sem me ouvir, sem colher depoimentos, absolutamente nada, eu fui caçado como um criminoso

extremamente perigoso, palavras da delegada, e preso em uma cela comum. Objetivo? Só resta pensar em um: “ser apagado”.

Como o processo envolve uma criança, e por isso corre em sigilo, não posso dar muitos detalhes, mas uma frase chamou muito a minha atenção. Ao perguntarem a criança onde ela ouviu essa história ou quem contou isso para ela, a resposta foi cirúrgica: “a mamãe pediu pra eu contar”.

Posso recapitular?

O laudo que dizia que a criança foi induzida a mentir saiu logo após a queixa e mesmo assim a delegada do caso escreveu que eu era de altíssima periculosidade; fui algemado nas mãos e pés, a ordem de prisão foi dada antes sequer de colherem o meu depoimento e mesmo assim eu fui preso numa cela comum, tratado como bicho, sem direito a recuperar nenhum dos meus objetos pessoais e com grande parte da nação acreditando veementemente que eu era o monstro que havia destruído a vida de uma linda mulher e seu frágil bebê.

A audiência chega ao fim. Junto com ela, o resto de minhas forças.

A partir desse momento mergulho num buraco de ansiedade e solidão.

A cada dia que passa tenho a esperança de que a minha inocência vai ser declarada, mas semanas, meses, anos passam e nada acontece.

O meu corpo começa a definhar. Estou morando de favor num apartamento e não saio dele; tudo o que eu faço é andar da sala para o quarto ou a cozinha.

Os poucos telefonemas ou mensagens de apoio que eu recebia, mesmo de pessoas que apenas ligavam mais curiosas do que preocupadas, não existem mais.

Todas as pessoas que frequentavam a minha casa ou eram do meu círculo de amizade me abandonaram. Não sobrou sequer um. Nunca mais eu receberia a visita ou a oração de um pastor. Todos simplesmente foram embora.

A vida continuou. Exceto para mim.

Jogado no calabouço da vergonha, com acusações novas surgindo a cada dia e sem sequer a possibilidade de defesa, reunia minhas forças para me manter vivo. Ao meu lado, minha mãe, paciente, suportava tudo comigo.

Com o passar do tempo, assim como eu, o corpo dela também foi definhando. Até chegarmos ao ponto de ficarmos apenas “pele e ossos”.

Do outro lado, minha esposa viajava, curtia minha casa, lançava livros de autoajuda e dobrava seu cachê para estar nos lugares. Foi flagrada diversas vezes com algum homem, sempre um diferente do outro. Parece que não havia dor. Um crime que deveria dilacerar a alma parecia simples de lidar.

Eu nunca fui estuprado, mas imagino que as verdadeiras vítimas desse crime horrendo, assim como seus familiares, ficam destroçados após tamanha barbárie. Em alguns casos nunca se recupera a normalidade. Algo precioso foi brutalmente arrancado de você e te trataram como um objeto obtuso. Mas não parecia ser assim com ela.

Cada vez que uma denúncia falsa é feita, uma vítima real perde a voz.

Assim como no vídeo que gravou para me acusar, em que fora antes no salão para se aprontar e dizer que o filho fora estuprado, narrou sua história totalmente maquiada, com tranças no cabelo, cílios postiços e equipe profissional de vídeo. Aquele cenário que poderia, de início, nos remeter a uma mãe em choque na realidade nunca mudou.

Dia após dia, se aproveitou da mídia recebida e lançou produtos, fez palestras, trocou permutas, negociou contratos e namorou muito.

FELIZ ANIVERSÁRIO DE CASAMENTO.

Acordei com o celular cheio de mensagens de um número que não conhecia.

Durante esse período, meu número de telefone e meu endereço foram divulgados exaustivamente por pessoas que, não sei como, conseguiram esses dados, já que ao processo somente eu, ela e nossos advogados tinham acesso, e isso fazia com que as ameaças não cessassem.

Já há muito tempo não mantinha o número ligado, mas neste dia resolvi ligar. Talvez uma pegadinha do meu cérebro ao lembrar que hoje seria o meu aniversário de casamento. Para a minha surpresa, recebi de um número desconhecido alguns vídeos

peçoais da minha, então, esposa com outro homem. Sim, nós ainda estávamos casados no papel, já havia dado entrada no divórcio, mas ele ainda não foi decretado.

Aceitar que você foi apenas uma peça numa trama é muito difícil, talvez por isso nos recusemos a acreditar que algo se findou e que a vida continua. No entanto, só quem é passado para trás, traído, jogado fora, consegue entender que você se sente um verme. E por isso se recusa tanto a acreditar no que está acontecendo. É como assinar um atestado de fracasso, derrota, inutilidade.

Foi aqui que realmente comecei a entender que ela não era uma vítima como eu. Que ela não tinha sido levada a crer numa mentira por alguém, mas, com muita dor no coração, começar a imaginar o que era óbvio para todos à minha volta: “Ela tinha tramado tudo há muito tempo. Você era só uma peça nesse jogo de xadrez.”

Assumir isso é libertador, mas também devastador.

A esperança dá lugar para a raiva, a mágoa e o rancor.

O ódio começa a te consumir; no buraco em que você está só há dor.

LUA, ONDE ESTÁ VOCÊ?

Estou olhando pela janela do quarto. Sempre gostei de ficar sentado na varanda olhando as estrelas ou vendo a chuva cair. No

interior onde fui criado o céu é lindo, sem grande luminosidade e poluição, e é possível contemplar o grande caminho das estrelas conhecida como Via Láctea.

Há muito tempo eu não olhava para fora. Mas hoje me peguei vendo a lua cheia despontar entre os prédios do horizonte. De súbito, comecei a chorar sem entender o porquê.

Assim que as lágrimas cessaram e a crise de pânico que a acompanhou também passou, me recordei que, durante todo o período em que eu cuidei do meu enteado, desde ensinar a falar, correr, jogar bola, montar lego e ver filmes de super-heróis, eu sempre inventava uma canção sobre a situação com ele, e nós tínhamos uma música sempre que estávamos olhando as estrelas ou voltando de algum compromisso à noite. Levantávamos a cabeça procurando a lua e começávamos a cantar:

“ — Ohh, luaa, cadê você? Oh, oh, lua, eu vim te ver”

Repetíamos isso até um dos dois encontrar o astro no céu. Era uma brincadeira boba, como tantas outras, mas a dor de saber que até mesmo isso fora arrancado de mim e sem saber o que se passa na cabecinha dele, até que ponto ele também sofreu uma lavagem cerebral, o que ele se lembra ou será que ainda se lembra de mim? Tudo isso foi difícil de relembrar. Eu evitava pensar nele, já que estava respondendo por um crime hediondo, mas era impossível simplesmente pegar todo o sentimento paternal que eu desenvolvi por ele e jogar fora como se nunca tivesse existido.

Nós tínhamos uma relação de pai e filho. Justamente por eu não ser o pai biológico, eu tinha todo o cuidado para que ele não se sentisse rejeitado. E relembrar que a primeira palavra que ele disse

com pouco mais de dois anos, pois antes ele não falava, apenas fazia barulhos com a boca, coisa que preocupava a avó dele, foi incrível. Sua primeira palavra foi: “*Pipipe*”, o que se tornaria, futuramente, “*Papai Pipe*”.

O ABISMO DENTRO DE MIM

Com o passar do tempo e a ausência de qualquer movimentação no processo, o esgotamento foi se generalizando. Meu caso já não estava mais na mídia. Quem ainda tinha curiosidade, não tem mais.

A cada semana meu advogado me avisa que um novo pedido de prisão fora feito contra mim. Minha, então, esposa não admitia o fato de eu estar em liberdade condicional e semanalmente entrava com um recurso novo pedindo minha prisão. Todos foram negados, pois não havia motivo, mas ela estava possesa por eu continuar vivo. Infelizmente, cada um desses pedidos atrasava ainda mais o processo. E os meses se alongaram.

Eu comecei então a ler um pouco sobre Narcisismo e Psicopatias.

Nunca tinha me interessado por essas patologias, mas as pessoas estavam falando tanto que resolvi ler um pouco e quero compartilhar com você dois pequenos textos que me auxiliaram a organizar os pensamentos e acreditar que sim, existem pessoas muito más, que são incapazes de sentir empatia por alguém, exceto por elas mesmas. Não é que elas não tenham sentimentos, elas

apenas não conseguem sentir nada que não seja para benefício próprio.

PESSOAS TÓXICAS JAMAIS ADMITEM QUE ESTÃO ERRADAS

Você pode receber um pedido de desculpas de alguém tóxico, mas não será genuíno. Pessoas tóxicas só se desculpam se for para manipular você a lhe dar o que querem, enganar você, fazê-lo acreditar que merecem perdão. Caso contrário, ela nunca vai admitir que fez algo errado.

Pessoas tóxicas nunca vão pedir desculpas e deixar por isso mesmo. Sempre haverá algo mais na frase. Virá uma sequência de justificativas para lhe mostrar que você realmente não pode culpá-lo(a), porque a culpa é d(o)a ex ou dos pais ou sua.

Eles jamais admitem que estão errados.

Caso se desculpem por trair você, fornecerão detalhes sobre como isso nunca teria acontecido se a outra pessoa não tivesse se jogado em cima dela ou se você estivesse mais disponível sexualmente ou qualquer outra coisa.

E se você tiver coragem de enfrentá-la, de expor a falsidade das justificativas, ela vai virar a situação do avesso. Listarão todas as coisas legais que fizeram por você e o chamarão de ingrato.

Pessoas tóxicas nunca vão admitir que estão erradas. Elas nunca vão refletir sobre suas escolhas e chegar à conclusão de que

precisam mudar. Não importa o que você faça, ou o quanto você as ame, você nunca vai ganhar uma discussão contra elas.

Essas pessoas se esforçam ao máximo para provar que são inocentes. Elas vão criar mentiras, elas vão espalhar boatos. Elas distorcerão a verdade para se encaixar em seu próprio discurso.

Elas criam sua própria verdade e tentam convencer o maior número possível de pessoas dessa 'verdade', então, no final, você é quem parece louco. Você será sempre o errado. Você nunca conseguirá fazê-las ver a situação do seu ponto de vista. Você nunca as fará admitir que foram longe demais.

Pessoas tóxicas não pensam logicamente. ELAS SÓ PENSAM EM SI MESMAS.

CEGADO PELA ESCURIDÃO

O mal denota uma ausência do bem. É aquilo que é depravado e imoral. Como diria o filósofo Gottfried Leibniz, é uma construção teológica que tenta responder à pergunta de por que um Deus bom permite a manifestação do mal.

Já Immanuel Kant (1724-1804) afirma que o mal já nasce com a espécie humana. A autopresunção é o traço egoísta responsável pela corrupção moral.

Somos enganados e até iludidos pelo disfarce de virtude do psicopata, sua eloquência, calma ostensiva, status e charme. O verniz de normalidade do psicopata pode ser tão transparente que

se torna implausível considerar a malevolência por trás da máscara, mesmo para médicos treinados.

Pelo contrário, a exposição prolongada ao abuso e exploração do psicopata resulta em uma forma grave e complexa de TEPT e, nos piores cenários, até um distúrbio de personalidade.

As vítimas de psicopatas são emocionalmente, psicologicamente, fisicamente, financeiramente e socialmente devastadas.

E o cenário se complica quando simplesmente negamos o que nos causa angústia. Dado que o mal põe em causa nossa confiança básica na ordem e estrutura do mundo, somos compelidos por nosso instinto de autopreservação a negar a existência do mal e a construir uma realidade que oferece uma sensação ilusória de segurança e previsibilidade.

Assim, apesar da hedionda história da igreja de se aliar com Hitler e Mussolini, de implementar a Inquisição e Cruzadas e de apoiar as lavanderias de Madalena, as caçadas às bruxas e o genocídio e escravidão nas Américas, África e Austrália, a persistência em defender ideias ingênuas e ilusórias de infalibilidade espiritual e noções idealizadas de virtude supera a responsabilidade e a realidade objetiva.

Aqueles que são patologicamente maus são sempre desejosos e levados a adquirir poder e controle. Eles comandam conformidade e obediência, a fim de atualizar suas agendas.

O mundo está repleto de líderes em altas posições de poder que são patologicamente maus. Por inúmeras razões, nossas inclinações inatas para conformar e obedecer eclipsam nosso

juízo moral. Inconscientemente, ignorante, descuidada e involuntariamente, conspiramos com o mal com mais frequência do que não.

O lado sombrio da humanidade deve ser reconhecido para que as vítimas do mal possam assimilar o que lhes foi feito. Resumidamente, é nossa responsabilidade ética como terapeutas incorporar a consciência. Somente então podemos realmente reconhecer o mal, recusar a cumplicidade e ser instrumentos confiáveis para ajudar os outros a se curarem dos destroços do mal.

AS IRMÃS GÊMEAS

A gula e a anorexia, as duas irmãs gêmeas.

Não sei se isso é um comportamento advindo da depressão, de uma tristeza profunda. Mas o fato é que eu tenho estado cada vez mais magro. Incrivelmente, desde que tudo começou, eu já perdi mais de vinte quilos. Hoje eu estou com 59 kg e, pela primeira vez diante do espelho, eu me dei conta de que realmente os ossos do meu corpo estão todos à vista, aparecendo, e já não é uma questão de ser magro, é uma questão de doença.

Só que eu não tenho vontade nenhuma de comer.

Nunca tive problema em comer demais ou comer menos do que no necessário. Minha alimentação sempre foi moderada e sempre tive uma alimentação saudável.

No entanto, eu não tenho mais fome.

Contudo, em alguns dias do mês, por algumas horas, vem uma aflição na minha alma em forma de desejo de comer: eu como absolutamente tudo o que tem pela frente, e essa fome não sacia até eu passar mal.

Incrivelmente a vida volta ao normal e não tenho nenhuma vontade de comer durante muitos dias. E novamente, em outro determinado momento, ela vem com tudo, parecendo cobrar a conta de dias e semanas sem comer.

Pelo que eu tenho lido e ouvido falar de relatos de pessoas que ficam muito tristes, ansiosas ou depressivas, umas tendem a se alimentar muito e essa fome não cessa. Outras perdem completamente o apetite. Claro que, no meu caso, a não fome, a perda total pela vontade de comer, é mais latente. Contudo, eu tenho visto que a depressão, a tristeza e a ansiedade têm duas irmãs gêmeas: uma a glotonaria a outra a anorexia.

ESTOU CANSADO

Chega um momento em que você está tão destruído, tão esgotado, tão sem forças que simplesmente quer desistir. Durante muito tempo, não importava mais para mim se eu iria sair dessa ou não.

Muitos dos conhecidos que me visitaram no início disso tudo foram unânimes no discurso. Foram taxativos ao afirmar que, mesmo que eu saísse vitorioso disso tudo, minha vida estava

arruinada. Ninguém nunca mais confiaria em mim e a minha história sempre seria lembrada por um estupro infantil.

Mesmo que eu provasse a minha inocência, ninguém nunca acreditaria em mim.

Eu ouvi isso de muitas pessoas, e de pessoas que, de certa forma, me amavam. Até aqueles que acreditavam em mim não conseguiam acreditar que eu pudesse ter minha honra restaurada, tamanha foi a propagação da maldade.

Meu nome não apenas foi propagado exaustivamente em todos os jornais nacionais e colunas de fofocas, como em veículos de mídias internacionais. Houve um caso de um estupro de mais de 500 crianças em Ratisbona na Alemanha, em que os meios de comunicação não tinham a foto do estuprador e usaram as minhas para noticiar as manchetes.

Aos olhos humanos, o estrago era tão avassalador que não haveria a menor possibilidade de reviravolta, e mesmo que a mídia se empenhasse para mostrar a verdade, ela nunca chegaria a todos os cantos onde a mentira se espalhou.

Diante de tudo isso, por que continuar? Para que lutar? Para que insistir em provar minha inocência se de nada valeria? Ninguém nunca acreditaria!

Os caminhos pareciam não ter saída e a depressão que tinha me visitado agora fazia morada.

Eu entrei numa depressão tão profunda, que os músculos do meu corpo começaram a atrofiar. Não apenas perdi muito peso – até então já foram 25kg –, como os músculos do meu rosto travaram numa posição de sofrimento e dor que eu já não conseguia mais

abrir a boca direito. Minhas pernas não se estavam completamente e eu mal conseguia ficar alguns minutos em pé. Minha coluna se envergou; eu já não ficava mais ereto, sempre envergado para a frente, como um homem idoso, corcunda e com dificuldade de caminhar.

O sofrimento intenso traz consequências inimagináveis ao nosso corpo.

Quando, alguns anos depois, tirei a primeira foto, na primeira vez que consegui sair de casa, eu estava irreconhecível. Esquelético, abatido, atrofiado. Olhar para essa foto agora faz meus olhos se encherem de lágrimas e o fôlego apertar o peito.

Como alguém pode ficar tão realizado em fazer o mal e ver o sofrimento do outro? Aliás, parece que elas se alimentam do sofrimento como vampiros de sangue, se tornando vampiros emocionais.

De que adiantaria a vitória ou conseguir recuperar os meus bens?

Eu ainda não tinha conseguido recuperar nenhuma peça de roupa ou documento e os meus bens já haviam sido, em sua maioria, dilapidados por ela e seu novo marido.

Sim, nessa época ela já estava casada com outro de papel passado e bênçãos dos pastores. Quando o divórcio saiu, em menos de dois meses, ela fez as celebrações de seu novo enlace matrimonial. E ninguém questionava como uma mãe que, supostamente, teve o filho abusado, tivera tantos namorados e em menos de um ano já estava noiva e planejando seu novo casamento.

A maldade cega. A conveniência e o dinheiro também.

O VAZIO DO NADA

Hoje quero falar sobre a minha experiência com a depressão.

Eu sempre tive uma visão muito distorcida da depressão. A maioria dos brasileiros tem muito o que aprender sobre essa doença.

Quando falamos que uma pessoa precisa ir ao psiquiatra, é notório que na mente vem logo a suposição de que aquela pessoa é maluca, pois quem se consulta com um psiquiatra é doido. Há também os casos envoltos na fé. Em muitas igrejas, quando se fala em depressão, muitas ainda entendem, devido a uma herança histórica, que depressão está relacionada a Possessão Demoníaca, então, se a pessoa está em depressão e for a um psiquiatra, ela é maluca; ou se está em depressão, tem algum demônio dentro dela.

Ainda, para uma parcela da população, a depressão é encarada como uma situação boba de fraqueza, frescura ou exagero para se chamar a atenção.

Esquecem que, quando você passa por isso, não é porque você foi fraco, e sim porque você está esgotado por ter sido forte por tempo demais.

Confesso que aprendi muito neste longo período. Sempre me achei muito resiliente, perseverante, pois quando surgiam desafios

que me causavam medo, eu pegava o medo, levava comigo, mas seguia.

Achava que era perseverante quando, em alguns momentos que sentia medo, eu o enfrentava.

Se havia, por exemplo, medo de altura, eu ia a uma montanha-russa, pulava de asa delta e fazia um monte de exercícios.

Diante dos últimos acontecimentos eu aprendi muito mais sobre a depressão: ela não é simplesmente uma profunda dor, uma vontade de chorar que não acaba, ou simplesmente uma necessidade de morrer para que a dor termine, a depressão é muito mais intensa e muito mais complexa do que simplesmente querer morrer ou não querer viver.

Eu falava para mim mesmo que durante esse período eu tive apenas um episódio depressivo.

É importante separar a depressão, como uma doença, dos episódios depressivos – que é uma depressão decorrente de uma situação que, quando passa, sua vida ganha cor novamente.

Aprendi a duras penas que o que eu passei e todos os traumas que sofri não geraram apenas um episódio, e a junção desses episódios deu origem a doença.

Foi difícil admitir que eu estava em profunda depressão. Mas o que mais me marcou não era apenas a vontade de chorar ou estar triste, era o NADA.

Eu não queria morrer, eu não queria sorrir, eu não queria nada. Eu tinha um completo vazio, como se tivesse mergulhado em um buraco negro. Não conseguia me expressar direito ou concatenar as

ideias, não tinha desejo de comer ou de acordar ou de dormir, nem de ler e escrever.

Esse vazio te paralisa.

Às vezes os sentimentos oscilam: havia dias mais fortes, outros de desânimo; você pensa que até a esperança faz mal.

A depressão é muito mais do que frescura, é muito mais do que simplesmente a falta de autocontrole. Ela é uma doença muitas vezes genética, outras vezes provocada. Eu não sou o melhor especialista para falar sobre isso; se você passa por isso, te aconselho a procurar ajuda e a ler sobre o assunto. O que eu posso te dizer é que ela chegou na minha vida quando eu achei que nunca chegaria, durante um bom tempo fez morada e simplesmente não acrescentou nada.

Capítulo 10

Manchetes de mortes

Eu não quero que este livro seja uma narrativa mórbida.

Desejo que ele mostre força e superação, mas não posso excluir todas as dores e pesadelos para fantasiar uma história e mostrar uma falsa humanidade. Eu sofri, pensei em desistir, agonizei e não vou menosprezar essa dor para parecer mais forte do que sou.

Eu comecei a colecionar artigos de homens que foram lançados na cadeia por estupro e que em menos de 24 horas foram encontrados dilacerados e mortos.

Notícia após notícia, a mensagem era a mesma. E fazia sentido a fala dos policiais de que eu não duraria mais de 24 horas no cárcere.

Devo ter reunido mais de cinquenta artigos no período de três anos onde todos os presos que foram acusados de violentar alguém, mesmo antes de serem investigados ou julgados, foram severamente mortos. Misteriosamente, eu era um dos poucos casos que sobrevivera de forma completa. Não fora morto e nem violentado na cadeia.

Estou novamente pensando em Daniel na Cova dos Leões e soltando uma gíria carioca: “*Tamu* junto, irmão”

OS MILAGRES DE SATANÁS

Um grande personagem histórico do século XVI, chamado de João Calvino, disse certa vez que “Nós devemos lembrar que satanás também tem seus milagres”. Por mais que seja difícil admitir, existem muitas pessoas se passando por anjos de luz e falando em nome de Deus, mas que não se parecem em nada com Ele.

Discursos de ódio e milagres movimentados por dinheiro em nada revelam o verdadeiro Jesus, que era simples, manso e humilde.

Martinho Lutero também afirmou que devemos rejeitar qualquer denominação que tenha ensinamentos que não se enquadrem nas Escrituras, mesmo que faça chover milagres todos os dias.

Nem todos os “milagres” vêm de Deus.

Quando o discurso mostra mais a pessoa do que seu criador, quando o mesmo é cheio de vaidade e soberba, se afaste. Não há Deus naquele lugar. Existe engano e charlatanismo.

O DESAFIO DO PERDÃO

Como é difícil perdoar. Confesso que, quando ouço alguém falar que perdoa fácil, eu fico ressabiado, a menos que a ofensa seja completamente insignificante.

Como perdoar alguém que destruiu sua vida, roubou sua história, destruiu sua saúde, arruinou suas emoções, tentou te matar, fez mal a toda sua família e, ainda assim, não se arrependeu e nem nunca se arrependerá?

Como perdoar alguém que diz que não fez nada de errado?

Antes de continuar e falar sobre o desafio que enfrentei e como enfrentei e a luta de anos para conseguir liberar o perdão, vou colocar aqui algumas descrições de distúrbios de personalidade que me ajudaram a entender a maldade da mente humana e compreender que eu não era o responsável pela crueldade dos outros.

Ainda bem que a chuva ainda cai lá fora. Esse barulho me acalma, aquieta minha alma.

Enquanto tomo uma xícara de café, compartilho com vocês o que aprendi sobre distúrbios de personalidades:

Transtorno de personalidade histriônica

É caracterizado por uma excessiva busca de atenção;

Usam sua aparência física para chamar a atenção dos outros e são altamente sugestionáveis, muitas vezes agindo de forma submissa para reter a atenção dos outros;

Exigem continuamente ser o centro das atenções e muitas vezes ficam deprimidos quando não o são;

Anseiam por novidade e tendem a se aborrecer facilmente. Assim, eles podem trocar de emprego, amigos e relacionamentos

com frequência. Suas ações são muitas vezes motivadas pela obtenção de satisfação imediata;

Eles podem tentar controlar seus parceiros usando sedução, sexo ou manipulações emocionais;

Além do transtorno de personalidade histriônica, também é importante observar:

Transtorno de personalidade narcisista

É caracterizado por um padrão generalizado de grandiosidade, necessidade de adulação e falta de empatia;

Têm dificuldades para regular a autoestima, precisam de elogios e bajulações constantes; eles também tendem a desvalorizar outras pessoas para que possam manter uma sensação de superioridade;

Alguns com esse transtorno têm dons ou talentos especiais e tornam-se acostumados a associar sua autoimagem e senso do eu à admiração e estima dos outros;

Eles superestimam suas habilidades e exageram suas realizações. Achem que são superiores, originais ou especiais, como ser único, como alguém que voltou dos mortos. Essa superestimação de seu próprio valor e realizações muitas vezes implica uma subestimação do valor e das realizações dos outros;

Estão preocupados com fantasias de grandes realizações, de serem admirados por sua inteligência ou beleza avassaladora, de ter prestígio e influência. Eles sentem que devem se relacionar

apenas com outros tão especiais e talentosos quanto eles mesmos, não com pessoas comuns;

Pessoas com transtorno narcisista precisam ser admiradas, sua autoestima depende da consideração positiva dos outros e é, portanto, geralmente muito frágil;

Não admitem ser questionados;

Transtorno bipolar

pacientes com transtorno de personalidade narcisista frequentemente apresentam depressão e, devido à sua grandiosidade, podem ser diagnosticados erroneamente como bipolares. Esses pacientes podem ter depressão, mas sua necessidade persistente de elevar-se acima dos outros distingue-os das pessoas com transtorno bipolar. Além disso, no transtorno de personalidade narcisista, mudanças no humor são desencadeadas por insultos à autoestima.

Transtorno de personalidade antissocial

A exploração dos outros para se promover é característica de ambos os transtornos de personalidade. Mas os motivos são diferentes.

Pacientes com transtorno de personalidade antissocial exploram os outros para ganho material; aqueles com transtorno de personalidade narcisista exploram os outros para manter sua autoestima.

Mas vamos voltar a falar sobre perdão.

Precisei fazer uma pausa. Não me senti bem e fui medicado.

Relembrar cada um desses detalhes ainda em tratamento de depressão e *TEPT* têm sido um desafio custoso, mas necessário. E a palavra agora é Perdão.

A primeira coisa que você precisa ter em mente é que perdão não é um sentimento. Ninguém acorda de manhã com vontade de perdoar. Você não pega todo o sentimento de dor, angústia e toda a maldade que fizeram com você e simplesmente, num belo dia, acorda com uma vontade enorme de só desejar coisas boas a quem tanto lhe fez mal.

Não, perdão não é um sentimento. Perdão é uma ATITUDE.

Você decide perdoar. E essa ação não é fácil.

Você relembra todo o mal e, mesmo com dor, você declara: eu vou perdoar, eu decido perdoar.

No início nada vai mudar. Aliás, leva-se tempo para que alguma coisa realmente comece a acontecer.

Só que a única pessoa que sofre com a falta de perdão é você. A outra pessoa segue a vida normalmente, pois como se diz no interior: “Quem bate esquece, quem apanha não”.

O Perdão, em primeiro lugar, é o melhor benefício que você pode fazer a si mesmo.

Gosto de orar sobre isso e ser sincero nas minhas preces.

Sempre digo: “Deus, eu não gostaria de perdoar. Na realidade, não sinto vontade nenhuma, o que eu desejo mesmo é vingança, mas não quero viver refém desse sentimento, ele é amargo, adoece minha alma e meu corpo, então me ajuda nesta tarefa árdua, mesmo que aos pouquinhos, mesmo que um passo de cada vez. Eu decido hoje perdoar.”

Existe um artigo publicado pela Sociedade de Cardiologia do Estado de São Paulo que afirma que a falta de perdão aumenta em 31% os riscos de infarto.

Tirando tantas doenças que afetam os ossos e células.

Perdoar também é questão de inteligência.

Não perdoar é como beber um copo de veneno e esperar que a outra pessoa morra. Não vai funcionar. Lembre-se, é um processo, é uma atitude, é demorado, mas vale a pena.

Eu levei quase dois anos para conseguir livrar meu coração de toda mágoa e dor que fizeram comigo. Eu lembro de cada detalhe.

Perdoar não é esquecer. Quem esquece é quem tem amnésia.

Perdoar é lembrar sem sentir dor.

Você sabe de tudo que aconteceu com você. Lembra dos detalhes e, inclusive, pode tomar a atitude de conviver ou não com as pessoas que te fizeram mal. Mas quando você lembra, não dói mais. Não dilacera a alma.

Quando você consegue contar a história sem agonizar por dentro, você perdoou.

NOVAMENTE SEM TER ONDE MORAR

Você já implorou por boas notícias ou pelo menos um tempo de descanso, sem novas tragédias acontecerem? Já rasgou o coração, cansado de lutar, a ponto de pedir apenas um dia de paz?

Eu estava assim. Sem forças. E mesmo quase sem vida, fui surpreendido com outra notícia difícil.

Aliás, como tem sido difícil manter a fé nestes dias. Tenho a impressão de que tudo o que eu peço a Deus, acontece ao contrário. Se clamo a Deus na esperança de que Ele ainda ouça minhas orações, e peço que chova, então faz sol. Se peço calor, faz frio.

Nessa semana eu só pedia uma notícia boa para ter esperança, no entanto, os amigos que haviam me emprestado o apartamento vão precisar vendê-lo. Tenho poucos dias para sair daqui. Não sei para onde vou.

Não recuperei absolutamente nada dos meus bens. Não posso ir à minha casa buscar uma muda de roupa ou um documento, porque ela possui uma ordem de restrição; os pedidos aos juízes não são atendidos, todo o dinheiro e ações que eu tinha no banco foram retirados enquanto eu estava no hospício, não sei para onde ir.

Não posso sair na rua, pois sou ameaçado de morte. Existem cartazes com minha foto pregados nos postes, o linchamento seria certo. Como procurar um local para me abrigar sem dinheiro e sem possibilidade de locomoção? E meu nome, a essa altura, já sofria protestos e estava negativado, pois eu tinha prestações,

financiamentos e não pude pagar nenhum deles. Como alugar um local sem dinheiro e com o nome “sujo”?

Aliás, acabei de me lembrar de algo que aconteceu poucas semanas antes de todo esse caos.

Como sempre gostei de me precaver, eu mantinha uma reserva financeira para eventualidades. Essa reserva foi colocada num fundo de investimento e todo mês eu acrescentava algum montante. Sempre como o mesmo discurso de que, se alguma coisa acontecesse comigo, pela quantidade de viagens que eu fazia, o fundo de ações estava no nome da minha esposa. Caso acontecesse algo comigo, tudo iria para ela sem burocracias, sem ter que dividir com ninguém, nem minha família, mas se caso acontecesse algo com ela, o fundo de ações permaneceria comigo.

Um dia, conversando com o gerente da minha conta e pedindo para ver a movimentação do fundo de investimentos, ele mencionou que eu não poderia, pelo fato de não ter mais acesso. Eu questionei, afinal o valor era meu, mas ele me disse que eu não estava entre os beneficiários. Se algo acontecesse comigo, ela ficaria com tudo sem dividir; se algo acontecesse com ela, a família dela ficaria com tudo e não eu. Isso foi muito estranho de ouvir.

Quando cheguei em casa e tentei ter uma conversa sobre isso, foi uma tragédia. Foi neste dia que ela pediu que alterássemos o regime de bens, que era de comunhão parcial, para sem comunhão de bens. Já que eu tinha colocado tudo no nome dela, eu ficaria sem nada se houvesse um divórcio.

É estranho pensar que, quando a conheci, ela morava de aluguel e tinha um carro velho cheio de multas. Agora, com uma boa

casa, empresa, carros e empregados, alterar o regime de bens parecia estranho. O fato é que eu não tive tempo de pensar em nada. Estava com uma agenda muito cheia, viagens marcadas e compromissos a cumprir.

Dezoito dias depois eu acordaria num hospício, sem família, sem nome, sem nada.

Capítulo 11

Alma Sofre, Corpo Padece

AGONIA

Faz três meses desde que eu escrevi o último parágrafo.

Eu passei muito mal em lembrar tudo isso.

Precisei de ajuda.

Hoje volto a escrever.

Não chove mais lá fora. O sol brilha, o calor chega a 45° C. Uma mudança radical.

Com a paisagem e o café de companhia e com Deus sempre comigo, volto a escrever.

Você já sentiu um desconforto muito grande que aparece de repente?

Começa com uma pressão no peito que fica tão apertado que você não consegue respirar.

A voz não sai, existe um nó na garganta.

A sensação é de que injetaram ácido em suas veias e que elas começaram a dilatar e depois a derreter. Você sente doer em cada pedacinho do seu corpo, cada veia, cada vaso. Um peso do tamanho do mundo é colocado em suas costas e agora você já não consegue mais se levantar.

Sem perceber, você se encontra em posição fetal.

A sua alma está sendo arrancada de você, só que ela está enraizada. É como se rompesse um velcro.

Você não grita, não fala. Às vezes consegue expelir um gemido, mas são poucos sons e eles são pavorosos.

Seu corpo não funciona mais em harmonia: uma lágrima escorre, às vezes de um olho só, e então ela seca.

Não consegue nem chorar direito.

Os músculos da sua face desistem de você, seu semblante cai, seu sorriso some. O estresse é tão grande que, quando esse momento passa, você se vê parado, olhando para o nada, em estado catatônico.

Oscila entre pensar em tudo e ficar sem pensar em nada ao mesmo tempo.

Estado de choque.

Quando parece que a vida se esvai.

Isso é agonia. (do grego: ausência de vida).

ATROFIA

O nosso corpo realmente é uma caixa de surpresas. Como nossas emoções podem nos afetar de forma tão forte a ponto de se tornarem visíveis fisicamente?

Como disse para vocês, eu perdi 25Kg durante esse período e sofri atrofia muscular. Parece simples dizer isso, mas se você vir as fotos vai ver o estado em que fiquei. Não havia mais carne no meu corpo, estava apenas pele e ossos.



A tristeza foi tão profunda que os músculos da minha face caíram e congelaram a ponto de o meu rosto ficar torto. A pele envelheceu e não havia mais expressões.

Depois de três anos de dor e angústia, eu mal conseguia ficar em pé mais do que alguns segundos. Já andava com dificuldades e, mesmo assim, encurvado como um velhinho. Aliás, essa seria uma boa descrição. A impressão que tenho é a de que envelheci trinta anos em três, e meu corpo deixava isso claro para todos.

Lembro-me da primeira vez que precisei ficar em pé mais de dois minutos e não consegui, foi aí que a “ficha caiu” e eu percebi o quão debilitado estava.

Decidi começar a me alongar e caminhar.

Eu não podia sair de casa sem sofrer algum tipo de ameaça ou correr algum risco grave. Então decidi me disfarçar para começar a caminhar. Óculos, boné, barba por fazer e, claro, 25k a menos ajudaram.

No primeiro dia eu andei 150 metros. Voltei tão exausto que parecia que tinha sido atropelado por um caminhão. Mas continuei, dia após dia.

Os 150 viraram 200, 400, 500 até que em alguns meses eu já andava 1km inteirinho sem quase morrer no final.

Hoje caminho 7,5 km. Para mim é uma grande vitória. Faço fisioterapia e alongamento que, aliás, dói muito. Mas ainda tenho um longo caminho a percorrer.

Alguns médicos têm ajudado na atrofia do meu rosto, mas tive perda muscular por causa do espancamento na prisão, então não é

fácil, e o abdômen ainda não se recuperou. Segundo a fisioterapeuta, é como se os músculos retraíssem e ficasse um buraco no meio, mas nada visível, apenas quando se coloca a mão dá para sentir.

Meu cabelo também mudou de cor.

Quando sai da prisão com o cabelo raspado, logo ele cresceu. Mas poucos meses depois caiu e começou a crescer com várias falhas. Antes o meu cabelo, que às vezes variava de um louro acinzentado ou avermelhado, hoje é castanho-escuro.

A maldade humana pode deixar sequelas que a gente nunca imaginou existir, mas não desistir também pode te ajudar a encontrar uma força que você nunca imaginou ter.

ONDE VOU MORAR?

Como comecei a falar, o apartamento que haviam me emprestado precisou ser vendido. Ele foi nosso refúgio durante meses e, se não fosse por esse casal, Felipe e Claudia, não sei se teríamos um teto ou onde nos proteger nos primeiros momentos.

Mas agora o desafio era assustador.

Minha mãe é de Minas Gerais, não tem nada no nome dela no Rio. Todos os meus bens estavam com minha esposa, até meus documentos. Não tínhamos crédito, fiador e o pior, eu não podia ficar na rua procurando imóveis. Meu nome ainda estampava jornais: quem alugaria para um “*monstro*” como eu?

Graças a Deus, conseguimos.

Depois de muito procurar e com muito medo, um apartamento simples, num local bem precário, virou nosso novo lar – e assim o foi durante os três anos de reclusão.

Levamos os poucos moveis e objetos que eu tinha conseguido resgatar do meu escritório, já que nunca mais recuperei nada da minha casa, e com algumas coisas que tínhamos ganhado de alguns irmãos da igreja que eu pastoreava antes disso tudo acontecer; pudemos entrar em casa com cama, fogão, mesa e cadeira. As outras coisas Deus providenciaria com o tempo.

Não posso negar que houve momento de muita escassez. Não chegamos a passar fome, mas houve momentos de muitas provações.

Lembro de um amigo que foi falar com um dos pastores mais conhecidos e ricos do Rio de Janeiro, pastor esse que era muito próximo a mim, pedindo que ele ajudasse pelo menos com uma cesta básica, mas a resposta dele foi apenas mais uma flecha num corpo já perfurado: “Não se envolva nisso, deixa ele para lá, apenas oremos”.

Essa foi a sábia, madura, humana e cristã resposta que meu amigo recebeu. Não preciso nem dizer que esse amigo nunca mais pisou naquela igreja.

SOU MESMO INOCENTE?

Eu gostaria, nesta altura da história, de começar a contar momentos felizes. Foi tudo tão cruel que até a escrita fica “pesada”. Não quero que você, que está lendo neste momento, sinta os horrores da maldade humana. Lembre-se, se eu estou escrevendo, é porque eu sobrevivi. A maior vitória daqueles que tentam nos destruir é ver quando desistimos.

Já se passaram alguns meses desde que o processo de sequestro e cárcere privado que eu havia sofrido tinha sido aberto. Lembra que eu não tive nem a chance de ter um inquérito para me investigar antes de mandarem me prender?

Neste caso agora, tudo parece o inverso.

O local em que fui mantido como refém faz parte de uma das clínicas mais poderosas e influentes do país. Cinco meses se passaram e o processo sequer saiu da mesa do delegado.

Hoje, enquanto escrevo este livro, quatro anos depois, a luta ainda é a mesma. O processo continua na delegacia. Entra e sai delegado, mas uma força maior – seja dinheiro, influência, medo ou qualquer outra – não permite que nada aconteça. Esperam enrolar até prescrever e nada mais se puder fazer.

Minha esposa começou a entrar em contato com alguns familiares meus. Primos, tios, alguns próximos e outros que nunca tive contato, visto minha família ser muito grande. Ela os coagia a gravarem depoimentos contra mim, na esperança de que sua

história, à medida que os meses fossem passando, não fosse levada em descrédito, como já começava a acontecer. Ela precisava que minha família depusesse contra mim.

As conversas e áudios que recebi de familiares eram assustadoras. Primeiro ela tentava pela emoção em “se fazer a coisa certa”, depois propunha pagar certa quantia a quem jogasse seu jogo sujo, e, quando não conseguia, as ameaças começavam. Muitas pessoas da minha família foram ameaçadas por não se envolver nesta trama cruel.

Existe um momento na vida em que você está tão massacrado, tão quebrado, onde as pessoas que você ama te traem e os seus se voltam contra você, que fica inevitável se perguntar se quem está certo não é o mundo e o errado é você.

Afinal, sempre dizem: “A voz do povo é a voz de Deus” ou “Onde há fumaça há fogo”. Tudo apontava para que eu fosse o culpado, estava tudo perfeito, havia fumaça e o clamor do povo. Como continuar crendo que você é inocente? Como lutar contra a “voz de Deus”?

Mas lembre-se: foi a voz do povo que lançou Jesus na cruz. A voz do povo guiou Hitler e elegeu tiranos.

Nem sempre a voz do povo é a voz de Deus, muitas vezes Deus fala no silêncio.

Quando se é tão massacrado a ponto de se esquecer que é inocente, você se apega a qualquer fio de esperança como se fosse misericórdia, e não simplesmente a verdade.

DEUS PODE, MAS SERÁ QUE ELE QUER?

A dificuldade, eu creio, não é acreditar que Deus pode, que Deus tem poder ou talvez acreditar que Ele pode fazer as coisas no nosso pequeno mundo. Não é acreditar que Deus é o criador de tudo, somos programados para isso. Dizemos que Ele fez todas as constelações, todo o universo. criou os planetas, mas temos dificuldade de acreditar que Ele se importa com a nossa dor, com o nosso hoje. Que Ele, além de ser um Deus que sabe de tudo e determina tudo, é um Deus que intervém no meu agora.

Talvez seja porque não aprendemos sobre o verdadeiro Deus exatamente. Ouvimos tantas coisas conflitantes e maquiavélicas de pessoas que se dizem estar em nome de Deus, que esquecemos nós mesmos de buscar a Suprema Divindade, que muitas vezes se revela da forma mais simples. Não reparamos na delicadeza do hoje, do agora ou daquilo que nos toca.

Pensamos num Deus que, por vezes, não pode suprir as nossas necessidades e nos apequenamos em não entender um Deus que não precisa de dinheiro.

Sempre dizemos: “Deus não precisa de dinheiro, nós precisamos!”, mas temos dificuldade de colocar as nossas finanças nEle e esquecemos, ou não sabemos, por exemplo, que este mesmo Deus faz chover diamantes em Netuno e em Urano. Diamantes são as pedras mais resistente e mais valiosas do nosso planeta, e despenca como chuva, como gotas de orvalho, nestes planetas.

É Ele quem colore com inúmeros tons de verde uma simples planta. Quem decide fazer com que algumas árvores tenham raiz que cresce para baixo, outras para os lados. Foi Ele quem decidiu colocar em algumas frutas a polpa, em outras gomos, em outras fibras; em algumas os caroços não são comíveis, em outras a comida é justamente a semente. É Aquele que decidiu que algumas flores produzam espinhos e outras néctar.

Temos muito a aprender sobre quem verdadeiramente é Deus.

Questionamos sobre o Deus que cuida do Tempo, do universo e dos universos paralelos ou múltiplos. Sobre física quântica, lua e a gravidade dos planetas, e não nos encantamos com o Deus que nos toca, que nos dá a brisa, que faz com que o dia dê lugar à noite, e a cada noite o Sol se despede para no dia seguinte voltar para mais um ciclo, e dele não se cansa.

Não nos lembramos de agradecer o milagre da vida, ou de respirar; como os nossos pulmões se enchem de ar se esvaziam num movimento que sequer nos preocupamos ou pensamos. Talvez, para que possamos entender o Deus que intervém na nossa vida, seja necessário olhar para o que Ele tem feito agora.

UM HACKER EM MINHA VIDA

Hoje poderia ser mais um dia comum de notícias ruins ou, quem sabe, o milagre de ser só mais um dia, sem nada bom ou ruim – pelo menos haveria descanso por algumas horas.

Mas logo cedo sou acordado por uma profusão de mensagens. Nestas mensagens havia *prints* com meus e-mails pessoais, contas bancárias, número de cartão, senha de todas as redes sociais e também de todos os e-mails, meu endereço atual e cópia de e-mails.

A pessoa do outro lado se identificou apenas como um programador de tecnologia da informação (TI), para se salvar, mas na verdade era o que conhecemos comumente como HACKER.

Ele fora contratado para invadir minhas redes, e-mails, telefone e o possível; já que a polícia tinha vasculhado tudo e não achara nada, seus serviços foram solicitados.

Ele começou a conversa me mandando todos meus dados privados, incluindo senhas que tinha mudado há poucos dias. Mandou uma foto do escritório da minha esposa com ela ao fundo e disse que fora contratado para expor qualquer detalhe que tivesse passado despercebido ou que se pudesse usar contra mim.

Mas por que ele entraria em contato com a pessoa que fora contratado para investigar?

Simples.

Durante dias ele vasculhou minha vida na *web* e na *darkweb*. Tentou achar qualquer coisa que pudesse usar contra mim. Mas, como um bom profissional, ele também, sem declarar para a pessoa que o contratou, vasculhou suas coisas.

Resultado: não sei o que ele achou quando invadiu os dados da pessoa que o contratou, mas sei que, depois disso, ele entrou em contato comigo, passando todas as provas que tinha conseguido

“contra mim”, para dar credibilidade, e dizer que acreditava em mim, para eu ficar tranquilo. Pois ele havia feito tudo, e tudo que ele leu e descobriu o fez ver que eu era inocente.

Um dos pedidos que fora feito a ele era que se não achasse nada, “plantasse” alguma coisa que me incriminasse. Ele se recusou a fazer, mas algum serviço ele tinha que mostrar.

Claro, todos esses prints e conversas, mesmo feitos de um chip descartável, foram incluídas no processo, corroborando mais um capítulo dessa trama de horrores que estava sendo desmascarado.

"DOXING"

Essa é a prática virtual de pesquisar e transmitir dados pessoais, e até confidenciais, de uma pessoa para outra ou torná-los públicos.

Doxing pode ser realizada por várias razões, incluindo ajudar a exercer a lei, análise de negócios, extorsão, coerção, assédio e humilhação online. Sendo assim, pode ser tanto um cibercrime quanto uma investigação legítima por motivos jurídicos ou comerciais.

Foi uma tática de vingança que emergiu da cultura hacker da década de 1990. Hackers que operavam fora da lei naquela época usavam a violação do anonimato de um adversário como meio de assédio ou de repercussões legais.

É possível conseguir o nome de uma pessoa e o endereço de casa a partir de um número de celular, através de serviços de pesquisa reversa de telefonia.

Além desses, um hacker pode usar outros métodos para colher informações. Estas incluem busca de informações por nome de domínio e identificação de localização com base no endereço IP de um indivíduo e dados que pessoas normais, como eu e você, não fazem a ideia de que existem.

Como disse, algum resultado ele precisava mostrar. Então, como pagamento, ele forneceu a sua cliente meu novo número de celular e o local onde eu estava morando, e me avisou sobre isso.

Já sabe o que foi feito com essas informações, não é? Isso mesmo, foram divulgadas e cedidas a todos os *blogs* e *fakes* criados e pagos para fazer montagens e maldades comigo e minha família.

O pequeno lampejo de paz que havia brilhado, foi retirado. Pessoas passaram a vigiar a minha casa, ameaçar, fora as inúmeras mensagens e ligações intermináveis no celular.

Enfim consegui comprar outro chip para ligar o telefone e falar com amigos e familiares.

“Mas por que você não foi à delegacia e expôs tudo isso? Você precisaria de proteção policial, estava correndo risco de vida”. Pois é, todas essas perguntas fazem sentido, mas lembre-se: eu fui preso sem ser investigado, fui massacrado nacionalmente. Um Senador usou a tribuna para pedir meu linchamento público, eu havia sido sequestrado e mantido em cárcere e o processo sequer saía da mesa do delegado. Já tinha pedido socorro ao Ministério

dos Direitos Humanos e Família e a Anistia Internacional e não houvera resposta.

Diante disso tudo, acha mesmo que alguma atitude naquele momento faria diferença? Talvez se eu aparecesse morto houvesse alguma investigação.

Talvez.

Restava-me uma saída: a mais absoluta reclusão no apartamento que foi, durante muito tempo, a minha nova cela.

E durante muito tempo eu olhei para aquele lugar com essa sensação. De prisão, de cela, de cativeiro. E como isso me fez mal.

Foi somente muito tempo depois que resolvi não ser mais refém de mim mesmo. Aquele local não seria mais a minha prisão, seria a minha fortaleza, a minha proteção.

365 DIAS

Um ano se passa.

A maioria das pessoas já se esqueceu de mim. O assunto não está mais na mídia.

Enquanto a vida continuava para o resto do mundo e a fama aumentava para a minha, então, esposa, eu seguia juntando os cacos da vida para não desistir.

Dos amigos antigos, nenhum permaneceu. Alguns conhecidos se tornaram amigos neste período e outros, de onde eu não

esperava, se tornaram mais chegados que irmãos.

Dizem que um ano passa rápido. Passa quando você está ocupado ou feliz. Quando cada um dos seus dias é movido por uma trágica notícia ou a dor e o desespero se tornam seus irmãos, 365 dias não parecem apenas um ano. Chegam a durar uma eternidade.

Quando você precisa muito ir ao banheiro, cada segundo até chegar ao local parecem horas. Quando você está gemendo de dor, os minutos até o remédio fazer efeito demoram mais do que dias. Quando a tristeza consome sua alma, um ano é uma vida. E o pior, você não pode fugir, não dá para esquecer, dormir não adianta, ficar acordado faz mal.

Quantas vezes eu disse a Deus quão feliz ou mais fácil seria se eu estivesse passando por tudo isso desacordado?

A VANTAGEM DO COMA

“Se tão somente me escondesses na sepultura e me ocultasses até passar a tua ira! Se tão somente me impusesses um prazo e depois te lembrasses de mim!” Jó 14:13

Eu nunca atentei contra minha vida. Mesmo com o quadro de Depressão Profunda, Síndrome do Pânico, Ansiedade Generalizada e Transtorno de Estresse Pós-traumático, devido às torturas físicas e emocionais pelas quais passei, várias vezes eu quis morrer, mas nunca tirar minha vida.

Esse versículo descreve, nas palavras de Jó, o sentimento que me acompanhou muitas vezes. A morte seria um descanso, ou até mesmo a definição de quando o tormento, mesmo que longínquo, tivesse data, seria um alento. Mas nada disso era real.

Invejei, confesso, pessoas em coma, pois enquanto o caos reina ao seu redor e seu corpo reage, elas “apenas dormem”.

Eu sei, esse sentimento é mesquinho e egoísta. Tanto para pessoas que sofreram com o coma, quanto para seus familiares que tiveram que suportar tudo sozinhos.

Mas eu só queria descansar.

Várias vezes pedi a Deus para me levar; cada dia era um fardo, e aqui rasgo meu coração para vocês.

Não era fraqueza, apenas já não aguentava mais. Poderia ter tirado minha vida de inúmeras formas, mas isso não passou pela minha cabeça, apenas pedia que Deus colhesse minha alma e enfim eu pudesse repousar.

Talvez por isso eu invejava quem passava pela dor desacordado.

Havia ainda o peso da obrigação de ser feliz. Por ser um líder religioso, não podia dizer que estava mal, afinal, “Onde está a sua fé?”.

Cada vez que eu dizia estar triste ou cansado de lutar, logo ouvia um: “Repreende isso, em nome de Jesus”. Isso arrancava cada vez mais um pedacinho de mim.

Minha fé não estava abalada. Aliás, sempre tive uma relação com Deus de muita transparência. Mas Deus também é manifesto

no cuidado das pessoas. Deus também é Deus revelado no próximo. Não somos ilhas para vivermos isolados, somos corpo. Muitas vezes só precisava de um ombro, ou de alguém que pudesse me ver reclamar por horas, até colocar tudo para fora, e me livrar da dor presa na garganta, sem me criticar.

É difícil e desgastante também não se acostumar com a situação. Não desistir e se render exige um esforço gigantesco.

Aprendi, muito tempo depois, com minha terapeuta: “Vamos nos concentrar em te manter vivo e são, o resto a gente cuida depois.”.

Ouvi isso depois de ser avisado por um conselho de psiquiatria que estudava meu caso com curiosidade – visto estarem perplexos diante de alguém que tivesse passado por situações tão cruéis e não ter tirado a própria vida. Para eles, assim como ouvi de várias psiquiatras e psicólogos durante o tempo, eu era um mistério. Ou, talvez, se você tiver fé, a palavra mistério poderia ser trocada por milagre.

ESTOU DIVORCIADO

Meu divorcio saiu no dia 29 de janeiro de 2018. Mesmo apelando para o juiz que não desse o divórcio sem a partilha de bens, de nada adiantou. A essa altura, pouca coisa do patrimônio ainda restava. Ela já estava noiva de outro homem – era seu

terceiro namorado em menos de um ano, e cerca de dois meses após o divórcio ela já estava casada novamente.

Agora, para alívio meu e de muitos que leem essa história, não vou me referir a ela como minha esposa, mas sim como ex-esposa, seu devido lugar.

É importante relembrar uma afirmação que ouvi não centenas, mas milhares de vezes: “Uma mãe jamais inventaria uma história assim sobre seu filho se não fosse verdade.” Ouvi isso de milhares de mães e de pessoas que foram realmente abusadas.

A sua mãe pode não fazer, a minha mãe não faria jamais, mas a contra pergunta que sempre fiz foi: “Se seu filho fosse realmente abusado por seu marido, quanto tempo depois você colocaria outro homem dentro de casa?”.

Algumas mães levaram anos, décadas; outras nunca mais colocaram.

Essa levou cerca de três meses.

Faz sentido para você?

Você não foi feito para experimentar a morte. Fomos criados para sermos imortais e por isso a morte nos choca tanto.

Nos relacionamentos, também não fomos gerados para o divórcio. No plano ideal, seria um casamento até que a morte os separasse, ou unisse de vez na eternidade. Por isso, o divórcio é tão complicado para quem ama.

Uma parte dentro de você se rasga, e, se você tem filhos, é pior ainda.

Neste momento da vida eu me considerava um perdedor.

Não importava se eu ganharia todos os processos ou recuperasse todos os bens. O meu maior tesouro, que era a família que eu tinha construído, esse tinha se acabado. A vitória, por mais gloriosa que fosse, naquele momento, para mim, era só a vida seguindo adiante, sem saber se eu seria capaz de confiar em alguém novamente.

COMO DEMOSTRAR AMOR, SE SÓ RECEBO ÓDIO?

Eu sempre me cobreí muito. Desejava fazer tudo com excelência. Metódico, perfeccionista e *workaholic*.

Sempre tive uma voz mais calma para falar, com poucas elevações, mas por dentro eu estava ligado no 220v. Minha mente não parava.

Cheguei ao ponto de, muitas vezes, não conseguir sequer tirar um dia de folga ou descanso que já me imaginava sendo um vagabundo ou acomodado, tamanha era a cobrança que eu tinha comigo mesmo.

Engraçado que eu nunca fui assim com os outros. Qualquer pessoa que já trabalhou comigo vai afirmar que sempre fui incentivador, que via erros como oportunidades de aprendizado e que sempre estava disposto a treinar alguém novamente, caso a pessoa se mostrasse comprometida.

Mas comigo não era assim: eu exigia perfeição de mim mesmo.

Talvez porque cresci com meus avós, que aprenderam a ler lendo a bíblia, o que fazia com que toda a responsabilidade sobre estudos e deveres escolares tivessem que ser entendidas por mim, pois não tinha quem verificasse, ou talvez por perder meu avô muito cedo e já sair para trabalhar ainda criança, achando que a responsabilidade do mundo estava sobre meus ombros.

Eu recebi muito amor dos meus avós. Se tem uma coisa que não posso jamais abrir a boca para dizer é que eles não me amaram. Amaram muito e me criaram com valores e moral que não se aprende em escola nenhuma na vida, e isso para mim foi o suficiente.

Dentro de mim habita um Felipe que chora assistindo um filme ou um vídeo de cachorrinho, e também um Felipe pratico, pé no chão, que projeta a vida e traça metas a pequeno, médio e longo prazo.

Esse sou eu. Não me preocupo em ser um ou outro, não somos lineares.

Ninguém normal é linear. Só feliz, só triste, só enraivecido ou só passional. Somos um conjunto de fatores que se unem de forma única, pessoal e perfeita para revelar cada um de nós.

Algum tempo atrás eu escrevi essa poesia:

Uma sinfonia chamada você

Há muito tempo Deus compôs uma bela sinfonia.

Uma harmonia mais bela que os montes da terra,

canto dos pássaros ou o som da chuva que ecoam pelas nuvens do céu.

*Como toda sinfonia ela tem em si os "sustenidos e bemóis"
os chamados acidentes musicais que "alteram" o som da nota original.*

*A muito tempo Deus compôs VOCÊ!
E enquanto toca os acordes da sua vida, muitos "acidentes" aparecem.
Alguns sustenidos para te levantar e outras vezes bemóis que te fazem cair.
Contudo uma música sem essas alterações não é uma melodia completa.*

*Hoje o Senhor quer tocar você.
Em meio aos acidentes da vida Ele está formando a melodia que leva o
nome de sua vida.*

*Você é quem é, justamente pela história que carrega!
Encare os dias maus, celebre os dias bons e sempre saiba:
Você é a melodia mais linda composta pelo Criador*

Mas quando, para todos os lados que olha, você só encontra desprezo e ódio, por vezes esquece como é ser amado, como é ser querido.

Quando se torna um pária para a sociedade, quando os chamados “cancelamentos” que hoje em dia são tão comuns nas redes sociais, ainda nem eram falados, você se sente como um cão abandonado que, por muito tempo, foi espancado e não recebeu comida. A imagem de um cachorrinho num canto escuro rosnando até para alguém que tenta, depois de tantas maldades recebidas, lhe ofertar amor, talvez seja a melhor descrição que eu possa dar.

Como continuar com o coração puro quando só se recebe pauladas? Como aprender a amar, ou separar, que nem todas as

peessoas do mundo são cruéis, quando tudo o que você consegue enxergar é o ódio em sua face mais cruel, como se revelasse os lugares mais sombrios da alma humana?

Eu perdi a conta de quantos sites, blogs, jornais, redes sociais eu estampeei como o novo monstro do mundo a ser extirpado da sociedade. Veículos internacionais falavam sobre o quão cruel eu era.

Enquanto isso eu penava dentro de uma cela de prisão, sem poder me defender, preso sem direito a defesa, isso logo após ter sido resgatado de um manicômio, sendo atacado por todos os lados.

Como voltar a demonstrar amor quando só se recebe o ódio?

Lembra que eu falei que sempre fui uma pessoa que se cobrou muito? Pois é, agora eu estava me cobrando em perdoar, amar, relevar de qualquer forma, enquanto eu adoecia por dentro.

Neste momento, creio eu, descobri a importância do tempo.

Aquele Felipe que sempre gostou de planejar o futuro não tinha nada mais em suas mãos. Refém de tudo, inclusive do tempo, meu coração começou a se aquietar e a considerar que existe um tempo para tudo debaixo do sol.

Lembrei-me de um trecho do livro que escrevi, chamado ENCONTRO MARCADO, onde parece que eu já estava prevendo o momento trágico que viria:

“No meio do mar, sem bússola, sem vento, sem velas. Perdido, esquecido e sem alguém pra conversar.

Muitas vezes na nossa vida passamos por momentos difíceis. Momentos tão difíceis que mal conseguimos falar sobre eles. Sonhos se vão, a esperança nos

escapa e completamente sem rumo e sem direção, sentamos na beira da calçada da vida com o rosto sem qualquer expressão pensamos no ontem, sofremos o hoje e achamos que não haverá amanhã.

No meio do mar, sem bússola, sem vento, sem saída, eu estou à deriva.

Durante o período de tempestade você lutou bravamente. Içou as velas, manteve o leme do navio estável e por mais que a chuva caísse e o vento provocasse devastadoras ondas, apesar das feridas no casco do navio, você conseguiu permanecer sem afogar; porém a tempestade foi forte demais, ela apesar de dar trégua, te deixou exausto, sem forças e sem ânimo para continuar.

Existem dias, depois da tormenta que é de cortar a alma e mesmo depois da luta, você se vê pensando se vale a pena continuar, se vale a pena persistir ou se o melhor a fazer é desistir.”

Nunca tive a pretensão de passar a ideia de um super-homem. Neste livro eu faço questão de narrar todas as fragilidades pelas quais passei e todas as dores que sofri. Muitas já sararam, outras estão em processo. Enquanto estiver vivo, estarei em construção e desconstrução.

A cada dia um novo eu ressurge, ele não quer ser melhor do que ninguém, apenas melhor do que foi ontem.

Contudo, preciso confessar que, mesmo depois de ter passado por tudo isso, ver minha ex-esposa desfilando com outros homens semanas após a tragédia, vê-la se casando meses após o divórcio e ainda fazendo tudo isso em nome de Deus, eu sofria. Sofria porque não sabia o que sentir. Sofria porque a relação de amor e ódio muitas vezes se confunde, até entender duas coisas:

O ódio não é o oposto do amor. O ódio também é parte do amor, mas do amor corrompido.

O oposto do amor é a indiferença. Quando a outra pessoa não importa mais para você, quando simplesmente se esquece dela, então você deixou de amar.

Enquanto se pensa no outro, mesmo que de forma vingativa, enquanto a outra pessoa ainda ocupa seus pensamentos e move suas ações, você ainda ama através do ódio. Um amor corrompido.

A segunda coisa que gostaria de dizer, eu levei quase três anos para conseguir falar sobre isso comigo mesmo em voz alta.

Assumir isso causa muita vergonha.

Eu vivi um relacionamento abusivo.

Alguém que se considera tão inteligente, bem-sucedido, estudado, escritor, empresário, conselheiro, assumir que viveu um relacionamento abusivo é como tatuar uma mensagem na testa dizendo: sou burro.

O sentimento de incapacidade e vergonha é tão grande que assumir isso para você mesmo e até para os outros, como faço agora, mostra seu lado mais vulnerável, mas também revela que qualquer um está sujeito a isso, e por isso gostaria de compartilhar algumas coisas que aprendi, para evitar cair nesta cilada novamente e talvez te ajudar a identificar se você também está precisando de ajuda.

SERÁ QUE ESTOU NUM RELACIONAMENTO ABUSIVO?

Alguma vez você esteve em um relacionamento em que se sentia o tempo inteiro “pisando em ovos”? Que tinha que tomar cuidado com o que falava, a forma como se comportava ou se vestia com medo de receber reprimendas da outra pessoa?

Pode não haver violência física, mas isso também é um relacionamento abusivo.

Inclusive, este é o tipo de abuso que mais se infiltra em você, tornando-o ainda mais enraizado e difícil de identificar. E, por consequência, mais difícil ainda de sair.

O nome disso é abuso psicológico. E ele tem consequências tão graves ou ainda piores que a violência física.

Quando há agressão física, amigos e familiares conseguem identificar. Já o abuso psicológico é mais difícil de perceber, é sutil, tanto pelos entes queridos quanto pela vítima.

O abuso psicológico ocorre quando uma pessoa no relacionamento tenta controlar a outra, manipulando a percepção que ela tem sobre si mesma, distorcendo seu senso de realidade.

O abuso psicológico contém forte conteúdo emocionalmente manipulador e ameaças criadas para forçar a vítima a cumprir os desejos do agressor.

Todo relacionamento abusivo tem um forte impacto na autoestima. A pessoa abusada começa a se sentir impotente e possivelmente até sem esperança.

Além disso, a maioria dos abusadores psicológicos são capazes de convencer a vítima de que ela é culpada pela agressão que sofre, ela é a responsável pelo que acontece.

E é por isso que é tão difícil uma pessoa sair de um relacionamento abusivo. Quando se sente culpado, você faz de tudo para “consertar” o relacionamento.

Dizer para alguém que “ela pode sair, se quiser” ou ainda “está nessa porque quer” apenas reforça a culpa, prendendo-a ainda mais no jogo doentio do manipulador.

SINAIS DE ALERTA

Abusadores são muito bons no que fazem e encontram até mesmo formas requintadas de causar sofrimento e manter o controle sobre suas vítimas sem serem percebidos. Uma forma sofisticada de abuso psicológico é muitas vezes referida como “gaslighting”.

O “gaslighting”, como já escrevi no início do livro, onde falo das torturas do hospício, acontece quando informações falsas são apresentadas com a intenção de fazer as vítimas duvidarem de sua própria memória, percepção e sanidade.

Os exemplos podem variar simplesmente do agressor negar que ocorreram incidentes abusivos anteriores até encenar eventos bizarros com a intenção de confundir a vítima.

Até mesmo um inocente “Eu te amo, mas...” pode ser um gatilho e uma forma sofisticada de abuso. Na grande maioria das vezes é uma crítica/agressão disfarçada de elogio.

Assim a vítima vai baixando a guarda, pois não enxerga a má-intenção por trás dessas palavras. Essa afirmação constante lentamente tira sua autoestima, o que é fundamental para manterem o controle e perpetuarem o abuso.

Outra forma sofisticada de controle que os abusadores fazem é algo como “dar migalhas” às vítimas.

De repente eles dão presentes, propiciam bons momentos, como se isso apagasse todos os maus tratos que a pessoa sofreu.

É preciso entender que isso faz parte da dinâmica e do ciclo de abuso. É uma das formas efetivas que eles encontram para prender ainda mais a vítima.

Há muitos sinais, porque o abuso não significa uma agressão “do nada”. Ninguém chega dando tapa na cara da pessoa. Até porque, se fizer isso, ela vai cair fora. Então o abuso pode culminar na violência física, mas ele começa com as formas verbal e psicológica.

Dito isso, é muito importante notar que existe um mito de que ciúme é um sinal de amor. Isso não é verdade. Muito ciúme não quer dizer mais amor, e sim que a pessoa está te manipulando. Esse abuso acontece pelo controle, e é representado por falas como “Eu te amo tanto que te quero só para mim” ou “Eu te amo tanto que vou te dar tudo”, ou, como eu ouvi várias vezes: “Não vá ao cinema com amigos, você está abandonando sua família”, ou então: “Pra

que fazer trilha? Quer natureza? Olhe pela janela”, isso porque eu sempre a convidava para ir junto, mas ela não queria ir e não queria que eu fosse.

Lembrar algumas das coisas pelas quais passei me causa vergonha; parece que eu estava cego. Aceitar certas coisas é humilhante. Mas não quero passar por essa sozinho, então mesmo sendo um assunto muito difícil, quero listar aqui algumas coisas pelas quais passei, e se você se encontra em uma delas ou já vivenciou alguma, marque com um “xis” – eu espero você pegar um lápis ou caneta, vai lá. Essa humilhação não vou passar sozinho.

Bem, vamos lá:

- 1 - Você é constantemente humilhado(a)?
- 2 - Você é constantemente colocado para baixo?
- 3 - Você vive sendo criticado(a)
- 4 - A pessoa costuma flertar /dar em cima de outras pessoas na sua frente?
- 5 - Abusa do sarcasmo e de um tom de voz desagradável?
- 6 - Parece que tem inveja irracional de você? Diminui suas conquistas?
- 7 - Apresenta mau-humor extremo, principalmente quando estão em casa e sozinhos?
- 8 - O afeto inicial do relacionamento diminuiu, ao ponto de quase não existir mais?
- 9 - Culpa você por tudo? Atenção, isso vale tanto para as pequenas quanto as grandes coisas. Por exemplo: “Eu deixei aquele

copo sujo na pia?”, “Por que você sempre me distrai do que é importante?”.

10 - Isola você de amigos e familiares? Atenção, isso nem sempre é facilmente perceptível. A pessoa começa criticando seus amigos e familiares, finge que gosta que saia com seus amigos, mas quando chega em casa, ele(a) está de mau-humor ou te critica em demasia.

Ufa, confessa: você também já passou por algo assim.

Nunca se esqueça: não é sua culpa.

Abusadores são especialistas em manipulação com um talento especial para fazer você acreditar que a violência que sofre e os maus-tratos são sua culpa.

Essas pessoas sabem que todo mundo tem inseguranças e usam essas inseguranças contra você. Isso é parte do jogo. Assim como a mosca não é culpada pela teia em que está presa, você não é culpado pelos maus-tratos que sofreu.

E a chantagem emocional? Essa é mestre em nos enlaçar.

Um chantagista emocional geralmente é uma pessoa bastante inteligente. Ele consegue perceber os pontos fracos das pessoas com quem se relaciona e utilizar estas fraquezas para conseguir o que quer. Usa sentimentos como o medo, a pena e a baixa autoestima para manipular amigos, companheiros e familiares.

Aprenda a dizer não.

As pessoas que lutam para dizer “não” são geralmente aquelas que se encontram presas em situações indesejáveis.

Se você quer pôr um fim à chantagem emocional, então você tem que aprender a dizer “não”.

Aprenda a se sentir confortável com a palavra “não”. Se precisar, ensaie sozinho. Diga simplesmente “não” ao invés de “eu não posso”. Isso é mais eficaz e ajuda mais a resistir à chantagem emocional.

Particularmente, eu acho a palavra NÃO uma das mais poderosas para se identificar um chantagista ou abusador. Ouse dizer “Não” para as pessoas próximas a você e veja a reação delas. O “Não” revela o interior da pessoa.

Eu ousei dizer não.

Três meses antes de tudo isso acontecer, eu ousei dizer não.

Foi ali que tudo começou.

Ousei dizer que eu poderia, sim, assinar com uma editora que não tiraria as projeções dela, que não gostava de perder os holofotes. Ousei dizer não para todos os remédios que ela me obrigava a tomar, dizendo que eu vivia doente, e eu ficava cada vez mais inchado. Procurei um médico que não fosse amigo dela e contratei um *personal trainer* para voltar a treinar. Ousei dizer não para as recusas aos convites e voltei a viajar palestrando pelo Brasil e o mundo, e isso a enfureceu muito.

Ousei dizer não para muitas coisas que não convém mencionar, porque existe um limite da exposição, uma pequena

linha invisível que não devemos cruzar, caso contrário não seremos melhores em nada do que aqueles que vivem apenas para destruir.

Mas saiba: eu disse muitos outros não, até amanhecer no hospício.

Existem pessoas que parecem ser boas, mas são más.

“Como uma camada de esmalte sobre um vaso de barro, os lábios amistosos podem ocultar um coração mau. Quem odeia disfarça as suas intenções com os lábios, mas no coração abriga a falsidade. Embora a sua conversa seja mansa, não acredite, pois o seu coração está cheio de maldade. Ele pode fingir e esconder o seu ódio, mas a sua maldade será exposta em público. A língua mentirosa odeia aqueles a quem fere, e a boca lisonjeira provoca a ruína.” Provérbios 26:23-28

QUANDO A TRAIÇÃO VEM DE CASA

Durante esse período, muitas pessoas me questionaram, e eu também me questionei: “Mas você nunca imaginou? Nunca percebeu? Nunca se atentou para nada? Não houve indícios? Se não percebeu, então você era conivente com tudo isso, ou então você realmente não conseguiu prestar atenção em nada.”.

Na realidade, quando a traição vem de casa, é muito mais difícil. Imaginar que alguém que divide o teto com você, e muitas vezes a cama, está tramando algo... Olhar para trás e identificar os

sinais é bem mais fácil hoje, mas quando estamos dentro, envolvidos, e muitas vezes afastados dos amigos, tudo se complica.

Geralmente só esperamos dos outros aquilo que temos para oferecer.

A história é cheia de traições debaixo do mesmo teto, por familiares, onde as vítimas nunca desconfiaram de absolutamente nada.

A famosa frase: *“Et Tu, Brute?”* *“Até tu, Brutus?”*, que teria sido proferida pelo ditador romano Júlio César no momento de seu assassinato, ao seu filho adotivo Marco Bruto.

Conta a história que no dia 15 de março de 44 a.C. o Imperador César foi atacado por um grupo de senadores, incluindo Marcus Junius Brutus, o Jovem, seu amigo e protegido, filho adotivo, resultando em sua morte.

Ou quando eu me volto para uma das mais conhecidas histórias da Bíblia, vejo José (aquele que se tornaria governador do Egito) sendo traído pelos próprios irmãos.

Acredito que nem Brutus nem tampouco os irmãos de José acordaram numa bela manhã e decidiram matar alguém da família.

Houve um planejamento, talvez algo estudado por dias e meses, com ajuda de outros. É claro que todos eles deram indícios de que alguma coisa estava errada. Talvez conversas paralelas, reuniões escondidas, dias ausentes, é provável que algumas pessoas de fora tenham percebido que algo muito estranho estava acontecendo. Mas, se te contassem, você não acreditaria.

Quem ama não vê. Quando se ama alguém, a ponto de defender e dar a sua vida por essa pessoa, você não consegue

imaginar que ela faria algo contra você, até porque você não faria nada disso.

Sempre gosto de lembrar que aquele que sempre acha que o outro está traindo é porque ou teve muitas experiências de traição ou trai.

Quando a pessoa não consegue imaginar fazer o mal a alguém, é muito difícil conceber que quem a ama possa fazer qualquer coisa brutal a ela. Ao contrário de muitas outras decepções, nesse momento eu fico tentando pegar a decepção de José pelos próprios irmãos, pela sua casa, por aqueles com quem ele comia à mesa, aqueles que tinham o mesmo sangue, aqueles que eram sua família. Ou de César por aquele filho bem-criado, jovem, guerreiro. Quem não tem orgulho dos seus filhos? Quem não se alegra com a sua família?

Quando a traição vem de casa, ela pega de surpresa. Ela dói mais que a dor. Se perde o chão, se desestabiliza, se perde o norte, o rumo, não se sabe para onde ir. Quando a traição vem de casa, você não quer sequer se defender. A dor é tão grande que você se recusa a acreditar. Tenta inutilmente arrumar justificativas para ver onde você errou, ou o que você poderia ter feito diferente. Como pode ter acontecido daquele jeito? Você se recusa a acreditar que a pessoa que você amava simplesmente resolveu fazer o mal, independente do que você fez.

Fico imaginando quantos pais se questionam: “Eu sempre cuidei bem do meu filho, por que se transformou nisso?”. Claro que, muitas vezes, lares desajustados podem gerar filhos problemáticos,

mas algumas vezes não. Às vezes aquela pessoa simplesmente decidiu fazer o mal, mesmo só tendo recebido bem.

Infelizmente existem pessoas más, mesmo tendo recebido só a bondade. O caso mais notório é de Jesus, que foi traído e odiado mesmo oferecendo apenas amor.

Quando a traição vem de casa, ela dói demais. É uma dor que você não consegue pensar; uma dor que você não consegue chorar. O grito fica entalado na garganta, a lágrima calcifica nos olhos, o espanto, o medo, o terror e a dor são sentimentos que se misturam simplesmente porque você não consegue entender como alguém de casa pode trair.

PARA CADA DIA O SEU PRÓPRIO MAL

Eu vivia em pânico. Não havia um dia da semana que não me causasse estresse. Abrir a internet e acompanhar os processos era torturador.

De segunda à sexta eu acordava assustado, esperando que, a qualquer momento, a polícia invadissem minha casa e me levasse preso novamente. Sábados e domingos eu só conseguia chorar, pois havia mais de dez anos que eu viajava nos fins de semana dando palestras. E eu sentia falta, me sentia inútil.

Mas por que eu teria medo da polícia entrar no meu apartamento e me levar preso? Eu tinha cometido outro crime ou era culpado desse?

Nada disso. Mas minha experiência passada não me deixava descansar.

Cada vez que a campainha tocava, o telefone vibrava ou alguém batia à porta, era como se minha alma saísse do corpo, e demorava para voltar. Eu revivia os momentos de terror de cada uma das torturas com riquezas de detalhes.

Eu não me sentia protegido, não me sentia defendido. Estava só, à mercê da bondade humana, que constantemente me mostrava que, com relação a mim, ela não queria ser boa. E aos finais de semana, quando eu sabia que a polícia não fazia operações, eu apenas me emudecia lembrando das viagens e de como eu gostava de dar palestras e fazer seminários.

Todas as minhas mensagens, fotos e palestras foram apagadas do *Youtube*. Igrejas, pessoas, organizações, todos tiraram qualquer material relacionado a mim das redes sociais. Para algumas igrejas eu até pedi, muitas vezes, que ao menos me mandassem o link do vídeo, eu baixaria e eles poderiam excluir depois, apenas para eu ter de recordação. Mas nunca fui atendido.

Não os culpo. A acusação era grave. Ninguém sabia exatamente a verdade, então era mais fácil excluir e ignorar do que estender a mão.

Quando me perguntam se alguns dos líderes religiosos ou famosos que me acusaram veementemente nos tribunais dos púlpitos e redes sociais me pediu perdão pela injustiça, com dor no coração minha resposta é: Até este momento, enquanto eu escrevo estas linhas: Não.

Nenhum deles.

Para pedir perdão é necessário reconhecer que errou, que se precipitou. É necessário se arrepender, então, mesmo que tenham pedido perdão a Deus ou falado sobre suas incongruências junto aos seus amigos, seus pedidos nunca chegaram a mim, assim como suas acusações foram feitas. E a maioria tinha meu telefone ou frequentava minha casa.

Quando digo que falar disso me dá dor no coração, não é pelo fato de não os ter perdoado ou entendido suas ações e reações. Cada um sabe a cruz que carrega. Aprendi muito cedo que perdão não é sentimento, é atitude e já falei sobre isso aqui. A dor, que vem com um misto de tristeza, se dá pelos seus discursos vazios, que são tão bonitos, tão exemplares, tão incríveis, mas cujas ações não fazem jus a eles.

Suas reações falam muito mais sobre você do que suas ações. Muitas vezes sabemos como agir, mas não somos preparados para reagir. A forma como você reage diz quem você é.

DA JANELA DO QUARTO, MINHA MÃE.

Minha mãe foi parte fundamental para a minha sobrevivência, já comentei aqui tudo o que ela fez por mim, como se manteve forte, com fé, segura, e como abriu mão de tudo para estar ao meu lado até que tudo pudesse ser resolvido e minha segurança fosse reestabelecida.

Não à toa, este livro é dedicado a ela, a verdadeira heroína. Uma mãe de verdade.

Mas aqui e agora eu quero falar sobre algo que marcou muito a minha vida nestes dias tão caóticos.

Como disse, eu sofri atrofia muscular e tive dificuldades até para caminhar, mas também narrei meus primeiros trechos de percurso e a evolução e até os disfarces que tive que usar antes e depois que meu endereço fora exposto.

Todas as vezes que eu conseguia sair do apartamento, minha mãe acompanhava meus passos pela janela do quarto.

Quando tinha que ir ao fórum ou ao cartório para cumprir as medidas cautelares, lá estava ela na janela, me vendo sair, e ali ficava até eu voltar.

De longe via suas mãos estendidas por fora da grade da janela acenando, dando um tchau, como quem dissesse: “Estou aqui, não se preocupe, não vou te abandonar.”.

Eu tinha esquecido o que era ser amado.

Eu não me lembrava do que era ser esperado. Minha ex nunca me acompanhou sequer até a porta antes de uma viagem, ou mesmo deu um beijo de despedida antes de eu sair para a empresa. Nunca me ajudou a fazer as malas, fez um almoço ou mesmo passou uma roupa para mim.

Você pode, neste momento de igualdade sexual, falar que isso não é papel da mulher, só que eu fazia isso e não me sentia diminuído por isso. Eu amava acompanhá-la até a porta da casa, abrir a porta do carro ou preparar um lanche. Várias vezes passei a

roupa dela, para deixá-la à vontade quando ia fazer alguma palestra ou viajar.

Sei também que, em muitos lares, é extremamente comum a mulher cuidar das roupas do marido, afinal, a gente não tem muita noção de combinação e moda; desde que não seja um fardo e sim uma forma de amor.

Não era um fardo para mim.

Mas ver minha mãe continuamente, sempre pela janela, me assistir partindo e voltando, me fez perceber como fazia bem saber que alguém sentia a minha falta.

Eu me dei conta de quanto eu estava quebrado por dentro. De quanto eu fora privado de carinho e amor, não apenas no hospício, na prisão, e nos anos que se passaram. Eu percebi que no meu casamento a balança pendia apenas para um lado, pois só de um lado havia amor. E quando você descobre isso, quando o sentimento de que você fora apenas um objeto vai criando cada vez mais força e verdade, você se sente um nada. Há um vazio enorme.

Por isso, cada vez que eu saía ou voltava, eu ficava olhando minha mãe pela janela.

Essa cena me curava, me reconstruía, me energizava.

Muitas coisas podem ter quebrado você por dentro durante a vida. Não se permita permanecer quebrado. Se agarre em ações, mesmo que pequenas, mesmo que antes imperceptíveis, pois existem pessoas que amam você e querem o seu bem, e quem está falando isso é a pessoa que foi traída pela esposa, amigos, conhecidos e julgada por uma nação.

Acredite, tem muita gente boa por aí. O problema é que os maus fazem mais barulho, mas são minoria.

Por fazerem tanto barulho, muitas vezes achamos que só existe maldade no mundo, mas não. Mude o foco, olhe diferente. Tem gente boa por aí, apenas saiba que quem é bom não fica se promovendo e que a bondade não vende histórias, a maldade sim. Basta ligar a televisão ou ver os jornais. O foco serão sempre as tragédias, não as coisas boas da vida.

Antes de ir para a próxima parte, gostaria de pedir que você parasse um pouco e pensasse, mesmo que demore, mesmo que seja algo pequeno, despercebido, em alguma coisa que te dá esperança. Em alguém que acredita em você, mesmo que você não acredite mais. Em alguém que te ama, não pelo que você tem a oferecer, mas por quem você é, assim mesmo, cheio de defeitos, falhas, mazelas.

Apenas alguém como você.

PARABÉNS PARA MIM, DE NOVO!

Esse é o meu terceiro aniversário desde que tudo aconteceu. Como eu disse, no meu primeiro aniversário depois da tragédia uma surpresa de amigos bateu à porta; deste ninguém lembrou.

Eu estava ausente das redes sociais e também não comuniquei nada. Mas para alguém que ama celebrações, comemorações e faz festa com tudo, para quem qualquer data é

motivo para celebrar, passar meu aniversário sozinho, em silêncio, foi muito difícil.

Minha mãe, claro, estava ao meu lado. Como ela não é de muita festa, neste dia eu também fingi que estava tudo bem, que não fazia diferença; era apenas mais um dia no calendário. Mas por dentro eu estava como uma criança no Dia das Mães que não tem mãe, ou no Dia dos Pais que não tem pai.

Neste dia fiz uma promessa em silêncio, para mim mesmo: a partir daquele momento, se eu sobrevivesse, festejaria todas as datas comemorativas e celebraria cada uma delas. Ninguém nunca mais roubaria o júbilo do meu coração.

Aquele 11 de setembro passou despercebido. Como uma data qualquer, ele foi embora.

Mas seria a última vez que ele passaria em silêncio.

Alguns dias depois, Carla, uma amiga que mora em outra cidade, desembarcou da plataforma de petróleo onde trabalha, atravessou o Estado e bateu na minha porta com um bolo nas mãos.

A BÊNÇÃO DA INUTILIDADE

Um dos maiores presentes que a vida pode te dar é a oportunidade de saber quem continua com você quando você não tem mais nada a oferecer além de si mesmo. Não há mais fama, dinheiro, poder, persuasão, contatos, portas abertas, altares, lugares, nada.

Quando você se torna completamente inútil aos valores de uma sociedade capitalista e percebe que, ainda assim, algumas pessoas continuam do seu lado, você se sente privilegiado.

Quem estiver com você quando você não puder oferecer mais nada, leve consigo para a vida. Elas merecem tudo o que você puder oferecer. E se algum dia os holofotes se voltarem para você, lembre-se delas.

É fácil ter amigos quando se tem algo a oferecer. É fácil ter contatos quando se pode negociar valores, é simples ser querido quando as portas estão abertas para você.

Mas quando tudo ao seu redor desmorona, e, mesmo assim, alguns permanecem, você descobre a benção da inutilidade.

Quando você não tem mais nada a oferecer e mesmo assim alguns decidem ficar, você vê o que realmente importa e quem realmente importa.

Quando seu mundo ruir e alguém permanecer, não chore pelos que se foram, eles não eram de verdade. Seja grato por quem permaneceu. São esses que vale a pena ter por perto.

Capítulo 12

Boa noite, senhor torturador

Como se toda essa história narrada até aqui já não parecesse um filme de terror *hollywoodiano*, e como todo castigo parece pouco quando você está no olho do furacão, uma grande amiga me convidou para ir ao seu aniversário.

Eu não saía de casa. Desde que tudo acontecera, eu não tinha participado de nenhum evento público ou social e tampouco alguma comemoração. Mas como ela é muito querida e disse que a festa era apenas para os mais próximos, algo bem intimista, eu fiquei tentado a aceitar.

Ela me buscou em casa e reservou uma mesa bem discreta, só com pessoas de sua alta confiança, para que eu pudesse me sentir protegido. Ou seja, me cercou de cuidados por todos os lados.

Eu, ainda com quase trinta quilos a menos que a última aparição pública, estava praticamente irreconhecível. Aliados a isso um boné e barba por fazer ajudavam a tornar minha passagem despercebida.

A mesa pequena, para seis pessoas, era ocupada por mim, uma senhora e mais um casal. Tudo parecia em paz.

Quase no meio da festa, um casal chegou atrasado e a única vaga era na minha mesa.

Sentaram-se, muito simpáticos, e logo começaram a conversar.

Não sei por que ou o que leva alguém a falar sobre isso, mas o senhor que acabara de chegar começou a contar sobre seu atraso e como seu trabalho fora cansativo no dia de hoje.

Com riquezas de detalhes, ele passou a noite toda narrando como fazia para torturar presos sem deixar marcas.

Isso mesmo que você acabou de ler!

Justamente na minha mesa, num momento de descontração, na primeira vez que saio de casa para algo social, ao meu lado se assenta um agente penitenciário que tem como *hobby* torturar pessoas.

Não, ele não foi um dos que me torturaram, mas o *modus operandi* que ele usava me fez reviver cada detalhe como se estivesse acontecendo pela primeira vez.

Eu não podia fugir, não podia pedir a aniversariante que parasse a festa e me levasse para casa. Em silêncio, de cabeça baixa, eu ouvi detalhe por detalhe cada uma das fases da tortura que ele fazia com os outros presos, sabendo que o mesmo acontecera diante dos meus olhos várias vezes, e me rasgando por dentro ao ver que ele contava com orgulho e sorriso nos lábios. Ao seu lado, sua esposa acompanhava a narrativa e sua filha recém-nascida era ninada no carrinho de bebê.

Um pai de família, com sua jovem esposa e uma linda criança, passou a noite contando com enorme entusiasmo suas peripécias no ambiente de trabalho.

Não sei se você, caro leitor, tem ciência, mas existem vários tipos de torturas que foram desenvolvidas para não deixar marcas físicas e livrar os torturadores de qualquer prova ou acusação.

Não conheço todas, mas posso aqui narrar as que sofri, vivenciei ou assisti.

Caso os próximos trechos sejam pesados demais para você, sugiro pular para o próximo capítulo.

A DOR DOS OUTROS

Deixar o preso em celas próximas ao local de tortura pode devastar sua coragem. Se ele ouve os gritos de sofrimento de colegas antes de sua própria sessão, já está a meio caminho de se render. Alguns carrascos vão ainda mais longe e fazem ameaças a parentes ou amigos do torturado.

Eu mesmo ouvia, durante toda a noite, gritos que perfuravam a alma.

Aliados aos barulhos de socos e pontapés, noites intermináveis: o medo dilacerava qualquer parte de um equilíbrio emocional que você podia tentar manter. A sanidade se esvai quando os gemidos de terror brutal cortam a noite.

PRIVAÇÃO DO SONO

Se o objetivo é inutilizar a mente da vítima, poucas estratégias são mais eficientes do que a privação do sono. Com sons altos,

gritos e ataques surpresas, se torna impossível até mesmo o mais breve cochilo.

Eu vivenciei isso na pele. Gritos sem parar durante os dias. Privação de água e alimento e, durante as noites, se revezavam batendo nas grades da cela com o cassetete, tornando impossível dormir.

Por experiência própria, posso afirmar: a tortura da privação do sono, que parece algo tão simples e banal, é uma das mais aterrorizantes e cruéis já criadas.

Até hoje tenho problemas para dormir tranquilamente.

Segundo a revista *SuperInteressante*, bastam cinco dias de privação de sono para vencer as resistências de qualquer pessoa.

TOALHA E SABONETE

Usar uma toalha molhada, por exemplo, é um meio de não deixar hematomas no corpo da vítima. Neste caso, quando denunciado, o acusado se safa afirmando que é a palavra dele contra a da vítima porque não há prova do crime.

Eu vivenciei isso. Para aumentar a crueldade, colocam um sabonete dentro da toalha enrolada e molhada e batem na pessoa como quem chicoteia. Esse método te arrebenta por dentro e não deixa marcas externas. Órgãos são afetados e hemorragias são causadas, mas por fora não há hematomas.

Muitas vezes, o som dos estalos da toalha molhada no corpo se confundem com as gargalhadas de seus algozes.

TIROS DE BORRACHA

Esse não aconteceu comigo e não cheguei a ver. Apenas ouvi várias vezes, e, segundo o senhor que estava ao meu lado neste fatídico aniversário, era seu método preferido.

Ele deixava marcas, mas que poderiam ser confundida com outras sequelas prisionais, afinal, quem denunciaria um carcereiro correndo o risco de continuar no mesmo presídio ou ir parar na mão de um de seus amigos?

Segundo esse senhor que ao meu lado estava, logo pela manhã, na contagem dos presos, ele gostava de subir no muro da penitenciária e fazer a sua própria contagem, mirando sua arma com balas de borracha e fazendo tiro ao alvo com os detentos.

Orgulhoso, ele narrava que geralmente acertava na lateral do tronco, na linha da cintura onde, segundo ele, doía mais e raramente errava.

Mae, eu sei que a senhora está lendo este livro. Nunca consegui narrar esses episódios presencialmente. Desculpe a senhora saber dessa maneira. Eu achava que chegar em casa

magro, com a cabeça raspada, tendo crises de pânico e acordando durante à noite gritando era o suficiente para se saber naquela época. Em nada acrescentaria, além do sofrimento antecipado, saber tudo a que fui submetido e ainda assim continuar lutando.

Um novo dia vai raiar

O JUIZ É SUBSTITUÍDO

Hoje é dia 08 de março. Dia Internacional da Mulher. Não sei por que algumas datas definitivas desse processo acabam caindo em ocasiões peculiares.

O juiz que acompanhou o caso desde o início já tinha recebido as alegações finais do Ministério Público confirmando que eu era inocente e estava disposto a acatar, inclusive, o pedido da Promotoria de investigar minha ex-mulher por coação a testemunha.

No entanto, poucos dias antes de concluir sua sentença, ele foi substituído, e o novo juiz agora precisaria de um prazo maior para entender todo o processo e ler todos os autos.

1000 DIAS DE DOR

Ah, o tempo.

Aprendi a amá-lo e a odiá-lo ao mesmo tempo. São três anos de angústia e espera.

Para ser mais exato, já são 1000 dias de dor.

Parei de escrever ou narrar as dores. Os dias parecem iguais. Poucas são as esperanças de recuperar alguma coisa. Há meses meu telefone não toca mais ou nenhuma mensagem chega. Estou há quase um ano longe das redes sociais. O máximo que faço é postar alguma frase e mesmo assim os comentários são repletos de xingamentos – todos vindos de pessoas que se dizem cristãs.

Às vezes sinto saudade de ir à igreja. Muitas vezes sinto raiva de ter dedicado minha vida a igreja de Cristo e, como salário, ser abandonado.

Sinto vontade de comer carne, mas está muito caro. Hoje será ovo novamente. Não tenho muito o que escrever, só gostaria que a dor passasse logo.

QUEROFOBIA

Tem se falado muito sobre a busca pela felicidade recentemente. Pode até parecer estranho ouvir que alguém tenha medo de sentir uma emoção positiva. Porém, se isso está relacionado à uma felicidade seguida de uma decepção, pode ser mais comum do que imaginamos.

Seria possível haver no mundo alguém com medo de ser feliz? Pessoas em que a ideia de sentir prazer, alegria e contentamento

provoque ansiedade e desencadeie respostas físicas de aversão? Acredite, trata-se de uma fobia real que, apesar de pouco falada, vem afetando cada vez mais pessoas.

Quem tem querofobia normalmente sente medo de ser feliz porque experimentou, no passado, alguma situação traumática que veio logo depois de um momento de felicidade.

Dentre todos os sintomas, o que mais vejo e muitas vezes sinto é o medo de ser feliz. Devido a tantas decepções e notícias trágicas logo após algum momento de conforto, se sofre antecipadamente. Durante o momento de felicidade, que deveria ser aproveitado ao máximo, a sensação de que ela irá acabar a qualquer momento e alguma tragédia vai chegar é o que predomina.

Pode parecer loucura, mas é mais comum do que você pode imaginar. Tentar viver uma vida sem felicidades ou tristezas, tentar se manter no equilíbrio, sem altos e baixos, é impossível, mas quem sofre com isso prefere não ter momentos felizes para que a tristeza não venha a seguir.

A tristeza sempre vem logo em seguida? É claro que não! Mas estamos falando de pessoas como eu, que viveram situações tão desesperadoras que, em vários momentos na vida, se questionam se algum dia foram felizes ou se nasceram apenas para sofrer, e a ansiedade pelo sofrimento que ainda não veio gera a tristeza do hoje e o medo de ser feliz amanhã.

Mas existe ainda um outro medo que acomete quem é traído por quem se ama, e de todos esses medos ou fobias que relatei aqui, tem sido, para mim, um desafio.

Voltar a amar, voltar a confiar, sem achar o tempo inteiro que a pessoa que está com você não está tramando te matar a qualquer momento.

Pareceria irreal essa afirmação se eu não tivesse vivido tudo que vivi e se você não soubesse exatamente o que aconteceu. Um dia tudo estava bem. No dia seguinte o caos e a tentativa de assassinato por todos os lados.

FILOFOBIA

O medo é aquela sensação desagradável que toma conta da nossa mente e do nosso corpo quando nos sentimos – mesmo que sem motivo evidente – em alguma situação de perigo. Mas que tipo de ameaça uma emoção como o amor poderia oferecer? Por mais inusitado que pareça, não são poucas as pessoas ao redor do mundo que desenvolvem o medo de amar, conhecido como filofobia – dos termos gregos “philia” (afeição) e “phobia” (medo).

Não é como ter as famosas “borboletas no estômago”, comuns aos apaixonados. A filofobia é um medo sem justificativa, desproporcional em ansiedade e a consequência mais evidente é não conseguir levar adiante nenhum relacionamento afetivo.

Afinal, em alguma medida, a maioria de nós tem certo receio de se apaixonar. Nunca sabemos se o outro tem as mesmas intenções, se o relacionamento dará certo ou se a pessoa é digna da nossa confiança.

Porém, a maioria de nós supera esse receio e, depois de analisar a situação, decide se jogar ou não nessa nova paixão.

Relacionamentos conturbados ou abusivos e divórcios que envolvem grandes traumas são alguns dos gatilhos que podem despertar a filofobia. A pessoa associa a formação de laços afetivos com dor ou rejeição, por isso passa a evitá-los.

Não preciso nem mencionar em qual caso me encontro.

As pessoas acham que você pode acordar de manhã e simplesmente esquecer tudo pelo que passou e partir para outra. Não é drama, é fato. Quatro anos se passaram e eu não consigo me imaginar em um relacionamento com outra mulher. Trabalho isso na terapia, mas cada vez que o assunto vem à tona, eu tenho o mesmo sentimento sempre, que, em algum momento, quando eu estiver dormindo, a pessoa vai me apunhalar, literalmente, pelas costas. Eu sei que essa imagem literal em minha mente reflete de maneira simbólica o fato de eu ter sido traído e massacrado, mas como digo: a ansiedade é o oposto da confiança, e como esse tinha sido o meu primeiro grande relacionamento e único casamento, todas as memórias construídas são traumáticas.

Não tenho e nunca tive vocação para o celibato (voto de castidade que também é feito por padres e clérigos), mas hoje, mesmo após quatro anos, e mesmo com ajuda da terapia – que tem me auxiliado em tantas áreas –, ainda é muito difícil e improvável

que eu consiga me relacionar plenamente com uma mulher sem jogar em cima dela todo o peso da desconfiança e medo que ainda me cercam.

PEDIDOS INUSITADOS

Eu tenho orado para que nada roube a minha alegria no dia da vitória.

Quero poder aproveitar, espero por isso há tanto tempo.

Mas confesso que tenho medo. Será que terei voz? Que alguém me ouvirá?

Não sei. Porém, independente do que for, eu espero ao menos poder comemorar e que a paz volte a reinar.

Mas tenho pedido duas coisas com muito afinho nas minhas preces. A primeira é que a minha absolvição parta de um pedido do Ministério Público. Quero essa segurança. Quero poder encher o peito e declarar que fui investigado e a própria promotoria não viu nada em mim. Se a promotoria pedisse minha condenação e o juiz absolvesse, sempre iriam dizer que só venci porque o juiz era condescendente, mas minha oração é para que o MP e o juiz sejam unânimes na minha inocência.

Um outro pedido que tenho feito muito é que o Senador Magno Malta não seja reeleito, ou tenha foro privilegiado. Aqui no Brasil a justiça já é precária, mas se você tem algum cargo governamental, é praticamente intocável, e você nunca pagará pelo mal que fez. Se

ele não tiver foro privilegiado, será mais fácil, ainda que demorado, que um processo seja instaurado contra ele.

São pedidos quase impossíveis. O MP raramente opta pelo pedido de absolvição, e esse Senador, sempre que aparece em algum tipo de pesquisa, está em primeiro lugar.

Mas, quem sabe os céus se abrem e Deus ouça minha voz.

Capítulo 13

Inocente

Justiça inocenta Felipe Heiderich de acusação de pedofilia

Hoje é terça feira, 09 de abril. Meu advogado me ligou. Estou com medo de atender. Peço para mandar uma mensagem, mas ele insiste na ligação. Uma foto chega no *app* de mensagem: Ele está no cartório. “Meu Deus, o que aconteceu? O que é tão grave que ele não pode me falar?” Outra mensagem chega:

— *Fica calmo!*

Como alguém pode achar que dizer “Fica calmo” vai acalmar qualquer pessoa no meio de uma crise de pânico?

Silêncio.

Ele não responde mais.

— *Olha, estou aqui no cartório tirando cópia da decisão do juiz e do Ministério Público.*

— Sim, e....?

— *É apenas a 1ª Instancia, então não se preocupe.*

Minha pressão já está no chão; minhas mãos tremem, não consigo respirar.

Por que demora tanto para dar uma notícia?

Quanto tempo já passou que ele não responde? 1 hora? Ah, 10 minutos!

— Alô. Oi? Tá aí?

Silêncio

— *Acabei* — responde ele. — *O Ministério Público deu parecer favorável a você, pedindo sua absolvição com mais de 50 páginas de argumentação, mostrando como tudo foi uma trama cruel e o juiz acatou o pedido da Promotoria.*

— Tá, na prática significa o quê?

— *Você tá livre! Absolvido! Inocente!*

— O quê?

Eu esperava tanto por essa notícia, sonhei tanto com esse momento que eu não sabia o que fazer.

Mas a notícia não estava completa.

— *Olha, é bem possível que ela vá recorrer da decisão. Então essa sentença é muito boa pra você, mas não pode dizer que o assunto encerrou!*

Foi um balde de água fria. Eu estava livre ou não? A palavra do juiz era ou não a final?

Como assim recorrer? Eu tinha o aval do Ministério Público! Eu tinha lutado contra Ministros, Senadores, Delegados, Pastores, pessoas da mais alta influência e ainda não podia comemorar?

— *Comemore* — disse ele — *Você é vencedor. Saiba que ela vai recorrer e nós vamos nos manifestar.*

Sabe quando o prazer da vitória é tirado de você? Assim foi.

Eu estava muito debilitado fisicamente, não conseguia me manifestar, ou lutar para que todos vissem que eu estava livre.

Tentei algum contato com a mídia, mas em vão. Absolvição não dá ibope, diziam eles. Eu não tinha força, não conseguia gritar. Mas liguei para alguns amigos e fomos comemorar.

Todo mundo estava muito feliz. Meus amigos decidiram fazer um churrasco – eu estava há mais de três anos sem comer carne vermelha, então precisava ir com calma.

Foi um encontro muito especial; festejamos, rimos, agradecemos e tiramos fotos.

Eu ainda estava muito magro e debilitado, mas esse momento ficou eternizado na minha mente.



TEMPESTADE

O céu amanheceu carregado de nuvens. Parece que choveu a noite toda e não há previsão de trégua. As horas se passam e as ruas começam a encher de água. O Rio de Janeiro está um caos. Nas horas seguintes, falta energia elétrica. Árvores caem por causa do vento, derrubando postes de luz. A cidade está debaixo d'água.

É o primeiro dia após a minha comemoração. Há 24h eu me tornava livre, mas as comemorações que começaram ontem no fim do dia com um churrasco, hoje são interrompidas. Os ônibus e metrô não funcionam e os carros não podem sair. As ruas estão alagadas.

Acabei de me lembrar do vídeo que gravei quando fui resgatado do hospício e pedia a Deus que quando eu fosse declarado inocente, os céus se rompessem em tempestade.

Meu Pai! Será que Deus me ouviu e mandou a chuva como há muito não se via?

As notícias que recebemos no celular – que ainda tem carga – são caóticas. É o pior temporal das últimas duas décadas. Ruas e rios se tornaram um. Estamos isolados.

PASSAPORTE

As águas começam a baixar e a normalidade volta a tomar conta da vida. Minha absolvição não foi narrada nos veículos de

comunicação. Ninguém falou no assunto. Claro, a tragédia das águas tomou todos os noticiários por dias. Não havia espaço para mais nada.

Algumas semanas depois, recebi a notícia do meu advogado de que, com a minha inocência, as medidas cautelares foram anuladas. Eu não precisaria mais ir ao cartório todo mês para garantir que não havia fugido ou me escondido das autoridades, assim como não havia mais ordens de restrição.

Era estranho ser livre novamente.

Contudo, uma coisa eu fiz questão de comemorar: meu passaporte estava liberado. Pode parecer, para você, algo muito simples, mas era o primeiro documento que eu teria de volta em mais de três anos. Ele representava a liberdade, eu poderia novamente ir e vir, um detalhe pequeno que aqueceu meu coração e me trouxe um pouco de alegria.

Já sonhava com qual país eu iria primeiro. Claro, era só um sonho bobo, afinal, eu havia recuperado o passaporte e não meus bens. Eu poderia viajar à vontade, só faltava um pequeno detalhe: dinheiro!

MALTA PERDE AS ELEIÇÕES

Ah, lembra dos meus pedidos inusitados a Deus? Pois é, o Ministério Público pediu minha absolvição, e o mais incrível ainda: Magno Malta, que estava em primeiro nas pesquisas, que havia

recusado ser vice-presidente na chapa que ganharia as eleições presidenciais por estar tão bem nas pesquisas para o senado... Absurdamente, ele, que estava em primeiro, não foi eleito.

Havia duas vagas. Ele ficou em terceiro lugar. Não era vice-presidente, e agora não era mais senador. Ele não tinha mais foro privilegiado.

Todos os candidatos que apoiaram o candidato a presidente vencedor também se favoreceram nas eleições e foram eleitos, menos ele.

Deus ainda ouve minhas orações.

NOVAS ACUSAÇÕES

Mesmo que minha voz ainda não tenha chegado à grande mídia, eu já havia voltado às redes sociais. E isso incomodava muito.

Um blogueiro surgiu do nada e ganhou notoriedade apenas para me atacar. Com reportagens mentirosas e montagem nos vídeos, ele publicava absurdos e mais absurdos contra mim. Colhia depoimentos de pessoas que eu não conhecia, atribuía a mim crimes de charlatanismo e organização criminosa, dentre outros que sequer lembro ou preferi não tomar conhecimento; além de publicar partes do processo que estavam em segredo de justiça e ter acesso a fotos que somente eu e minha ex tínhamos em nossos celulares.

O caos voltou a reinar. Fui tentar descobrir quem era esse blogueiro e descobri que tanto o seu *YouTube* como o seu Instagram foram criados exclusivamente para me atacar, e como todas as suas informações eram compartilhadas pela minha ex, muitas pessoas voltaram a questionar se eu era realmente inocente.

Por causa disso, registrei algumas queixas-crimes contra ele e contra minha ex, mas assim como o processo de sequestro e cárcere, que quase não andava, eu sabia que pouca coisa seria feita e ela não seria punida, mesmo continuando a se referir a mim como estuprador, pedófilo e réu. E esse blogueiro? Bom, vamos falar sobre ele um pouco mais a frente. Havia muita gente poderosa por trás disso tudo.

MARIA DA PENHA

Se esse livro chegou às suas mãos, significa que vencemos mais uma etapa.

Como se não bastasse todo sofrimento ao qual fui submetido, ao conseguir dar a primeira entrevista após minha absolvição, e ver, ainda que poucos, jornais noticiando, mesmo depois de ter que enfrentar todo tipo de tortura, minha ex entrou com um processo contra mim se utilizando da Lei Maria da Penha.

A Lei Maria da Penha é uma lei distrital brasileira cujo objetivo principal é estipular a punição adequada e coibir atos de violência doméstica contra a mulher.

Sim, foi isso que você leu.

Eu nunca agredi qualquer pessoa, mas falar sobre a minha absolvição manchava a honra da minha ex, e, por causa disso, ela entrou com um pedido de medidas cautelares contra mim e um processo por agressão moral.

É isso mesmo, se não bastasse tudo pelo que passei, ela continua me impedindo de contar o meu lado da história, mesmo que seja sobre um processo que eu ganhei em todas as instâncias e que os magistrados tenham decidido isso.

Pasmem: ela conseguiu as medidas cautelares contra mim. Mesmo depois de tudo isso, ainda teve uma juíza que achou que eu não deveria contar a história, pois estava manchando a honra da minha ex.

É claro que estamos recorrendo. Enquanto escrevo estas linhas, meu advogado, Dr. Marcelo Bruner, redige minha defesa.

Faça um exercício comigo. Imagine o seguinte cenário: Você está caminhando normalmente pela calçada da rua onde você mora; você foi à padaria comprar pão. No retorno para casa, alguém lhe assalta e agride covardemente. Você vai até a delegacia e faz um boletim de ocorrência. Ao verificar as câmeras da rua, o assaltante é identificado e você mostra para os policiais e pessoas a foto do homem que te assaltou e agrediu.

O assaltante não gostou de ter sido identificado e, por isso, abre um processo contra você por divulgar a imagem dele e trazer prejuízo aos seus negócios. Um juiz aceita o pedido. A partir de agora, você pode dizer que foi agredido e assaltado, no entanto, mesmo sabendo quem cometeu o crime, não pode dizer.

Isso faz sentido para você? Não parece uma total distorção da lei e da justiça?

É assim que me sinto. Posso dizer que fui torturado, sequestrado e internado num hospício. Posso dizer que fui preso injustamente e sofri um linchamento social que dura até hoje, mas jamais, em hipótese alguma, posso dizer quem fez isso, nem mesmo dar indícios, pois a pessoa que fez não quer ter seu nome visto de forma pejorativa.

E o que aconteceu comigo pode ficar por isso mesmo?

Às vezes tenho a sensação de que o hidrante está fazendo xixi no cachorro. O mundo está invertido. Fazer tudo certo, como mandam as regras e leis, parece não surgir resultado, enquanto os maus tramam, roubam, traem, mentem, subornam e nada lhes acontece.

O coração entristece.

É difícil seguir.

Não se esqueça, eu ainda faço tratamento para Depressão, Síndrome do Pânico, TEPT entre outras coisas, mas foi nisso que se tornou uma lei tão importante como a Maria da Penha.

Imagine quantas mulheres são vítimas reais de seus companheiros e precisam do auxílio da justiça, muitas vezes para sobreviver, mas transformaram uma lei tão importante e única nisso. Qualquer mulher pode usá-la contra seu parceiro se não gostar do que ele está falando, mesmo que ele esteja apenas tentando limpar a própria imagem destruída por ela.

Por isso, mais uma vez eu quero frisar: cada vez que uma denúncia falsa é feita, uma vítima real perde a voz.

NINGUÉM VAI ESQUECER, VOCÊ SEMPRE SERÁ UM PEDÓFILO.

Muitas pessoas ainda me tratam como um criminoso. A notícia da minha absolvição não ganhou força. Ainda ouço o eco das falas dos meus “amigos” no início desse calvário: “Você nunca mais vai se recuperar, sua reputação estará manchada para sempre”.

Eu me recusava a acreditar nisso, mas mesmo após provar minha inocência na justiça, eu precisava provar diariamente que eu era inocente.

Se eu escrevesse qualquer coisa na internet e alguém não gostasse, a resposta era sempre a mesma: “Fica quieto que é melhor, seu pedófilo”.

Com uma tristeza de rasgar a alma, eu vi, dia após dia, a certeza de que jamais conseguiria ter voz novamente.

A internet é um lugar cruel. Vivemos a era do cancelamento.

Se eu não gosto de algo que alguém escreveu ou falou, preciso de qualquer forma apagar essa pessoa da sociedade. Ela precisa penar, sofrer, só assim meu desejo de sangue e justiça será saciado, pelo menos por hoje. Amanhã precisarei de um novo “Judas”. Assim é a internet.

Em 2016, quando sofri todo o processo, ainda não se falava em “cancelamento”. Hoje vejo que o que tentaram fazer comigo não foi nada além disso: me apagar da história. Mesmo que, para isso, eu precisasse sofrer e sangrar até não poder mais resistir.

Mesmo com o passar dos anos, ainda sou surpreendido por mensagens de pessoas que tomaram ciência da minha inocência e decidiram entrar em contato comigo para dizer que não sabiam disso e que achavam que eu ainda era culpado ou estava na prisão.

Veja como é forte o poder da mentira.

Não importa em quantos jornais eu passe ou quantas matérias sejam publicadas sobre mim, nada substituirá as semanas, em todos os jornais e canais de TV, cujo único assunto era eu sendo acusado de algo que nunca fiz.

Entende por que ela ainda tenta calar a minha voz?

Mas admito, cada vez que sou chamado de *monstro* ou dizem que não posso opinar sobre algo porque sou pedófilo, meu coração sangra e uma parte de mim morre.

A maldade sempre faz mais barulho.

Não importa a sua inocência. Não importa a verdade. Mas nem por isso desistimos. Precisamos acreditar que o bem ainda é maioria e que as pessoas boas sempre estarão ao seu lado.

Os dias passaram, as semanas deram lugar aos meses que viraram anos.

Hoje recebi um conselho muito sábio de uma amiga, a Mari Vieira:

“Felipe, você não parou, você foi parado. E agora, o que você vai fazer com isso? Vai deixar que continuem vencendo contra você ou vai tomar as rédeas da vida nas suas mãos?”

Eu sei, parece óbvio, mas fez todo sentido para mim neste momento. Não fui eu que parei. Forçaram a minha parada. E eu estava definhando, agonizando enquanto os que fizeram tudo isso dormiam tranquilamente em seus travesseiros de pena de ganso e lençóis de fios egípcios. Quem estava ficando cadavérico era eu, então o que fazer?

Comecei a escrever. Comecei a me exercitar. Me permiti sair mais de casa, mesmo com medo. Me permiti conhecer novas pessoas, mesmo com receio. Me permiti tratar a depressão e o TEPT com terapia e remédios.

Aos poucos a vida foi voltando para dentro de mim. Comecei a ganhar peso e já não há mais tanta dificuldade para ficar de pé.

A cor foi voltando à minha pele; o amarelo terminal deu lugar ao branco saudável. Resolvi cortar o cabelo e vi como simples cuidados fazem a diferença.

Mesmo ainda com dificuldades de memorizar e ler, ainda mais para escrever, me matriculei em um curso de orquidicultura on-line, e durante quatro meses me especializei no plantio dos diferentes tipos de orquídeas.

Sai pelas ruas e recolhi gravetos, serrei-os e montei um jardim vertical no apartamento. Decorei com orquídeas que ganhava e o

lugar que antes era cinza estava agora sempre florido, verde, e os pássaros começaram a vir ao jardim com mais frequência.

O jardim se tornou um refúgio, físico e emocional. Chamava a atenção de quem o via; estava lindo, até uma cascata de água havia nele. Fiz cada detalhe com as mãos. Levou tempo, gerou calos, ocupou a mente e deu propósito.

Comecei a festejar as datas e o ano de 2019 deu lugar a 2020.

Aos poucos comecei a rascunhar aquilo que se tornaria o livro que você lê hoje. E foi muito difícil.

Cada momento lembrado dilacerou a alma, mas também trouxe cura. Falar sobre isso ajuda a superar e por isso não me calarei, afinal, eu também tenho muito a dizer.

Mas lembra que a outra parte iria recorrer da decisão? Os meses se passaram e a angústia do novo julgamento rodeava meus pensamentos.

VAMOS ANULAR O PROCESSO

A jogada foi ousada. Os advogados da minha ex pediram a anulação da sentença em primeira instância, mesmo com aval da promotoria. Alegaram inúmeras coisas que, a essa altura da estrada, eu não quis me inteirar por sanidade mental.

Na segunda instância, os desembargadores enviaram todo o processo para a procuradoria – que é o MP da segunda instância –, a fim de avaliar possíveis faltas e dar seu aval.

Quase dois meses se passam e, por fim, o parecer vem, e com ele a sentença de que o processo estava completamente de acordo com todos os trâmites e que as decisões dos magistrados da primeira instância estavam totalmente de acordo com o aval da procuradoria.

Mais uma vitória.

Havíamos ganhado com o aval do Ministério Público, do Juiz de Primeira Instância e a Procuradoria da Segunda Instância. Já eram três a zero.

Mas ainda faltavam três desembargadores. E o parecer deles seria crucial.

A partir desse momento eu não quis mais acompanhar o andamento de cada ação. Já havia vivenciado isso da primeira vez e só me fez mal. Ou eu passava os dias me martirizando, acompanhando cada andamento da justiça, e voltava a desfalecer, ou acreditava que Deus, enfim, faria justiça.

Ou pelo menos parte dela.

SEGUNDA INSTÂNCIA

O telefone toca.

Eu olho e é meu advogado. Ele raramente liga, geralmente manda mensagem.

Olho para o telefone e hoje é dia 29 de setembro de 2020. Novamente uma terça-feira.

Fico com medo de atender, mas atendo com medo mesmo.

Do outro lado ele simplesmente diz:

— *Acabou!*

— Acabou o quê? Perdemos? Ganhamos? Do que você está falando?

— *Acabou! Eram três votos, de três desembargadores, e sua absolvição foi unânime. Por onde seu processo passou, todos os magistrados que tiveram acesso a eles decidiram da mesma forma: Unânime. Você está livre, é inocente!*

Eu comecei a gritar.

Não estava fraco e abatido como da primeira vez. Já existia força e garra em mim.

Fiz algo que não fazia não me lembro há quanto tempo. Liguei o celular e comecei a gravar gritando:

INOCENTEEE!

Postei nas redes sociais e gritei até ficar rouco.

Em poucas horas, não se falava em outra coisa. Minha euforia havia contaminado milhares de pessoas, e agora os jornais queriam falar sobre o assunto. E minha absolvição ganhou mídia.

O mais engraçado foi que, ao gravar o vídeo, ao final eu soltei um: “*chupa!*”

E como essa frase ganhou destaque. Muitos criticaram o fato de um religioso dizer “chupa”, que seria como uma interjeição de desdém. Outros entenderam que esse grito estava entalado na minha garganta há mais de quatro anos.

Quando gritei “chupa”, foi como expelir um tumor e agora ninguém poderia calar a minha voz.

A decisão era unânime. A vitória se fez por SEIS a zero: *“chupa”!*

6 a zero!

UMA LUTA DE DAVI E GOLIAS

Com a repercussão do caso, muitas pessoas foram atrás daquele blogueiro que havia forjado tantas coisas contra mim.

Ele agora era mais conhecido. Sua ação contra mim havia lhe rendido mídia e ele já lutava outras causas.

Seu nome: Oswaldo Eustáquio!

Ele se tornou queridinho de alguns movimentos e acreditou que, assim como ele tinha alcançado êxito contra mim, ninguém poderia pará-lo. Participou de atos antidemocráticos e acabou sendo investigado.

Ao ser questionado por um jornalista o porquê de ter feito tudo aquilo comigo, e querendo se eximir da culpa e crimes, delatou:

“Fiz a pedido da Ministra dos Direitos Humanos e da Família. Minha esposa é assessora da Ministra e a pedido dela eu fiz o que fiz.”

Meu Deus! Por isso meus pedidos de ajuda aos Direitos Humanos nunca deram em nada!

Grande parte da maldade feita contra mim tinha o aval dos Direitos Humanos, ou pelo menos foi o que esse blogueiro disse.

Para ligar os pontos, a Ministra que ocupava o cargo dos Direitos Humanos e Família, era antes, assessora do Magno Malta.

Mundo pequeno, não?

DEUS LEVA UM TEMPÃO PARA FAZER TUDO DE REPENTE.

O Deserto é um lugar de variações. Durante o dia pode chegar à 50° C e à noite cair para -10° C. A vida é feita de altos e baixos.

Ninguém é só feliz ou apenas triste. Somos a soma de nossas emoções e vivências.

O equilíbrio e a estabilidade tão almejados, se vistos num exame do coração, significam que você está morto. A linha reta mostra ausência de vida no eletrocardiograma. Mas se há vida em você, logo o gráfico estará oscilando, para cima e para baixo.

E assim é a nossa trajetória. Mesmo que as tristezas durem, elas não serão eternas. E isso quem está falando é uma pessoa que luta diariamente contra a depressão.

Eu tenho depressão, mas ela não me tem.

É curioso também como as pessoas tendem a ver suas vitórias e conquistas e achar que foi sorte ou que tudo aconteceu muito rápido. Não é assim. Cada sorriso foi conquistado com muitas lágrimas e cada vitória com dias de dor. É assim comigo e também com você.

Não sou especial porque sobrevivi. Não sou melhor porque aguentei. Tenho o mesmo valor daqueles que ficaram pelo caminho.

Eu sei que as pessoas anseiam por super-heróis, por milagres vivos. Se esse é o seu intuito, saiba que eu não sou essa pessoa. Não considero meu fardo mais pesado que o de ninguém, apenas diferente. Deus sabe até onde suportamos e, assim como você, eu também quis desistir várias vezes. Eu fiquei cansado de tudo.

Parece que a vida tem poucos pontos de felicidades no meio de um oceano de dores, mas seja como for, eu só conheço o ontem e um pouco do hoje, o amanhã não está sob o meu controle.

Sempre digo que creio que, por mais que eu possa duvidar, Deus nunca perdeu o controle da história e Ele leva um tempão para fazer tudo de repente.

Quando nos apegamos ao que perdemos, a gratidão se torna inimiga. E a gratidão é a ponte para uma vida melhor. A gratidão é o único sentimento externo que mostra quem você é por dentro.

Mudar o foco do olhar e a forma como encaramos a vida define como você estará. Você poderá ter glórias e fracassos, mas a forma como você viverá cada um deles foi definida lá atrás, quando resolveu mudar o foco e, apesar das dificuldades, ser moldado pela gratidão.

Muitas vezes eu ficava com ódio quando alguém me dizia para aprender a ser grato. Já conversei aqui com vocês: havia dias que eu não queria ser grato por nada. Não se cobre ser uma máquina ou ser alguém para agradar os outros. Isso vai além dessa superficialidade. Vai definir a sua força. Vai moldar seus músculos emocionais, será seu escudo nas batalhas das acusações. Aprender a ser grato revela a essência e mostra que, apesar de tudo na vida, seja bom ou ruim, você será transparente, e a transparência te faz viver.

Agora você não pode mais dizer muitas coisas.

Uma das frases que marcou meu discurso sempre que me acusavam de algo ou que repetiam mais uma acusação advinda da minha ex, sem nenhum tipo de prova, só para vomitar ódio ao vento era: “Ela diz muitas coisas”.

E como ela disse.

Falou demais, e até hoje perdeu todos os processos. Ela não pode falar mais. Caso fale, será responsabilizada por isso.

Confesso que existe um sentimento de justiça interna quando você vê que a pessoa que tentou de todas as formas te destruir, não pode sequer citar mais o seu nome. Agora só falta pagar perante a justiça todo o mal que me fez.

Que bom que eu sou uma pessoa de bem e não enlaço ninguém em maldade. Já imaginou se eu devolvesse com a mesma moeda a todos que me apedrejaram? Acho que as colunas de jornais estariam recheadas com os bastidores do mundo gospel fantasiado de santidade por tantos.

Capítulo 14

Vai amanhecer

EU FUI QUEBRADO

Meu choro durou muitas noites. Para ser exato, foram 1.559 dias de dor, angústia, privação e choro. Mais de quatro anos em agonia. E sei que ainda não acabou. Mas a dor da falsa acusação não dói mais em mim. Eu sou um homem livre e a minha alegria veio, assim como citado nos salmos que:

“o choro pode durar uma noite, mas a alegria vem ao amanhecer”

Salmo 30.5

Mesmo que o meu choro tenha durado noites demais, eu sei que a alegria vem. Isso é fé.

A fé existe para quando você tem perguntas sem resposta. A fé existe para quando você não sabe o que fazer, o que vai acontecer. A fé está ali justamente para quando você tem medo e não sabe como seguir.

Se tivéssemos todas as respostas ou soubéssemos todos os caminhos, não seria necessário ter fé.

Quando uma interrogação brotar na sua mente diante de qualquer situação, ali estará a oportunidade da fé se manifestar, e a minha veio. Posso, mesmo com todos os meus traumas, olhar para frente e enxergar um futuro.

Eu sempre me perguntarei “Por que eu?” Minha resposta nunca virá. Ou talvez venha, não sei. Hoje afirmo que sou um sobrevivente, eu combati meu bom (não tão bom assim) combate. Mesmo depois de perder tudo – e se você lê essa história hoje, significa que sobrevivemos.

Eu e você. Com dores, traumas, lembranças, amores, fé. Pode ser que cheio de cicatrizes, afinal, a cicatriz é o diploma da vida, mas sobrevivemos.

E por mais que em algum momento possamos estar sob os laços da maldade humana, Deus ainda continua no controle, e nada, absolutamente nada, passa despercebido. E aí daquele que fala em nome de Deus coisas que Ele nunca disse.

Mesmo com toda essa narrativa, que parece ter saído das mais brilhantes mentes do suspense e terror; mesmo sendo cada uma delas real e muito mais doloridas do que se pode imaginar; mesmo não sendo possível contar com palavras tudo o que me aconteceu, ainda assim não é e nunca será uma história onde o mal venceu. Pois mesmo que a luta não tenha acabado, eu não permitirei que ele vença. E oro por isso. Quem sabe Deus, do alto dos céus, não atenda mais um pedido inusitado?

A Culpa

Mas eu também preciso assumir minha culpa. Eu não sou inocente!

Sou culpado por amar demais;

Sou culpado por ser ingênuo demais;

Sou culpado por não pedir ajuda, achando que tudo se resolve única e exclusivamente com oração. Deus capacitou homens na terra e deu a eles dons e talentos justamente para ajudar.

Pedir ajuda não deveria ser vergonha, mas eu sempre tive dificuldade em pedir por socorro.

Então como desvendar uma alma?

Um sorriso pode ser de felicidade, mas também de nervoso.

Uma lágrima pode ser de tristeza ou de emoção.

Como saber que alguém precisa de ajuda? Como separar se o que a pessoa diz é apenas mais um “drama” ou um grito de socorro em seus dias de aflição?

As perguntas podem ser muitas, mas a resposta continua sendo uma só:

“Se importe”!

Se importar nem sempre tem a ver com palavras bonitas ou certeiras. Mas sim com estar perto.

Nem sempre com um discurso motivacional, mas com um abraço.

Se importar é mais do que ter uma opinião formada, é estar perto mesmo em silêncio.

É mais do que perguntar se “vai tudo bem”, é ir junto.

Mas se importar dá trabalho.

É mais fácil lavar as mãos, entregar para Deus ou “apenas” fazer uma breve oração.

Para lembrar da forma da palavra: ORAÇÃO É ORAR + AÇÃO.

Se importar é ser o divisor de águas na vida de alguém.

Um lampejo de luz em meio ao caos.

É ser esperança em dias sombrios.

É ser luz, ou não ser nada.

Há um clamor nas ruas, nas casas, nos quartos.

Há um grito que não tem sido ouvido.

Há um gemido que não tem sido sentido.

Há um convite a se importar.

Jesus veio ao mundo porque se importou comigo e com você.

E você veio ao mundo para quê?

Não olhe apenas para cima, aprenda a olhar para o lado também!

A verdade constrói bases que sustentam castelos.

A esperança atravessa o rio do desânimo pela fonte da fé e nos faz chegar ao outro lado com o coração grato. Esperança é esperar em algo que você não vê. Fé é a certeza de que a esperança vai se cumprir.

A Esperança nos faz olhar para o caos, respirar fundo e continuar

E lembre-se: Na Cruz as lágrimas viram esperança.

Por isso uma das palavras finais que quero deixar neste duro relato é: há esperança.

HÁ ESPERANÇA

Com muita dificuldade, aqui deste quarto de hotel, consigo terminar esta história. O tempo lá fora está nublado, o clima agradável. Por dentro ainda tremo por ter que reviver tudo isso para poder escrever, mas também sinto paz. Isso acalma.

Tomo um pouco de café e decido sair, enfim, do quarto e caminhar um pouco na praia neste início de tarde.

O local está vazio. O barulho das ondas quebrando na praia sempre foi terapêutico. Apanho algumas conchinhas na areia como recordação, para nunca esquecer deste lugar, deste momento, e me sento de frente ao mar para agradecer a Deus por sobreviver e conseguir contar.

O tempo passa, não sei se fiquei ali minutos ou horas, mas começo a sentir que a vida vai mudar e algo bom enfim vai acontecer.

De repente, ao longe, vejo um rapaz correndo na areia.

Ele passa por mim; para um pouco à frente, como quem tenta se lembrar de algo.

Eu continuo olhando para o mar.

Devagar, ele se aproxima:

— Por acaso você é o Felipe?

— Oi, sim — respondo como alguém que não sabe se fica feliz ou apreensivo de ter sido reconhecido.

— Então, eu acompanhei toda a sua história, nem acredito que te encontrei aqui. Tenho um programa de entrevistas e gostaria de te convidar para contar sua história lá. O que acha?

Sem saber exatamente o que dizer, ou se deveria simplesmente concordar para que ele voltasse aos seus afazeres, eu enfim levanto a cabeça e olho em sua direção.

Meus olhos encontram os dele, como que atraídos por uma sensação nova, inexplicável e, de repente, aquele dia tão cinza assistia brotar uma nova cor.

Ou melhor, um arco-íris inteiro.

Fim, ou não...

LINKS DOS VÍDEOS

(clique no nome do vídeo ou leia o QR Code para ser redirecionado)

[Vídeo “Sob os laços da maldade”](#)



[Resgatado do Hospício](#)



[Relatos 2º Dia](#)



[Relatos 3º Dia](#)



[Relatos 4º Dia](#)



[Relatos 5º Dia](#)



[Relatos 6º Dia](#)



[Me entregando a Polícia](#)



[Declaração](#)



[Tept](#)



[1ª Instância](#)



2ª Instância Unanimidade



Matéria



BIOGRAFIA



Graduado em Teologia, Mestrado em Divindade e Pós Graduando em Direitos Humanos. Desde 2009 é atuante como pregador, conselheiro familiar e conferencista de grandes congressos.

Diferenciado por sua linguagem simples, mas pontual e social teológica, se tornou conhecido nacionalmente em diversos países por suas ministrações, sempre dinâmicas e com muito embasamento bíblico.

[1] Aliança Mundial de Evangelização e Ensino

[2] **Gaslighting** ou **gas-lighting** é uma forma de abuso psicológico no qual informações são distorcidas, seletivamente omitidas para favorecer o abusador ou simplesmente inventadas com a intenção de fazer a vítima duvidar de sua própria memória, percepção e sanidade.

[3] Amigo dos Amigos

[4] O *transtorno do estresse pós-traumático* é um distúrbio da ansiedade onde você revive a cena do trauma sofrido continuamente, como se estivesse acontecendo pela primeira vez.